



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

JOSÉ WALTER REGO RESENDE

DO UNIVERSO REIFICADO AO CONSENSUAL: A TRANSFORMAÇÃO
DO CONHECIMENTO PSICOLÓGICO CIENTÍFICO EM SENSO COMUM
– A JUVENTUDE EM FOCO

PETROLINA/PE

2017

JOSÉ WALTER REGO RESENDE

**DO UNIVERSO REIFICADO AO CONSENSUAL: A TRANSFORMAÇÃO
DO CONHECIMENTO PSICOLOGICO CIENTÍFICO EM SENSO COMUM
– A JUVENTUDE EM FOCO**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, como partes dos requisitos para obtenção do título de mestre em Psicologia, da Universidade Federal do Vale do São Francisco. Linha de pesquisa: Processos Psicossociais.

Orientador:

Prof. Dr. Daniel Henrique Pereira Espíndula

PETROLINA/PE

2017

R433e Resende, José Walter Rego
Do universo reificado ao consensual: a transformação do conhecimento psicológico científico em senso comum – A juventude em foco / José Walter Rego Resende. -- Petrolina, 2017. xi, 125 f. : il. ; 29 cm.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Petrolina, Petrolina-PE, 2017.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Henrique Pereira Espíndula.

Referências.
1. Juventude. 2. Jovens - Representação social. 3. Produção científica - Psicologia. I. Título. II. Universidade Federal do Vale do São Francisco.

CDD 305.235

Nome: José Walter Rego Resende

Título: Do universo reificado ao consensual: a transformação do conhecimento psicológico científico em senso comum – A juventude em foco

Dissertação submetida ao programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco, para obtenção do título de Mestre em Psicologia. Linha de pesquisa: Processos Psicossociais.

Dissertação defendida e aprovada em: ____/____/2017.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Daniel Henrique Pereira Espíndula

Instituição: UNIVASF (orientador) Assinatura: _____

Profa. Dra. Lucivanda Cavalcante Borges de Sousa

Instituição: UNIVASF Assinatura: _____

Profa. Dra. Maria Cristina Smith Menandro

Instituição: UFES Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

À memória de meu pai (José Wilson Ramos de Resende).

AGRADECIMENTOS

A Deus.

À minha mãe, Francisca Rego, por seu carinho, cuidado e amor incondicional, assim como pelas inúmeras renúncias ao longo da vida em favor da minha formação e de meu irmão.

Ao irmão José Willian, pela ajuda e conselhos ao longo desta jornada, também pela confiança, torcida e apoio.

Às minhas irmãs, Neuma, Teneusa e Tatiana por acreditarem em mim, pela amizade e por me darem forças para a realização deste sonho.

À vovó Ester Rego, exemplo de mulher batalhadora, pela preocupação e carinho que sempre demonstrou ter por mim e por toda sua família.

À vovó Neusa Resende (in memoriam), por todo amor que me deu em vida.

Aos meus sobrinhos Luma, André, Mabson, Benício e Wilson Netto, pela alegria de viver e doce motivação.

Aos amigos por acreditarem na concretização deste momento e que anseiam junto a mim pela compensação posterior dos esforços até aqui investidos.

Ao meu orientador professor Dr. Daniel Espíndula, pela qualidade da formação intelectual que me proporcionou na UNIVASF, por sua seriedade no desenvolvimento desta dissertação e, ainda, pelos momentos extra-acadêmicos.

Aos mestres Christian Vichi, Marina Gonçalves, Luciana Duccini, Marcelo Ribeiro, Geida Souza, Diego Moura, Emerson Diógenes e Susanne Sousa, pelas contribuições intelectuais durante o mestrado.

Às professoras Lucivanda Cavalcante Borges de Sousa e Maria Cristina Smith Menandro, pela disposição em compor a banca de avaliação desta dissertação de mestrado.

À galera do Laboratório de Psicologia Social – LAPSO (Thiago, Lua, Catarine,

Vinícius, Yago, Manu, Pablo, Raiza, Jorge e Rychardson) pela acolhida e pelos bons momentos compartilhados.

Aos colegas da turma do mestrado em Psicologia da UNIVASF, em especial ao amigo Heleno Pereira, Paulo Gregório e Nayara Trocoli pelo apoio, pelas angústias compartilhadas, risos trocados e aventuras vividas no universo acadêmico e extra-acadêmico.

À Patrícia Beserra, secretária do mestrado em psicologia da UNIVASF, pelos inúmeros “quebra-galhos” e disposição que sempre demonstrou em me ajudar quando necessário e no que era possível.

À amiga Graziela Cavalcante Araújo, pernambucana arretada, grande cúmplice e parceira que conheci na UNIVASF. Grato pela amizade, carinho e conselhos!

À Eliete Nery e Moisés Moraes, piauienses que conheci em Petrolina. Jamais me esquecerei das nossas conversas e das nossas gargalhadas nas horas vagas. Obrigado pela acolhida!!

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste momento.

Do universo reificado ao consensual: a transformação do conhecimento psicológico científico em senso comum – a juventude em foco

Resumo

A temática da juventude tem despertado interesse em diversas áreas do conhecimento, podendo ser verificada na crescente publicação de estudos científicos e informações veiculadas pela mídia sobre o assunto. Apesar do aumento de publicações científicas e informações na mídia que envolvem os jovens, observa-se uma dificuldade em conceituar e investigar o fenômeno. Tal questão fomenta a elaboração de pesquisas e diferentes representações sobre juventude. Nessa perspectiva, esta dissertação teve como objetivo analisar e discutir o tema juventude a partir de duas investigações. O primeiro estudo trata de uma revisão sistemática, no qual teve como objetivo analisar a produção científica sobre a temática da juventude em artigos da área de Psicologia vinculados a periódicos nacionais publicados entre os anos de 2006 a 2015. A partir dos descritores *jovem* e *juventude* foi realizada a busca de artigos em duas bases de dados (SciELO e PePSIC). Entre os resultados, constatou-se uma maior concentração de pesquisas sob o escopo da psicologia social, tratamento e prevenção psicológica, demarcados por estudos psicanalíticos, e, psicologia do desenvolvimento humano. Os estudos analisados encontram-se publicados em revistas com Qualis CAPES em sua maioria com classificação B1, A1 e A2. O segundo estudo trata-se de uma pesquisa de natureza documental, no qual teve como objetivo investigar as representações sociais da juventude em matérias do jornal Folha de São Paulo publicadas no ano de 2014. Entre os resultados, destaca-se uma das representações sociais da juventude pela mídia paulista relacionada a *Problemas*, ancorada em informações negativas atribuídas a uma juventude sem formação ou qualificação profissional, de baixa renda e sem trabalho. Ambas investigações trouxeram contribuições que possibilitaram entender que as discussões que envolvem a juventude são atravessadas por múltiplos aspectos, tais como: fatores físicos e maturacionais do desenvolvimento humano, cultura, renda, escolaridade, classe social, raça, etc. Isso pode ser levado em consideração como um dos motivos que justificaram a identificação da ideia de juventudes no plural, não sendo juventude, um termo unívoco. Verificou-se ainda que a ciência cumpre com o objetivo de nortear o pensamento da sociedade e, nessa dinâmica, é concebido aos meios de comunicação (como a imprensa), a tarefa de re(criar) as representações sociais oriundas do universo reificado.

Palavras-Chave: Revisão sistemática. Periódicos. Juventude. Representação social. Mídia.

From the reified to the consensual universe: the transformation of scientific psychological knowledge into common sense - the youth in focus

Abstract

The theme of youth has aroused interest in several areas of knowledge, and can be verified in the growing publication of scientific studies and information sold by the media on the subject. Despite the increase in scientific publications and media information involving young people, there is a difficulty in conceptualizing and investigating the phenomenon. This issue encourages the development of research and different representations on youth. From this perspective, this dissertation aimed to analyze and discuss the youth theme from two investigations. The first study deals with a systematic review, in which it sought to analyze the scientific production on the subject in the field of Psychology from scientific articles published in national journals between the years 2006 to 2015. From the descriptors young and youth was made the search of articles in two databases (SciELO and PePSIC). The results we found a greater concentration of research under the scope of social psychology, psychological treatment and prevention, demarcated by psychoanalytic studies, and human development psychology. The studies analyzed are published in journals with Qualis CAPES, mostly with B1, A1 and A2 classification. The second study is a research of a documentary nature, in which the objective was to investigate the social representations of youth in matters of the newspaper Folha de São Paulo published in the year 2014. The search for the reports on the newspaper's website occurred in its printed and online version published throughout the year 2014. Among the results, one of the social representations of youth by the São Paulo media related to Problems stands out, anchored in negative information attributed to a youth without vocational training or qualification, of low income and without work. Both investigations have brought contributions that have made possible to understand and to know different perspectives on the phenomenon in question and, mainly, that the discussions that involve youth are crossed by multiple aspects, such as: physical and maturational factors of human development, culture, income, schooling, class social, race, etc. This can be taken into account as one of the reasons that justified the identification of the idea of youth in the plural, not being a youth, a univocal term. It was also verified that science fulfills the objective of guiding the thinking of society and, in this dynamic, it is conceived for the media (like the press), the task of re (creating) the social representations coming from the reified universe.

Key words: Systematic review. Newspapers. Youth. Social representation. Media.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS

LISTA DE TABELAS

APRESENTAÇÃO.....	12
OBJETIVOS.....	15
ORGANIZAÇÃO DA TESE.....	16
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	17
ARTIGO I - REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA SOBRE JUVENTUDE EM PERIÓDICOS NACIONAIS.....	38
ARTIGO II - JUVENTUDE EM FOCO: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA JUVENTUDE NA FOLHA DE SÃO PAULO.....	81
CONCLUSÃO.....	115
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	121

LISTA DE FIGURAS

ARTIGO I

FIGURA 01 - Distribuição dos artigos por áreas de conhecimento da Psicologia, segundo o CNPq – Totais absolutos e relativos, 2006-2015

ARTIGO II

FIGURA 1 - Dendograma da análise hierárquica descendente em relação às representações sociais das matérias sobre juventude

FIGURA 2 - Análise de similitude de palavras relacionadas às matérias sobre juventude

LISTA DE TABELAS

ARTIGO I

TABELA 1 - Revista, Qualis CAPES e quantidade de artigo por periódico

TABELA 2 - Tamanho da amostra – Por estudos e as utilizadas por área do conhecimento

TABELA 3 - Instrumentos de coleta de dados - Por estudos e os utilizados por área do conhecimento

TABELA 4 - Tipo de análise - Por estudos e as utilizadas por área do conhecimento

ARTIGO II

TABELA 1 - Análise de Conteúdo - Matérias sobre juventude jornal Folha de São Paulo - 2014

APRESENTAÇÃO

Esta dissertação foi desenvolvida com o intuito de discutir e aprofundar a temática da juventude, mesmo sabendo que atribuir um significado que contemple o termo juventude não é uma tarefa fácil, dada a sua dimensão e elasticidade, envolvendo questões de cunho biológico, social, cultural e psíquico dos seres humanos (Trancoso & Oliveira, 2014). Ademais, o tema tem sido discutido a partir de diferentes teorias, analisado por diversos métodos e relacionado a distintos assuntos contemporâneos (Mattos & Castro, 2016; Takeiti, & Vicentin, 2015; Pappámikail, 2010; Menandro, Trindade & Almeida, 2010).

Souza e Paiva (2012) salientam que dissertar sobre juventude traz em si a complexidade típica das significações que lhe são atribuídas. A discussão sobre tal fenômeno faz jus a diversos contextos e situações marcadas por transformações sociais e políticas, como também pelos novos modos de organização dos grupos em sociedade.

O termo juventude parte da construção social fruto do diálogo entre o humano (individual) e social (coletivo), sendo este engendrado por vários fatores, sejam eles de ordem social, econômica, cultural e biológica (Mattos & Castro, 2016). Ainda segundo os autores, a atenção dirigida aos jovens tem sido discutida quando os mesmos começam a assumir tarefas que envolvem tomada de posição, escolha profissional, ingresso em um curso superior, participação em programas sociais ou não-governamental, busca pelo emprego e a saída da casa dos pais.

Quando analisadas as denominações, observa-se que existem atribuições e divisões na identificação de quem é considerado jovem. Para a Organização Mundial da Saúde – OMS (1985) o conceito juventude alude a uma classificação fundamentalmente sociológica, a qual indica um período de preparação para o sujeito estabelecer perante a sociedade uma postura adulta. Envolve uma gama de ações e investidura no plano social, familiar e profissional, sendo considerada dos 15 aos 24 anos de idade.

Segundo Dayrell (2007), em termos de faixa etária, a juventude é variavelmente conceituada entre 15 e 25 anos, configurando-se como um dos momentos da vida no qual o sujeito contempla vários eventos de ordem maturacional, no qual o sujeito estabelece projetos de vida futura e relações sociais. No entanto, mesmo sabendo da existência de perspectivas que enxergam a juventude como um fenômeno natural delimitado por uma faixa etária específica, Groppo (2015) considera que as demarcações etárias da juventude variam de acordo com o contexto.

Coadunando com a discussão, Souza e Paiva (2012) atentam para o fato de que a classificação de juventude varia em algumas regiões, como nos países ibero-americanos (Portugal, México, Espanha, Argentina, Colômbia, Equador, Chile) a juventude é compreendida como um período de tomada de posições, sendo considerado como jovem aquele indivíduo que se encontra entre a idade de 12 aos 35 anos – diferente da faixa etária pontuada pela OMS. A caracterização da juventude nesses países levam em consideração aspectos sociais, culturais, ideológicos e políticos. Assim, o conceito de juventude em tais países é mais ampliado. Em países em que não é estabelecida uma idade na definição de jovem, a Organização das Nações Unidas – ONU sugere as idades de 15 a 24 anos como um conceito médio de classificação juvenil (Souza & Paiva, 2012).

No entanto, a delimitação de uma idade máxima não é tão consensual. Takeuti (2012) destaca que a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO ressalta que alguns fatores devem ser avaliados ao estabelecer ou estipular uma idade para o término do período jovem, como as perdas das características que definem um adulto, principalmente devido à tendência à "juvenilização" mediada pelo desenvolvimento técnico e científico que oferecem cosméticos e procedimentos cirúrgicos a sociedade. Em contraponto, aponta também que as crianças e adolescentes vivem um processo de "adultização" antecipado, conferido através da lógica de mercado, no qual são oferecidos pelo

discurso publicitário opções de produtos que têm adultos como referência (Takeuti, 2012).

Por conseguinte, o termo juventude tem ganhado destaque na atualidade, fato comprovado por publicações em periódicos sobre o assunto e através de informações veiculadas pela mídia (jornais, rádio, televisão e internet) envolvendo jovens, assim como por instituições que prestam serviços sociais e por representantes políticos (Mattos & Castro, 2016; Espíndula, Alves, Carvalho, Almeida & Cruz, 2015; Laranjeira, Iriart & Rodrigues, 2016; Cassab, 2011).

Apesar do aumento de publicações científicas e informações na mídia que envolvem os jovens, observa-se ainda uma dificuldade em se conceituar o fenômeno no meio acadêmico/científico. Tal questão pode fomentar diferentes construções sociais sobre juventude, resultando em várias nomeações e concepções sobre o assunto. Neste contexto, nota-se uma variedade de temas nos quais os jovens são envolvidos, nos meios de comunicação, mercado consumidor ou em ações locais de cunho social, assistencial, educativo, político ou preventivo, por exemplo.

Na tentativa de articular uma maior compreensão sobre a temática juventude, esta dissertação discutirá o tema levando em conta tanto esfera científica, quanto a imprensa. Para isso, este trabalho foi organizado em dois estudos que possuem o mesmo objeto de estudo – juventude. Porém, ressalta-se que as duas pesquisas desenvolvidas apresentam métodos e amostras diferentes.

OBJETIVOS

O objetivo geral que norteou o desenvolvimento desta dissertação foi: realizar um panorama do que vem sendo pensado, discutido e apresentado sobre a temática juventude a partir de diferentes posicionamentos sociais.

Neste sentido, propusemo-nos o desenvolvimento de dois estudos, tendo cada um deles seus objetivos específicos, conforme demonstrado:

Objetivo Geral - Estudo I: Analisar a produção científica sobre a temática da juventude em artigos da área de Psicologia vinculados a periódicos nacionais publicados entre os anos de 2006 a 2015.

Objetivo Geral – Estudo II: Conhecer as representações de juventude publicadas no jornal a Folha de São Paulo durante o período de 01/01/2014 a 31/12/2014.

ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

Os estudos que compõem esta dissertação não seguem uma lógica linear, porém, convergem no sentido de analisar e discutir o mesmo objeto de estudo. A investigação é arquitetada a partir de duas pesquisas paralelas, mas complementares, que convergem no sentido de integrar a compreensão do que vem sendo pensado e produzido a respeito da temática da juventude.

O formato de apresentação e desenvolvimento dos estudos são plurimetodológicos. Para o desenvolvimento do primeiro estudo, levou-se em consideração duas plataformas de periódicos nacionais para coleta de dados, o *Scientific Electronic Library Online – SciELO* e no Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia – *PePSIC*, que abrangem uma coleção selecionada de artigos científicos do Brasil, da América latina e do Caribe.

Tais plataformas foram escolhidas por integrarem, como explica Zoltowski, Costa, Teixeira e Koller (2014), quase toda a totalidade da produção psicológica indexada do país e por serem abertas, a disposição livre e pública na internet. Tal atributo permite a qualquer usuário a leitura, download, cópia, impressão ou busca de *links* com o conteúdo completo de artigos para qualquer propósito legal.

O segundo estudo teve como fonte de dados matérias publicadas no jornal Folha de São Paulo sobre ao tema juventude durante o ano de 2014. A escolha do período levou em consideração a entrada em vigor da Lei nº 12.852/2013, que instituiu o Estatuto da Juventude, momento de fortalecimento de políticas públicas que determinam vários direitos aos jovens brasileiros e que devem ser promovidos e garantidos pelo Estado. A escolha do jornal em questão se deu pelo fato deste ser apontado pela Associação Nacional de Jornais (2015) como o jornal pago de maior circulação em formato digital do Brasil e considerado o terceiro maior em formato impresso.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Compreende-se o significado do termo juventude como sendo inseparável do processo de constituição da modernidade (Souza & Paiva, 2012). Uma construção social fruto do diálogo entre ser humano e sociedade, sendo este engendrado por vários atravessamentos, sejam eles de ordem social, econômica, cultural e biológica (Andrade & Meyer, 2014; Takeuti, 2012).

Mattos e Castro (2016) fazem alusão à juventude como um tempo em que o sujeito experiencia viver de formas diferentes. Em meio a essa vivência, surgem compromissos sociais que demandam investimentos temporais, como a dedicação ao trabalho e a família. Para os autores, a juventude é concebida como o momento de escolhas decisivas para a vida futura do sujeito, como a escolha do cônjuge e o aprimoramento de habilidades. Ademais, surgem atributos próprios a esse período (vitalidade, vigor físico, beleza, moral, etc.) que são socialmente vinculados ao pensamento de liberdade (Mattos & Castro, 2016).

A juventude pode ser ainda considerada como parte do ciclo da vida. No entanto, como salientam Laranjeira, Iriart e Rodrigues (2016), não se encerra em um determinado tempo específico, não é fixa. É mediada por elementos de ordem sociais distintas (cultura, ideologia, política) que promovem no jovem a constituição da sua identidade.

A ideia de juventude é vista por Groppo (2015) como sendo uma categoria social. Articula-se a uma situação social que se relaciona a uma representação sociocultural. Neste sentido, a juventude se apresenta como uma percepção, representação ou designação simbólica, criada pelos membros de um grupo social que expressam comportamentos e atitudes para significar uma posição. Em concordância com Groppo (2015), Gil e Seffner (2016) também destacam o caráter socio-histórico e mutável da juventude, passível de transformações. Motivo pelo qual acreditam não existir um significado exato de juventude, uma vez que existem diversas expressões do fenômeno, a depender dos contextos históricos e

culturais dos diversos grupos sociais.

Essas diversas expressões da juventude, por vezes são nomeados e concebidos quanto as suas diferenças. No que se refere isso, Gil e Seffner (2016) pontuam que os jovens na Alemanha em meio à Segunda Guerra Mundial foram consagrados com o título de *geração cética*. Os jovens italianos da década de 1940 foram nomeados como geração sofrida. Na Espanha, foram classificados como *geração abatida* após-guerra civil. Em 1960, alguns jovens norte-americanos ficaram popularmente conhecidos como *hippies*– por apresentarem um comportamento coletivo, baseado em um estilo de vida nômade, em comunhão com a natureza e em contra posição Guerra do Vietnã e a todo e qualquer tipo de guerra.

Sucessivamente, novas formas de denominação de grupos juvenis foram sendo originados em todo o mundo. Na Europa, nos anos de 1960 e 1970 o mercado investiu em produtos de consumo direcionadas ao público considerado jovem. Houve uma expansão de propagandas relacionadas à juventude ocasionando o surgimento de uma cultura juvenil autônoma, que logo se transformou em uma categoria social. Em outros lugares do mundo, como na Inglaterra dos anos 1970, floresceu a partir da cultura local, o uso de expressões linguísticas, códigos de comunicação e simbologias utilizados pelos grupos jovens, o que fez emergir uma nova categoria que ficou conhecida como: os *punks* (Gil & Seffner 2016).

Sobre esses movimentos juvenis europeus e norte-americanos, Tavares (2012) aponta para o fato de que os mesmos influenciaram os primeiros trabalhos sobre juventude no Brasil. Segundo o autor, as investigações brasileiras tinham como análise os movimentos estudantis e sua forma específica de organização. Até meados dos anos 1970, sociólogos e pesquisadores interessados em discutir juventude estavam mais voltados para a análise de como os jovens se configuravam como geração numa estrutura social distribuída em termos de classe e status sociais.

No século XX, as denominações conferidas a grupos de jovens no Brasil levaram em consideração movimentos protagonizados pelos mesmos, as mobilizações políticas ligadas questões sociais foram algumas delas. Como exemplo, as organizações de marchas por direitos, a partir dos anos de 1930 durante a era Vargas, quando estudantes universitários se organizaram e criaram a União Nacional dos Estudantes – UNE, para lutar pela construção da democracia e justiça social no Brasil.

Quando analisadas as denominações, observa-se que existem atribuições e divisões na identificação de quem é considerado jovem. Segundo Dayrell (2007) em termos de faixa etária, a juventude é variavelmente conceituada entre 15 e 25 anos, configurando-se como um dos momentos da vida no qual o sujeito contempla vários eventos de ordem maturacional, no qual o jovem estabelece projetos de vida futura e relações sociais. Para a Organização Mundial da Saúde – OMS (1985), o conceito de juventude faz alusão a uma classificação fundamentalmente sociológica, que indica um período de preparação para o sujeito estabelecer perante a sociedade uma postura adulta. Envolve uma gama de ações e investidura no plano social, familiar e profissional, sendo considerada dos 15 aos 24 anos de idade.

Brenner e Carrano (2014) pontuam que no Brasil, em 2010, após a aprovação da Proposta de Emenda Constitucional (PEC) n. 65, o termo juventude foi adicionado a Constituição federal pela criação da lei 12852/13, que trata sobre o Estatuto da Juventude (EJ), aprovado em julho de 2013, no qual define como jovens pessoas entre 15 e 29 anos e que assegura 11 direitos aos jovens brasileiros. Entre tais direitos temos o direito ao território e mobilidade, saúde, educação, cultura, diversidade e igualdade, representatividade juvenil, desporto e lazer, cidadania e participação social (Brasil, 2013).

Sobre os números relativos à população jovem do Brasil, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2011) os jovens ocupam um quarto da população do país e representam 50% dos jovens da América Latina e 80% do cone sul.

Existem mais de 51,3 milhões de jovens entre 15 a 29 anos residindo no país, no qual 84,8 % encontram-se nas cidades e 15,2 % na zona rural. Em relação à educação, mais de 16,2% de jovens brasileiros concluíram o ensino superior, enquanto 46,3% possuem o ensino médio e 35,9% apresentam apenas o ensino fundamental. Em se tratando da etnia, foi registrado no último censo realizado pelo IBGE em 2010 que 7,9% dos jovens se autodeclararam negros, 45% pardos e 34% de cor branca (IBGE, 2011).

Considerando a divisão do número de jovens por sexo, o Brasil apresenta uma quantidade quase idêntica, mas com maioria, ainda que pequena, feminina: 50,4% mulheres e 49,6% homens (IBGE, 2011). Em relação à situação econômica, 40% dos jovens brasileiros pertencem a famílias de baixa renda que sobrevivem com até meio salário mínimo. A cada dois desempregados no Brasil, um é jovem e, mesmo exercendo atividade laboral, a maioria encontram-se na informalidade. Apenas 35% trabalham com carteira assinada (IBGE, 2011). Ainda segundo o IBGE (2011), 62,6% dos jovens homens vivem com os pais e 40% dos jovens brasileiros tem pelo menos um filho.

Em vista disso, percebe-se que o conceito de juventude pode ser discutido a partir de lógicas próprias e situacionais de cada nação. Entretanto, é por meio da análise de trajetórias fragmentadas, que Alves e Dayrell (2015) defendem a ideia que é a partir de diferentes ações juvenis que é possível verificar o processo pelo qual se utiliza o termo juventude. Os atributos obtidos nas fases da vida de qualquer ser humano (infância, adolescência ou adultez) conferem aos jovens modos de existência, investimentos intelectuais e simbólicos. Isso implica em modelos analíticos de mudança e de ações individualizadas, formulação de saberes que concorrem para a construção de subjetividades e culturas juvenis.

Em relação a isso, Groppro (2015) ressalta que as diversas fontes de referência socioculturais expandem as possibilidades de pertencimentos e identificações juvenis. Novos modelos de organização em sociedade favorecem a participação simultânea dos jovens em

esferas socializadoras variadas e multifacetadas, como grupos religiosos, universidade, mídias, família, ruas, grupos de subculturas juvenis, o que aumentam a capacidade de autodeterminação e autonomia dos jovens.

Nesta perspectiva, o enfoque conferido à juventude pode visualizar ângulos variados de organização desse público. Discutir a inserção dos jovens no âmbito das políticas sociais, no contexto do trabalho e, notadamente, na educação. Tais meios de problematizar a condição juvenil focam na sua dimensão de agente transformador e propositor de transformações, como sujeito capaz de introduzir mudanças reais na sociedade. Neste sentido, segundo Florentino (2008), os jovens são vistos como a possibilidade de renovação moral dentro de um contexto historicamente construído.

Mattos e Castro (2016) destacam duas perspectivas que discutem o tema juventude a partir do aspecto geracional. A primeira, considerada a mais tradicional, atribui à juventude a responsabilidade de reprodução da herança cultural da sociedade. Essa ideia é voltada à preocupação com as posturas de cunho político e social, para que as mesmas aconteçam obedecendo um padrão de comportamento esperado. A segunda apresenta uma visão de que a juventude não é algo estático, mas que possui energia revitalizante e responsável por dinamizar uma sociedade. Isso quer dizer que não são conferidos aos jovens apenas a responsabilidade de reproduzir, mas de transformar, mobilizar e promover condições sociais de seu grupo (Mattos & Castro, 2016).

Sobre essa última perspectiva citada por Mattos e Castro (2016), Andrade e Meyer (2014) a discutem a partir de um processo de inserção social dos jovens em diversas esferas e segmentos sociais: a obtenção de um curso superior; engajamento no mercado de trabalho; participação em grupos sociais; ocupação de diversos espaços de lazer antes não frequentados ou permitidos; vivências de novas formas de relacionamento afetivos e emocionais; consumo de determinados tipos de produtos; emissão de novos documentos e permissões; organização

e gestão de sua renda, etc. Tais investimentos fazem com que os jovens comecem a ser vistos como membros economicamente ativos da sociedade. Para os autores citados, em algumas áreas do conhecimento como na biologia e na psicologia, o sujeito considerado jovem é analisado a partir de um contexto social que segue uma ordem de desenvolvimento biológico e cognitivo no qual é verificada uma progressão da fase infantil para a fase adulta. Esta evolução faz da juventude uma fase considerada intermediária, alcançando uma dimensão notadamente desenvolvimentista.

Os estudos sobre juventude têm apresentado discussões e colocado em evidência assuntos variados na tentativa de compreender como os jovens representam e lidam com o tempo e as transformações das práticas sociais. Em pesquisa realizada por Andrade e Meyer (2014), os autores verificaram que pessoas de diferentes classes sociais e idades distintas, temem o processo de envelhecimento e buscam prolongar a juventude indefinidamente. O aparentar ser jovem foi evidenciado como uma característica do adulto ou idoso que, ao tentar manter-se jovem, demonstra disciplina, cuidado de si, controle, determinação, autogoverno. Frente a isso, relacionaram-se a juventude ações de energia, rapidez, disposição, saúde e vitalidade. Entretanto, os autores verificaram ainda que o termo juventude assume alguns sentidos negativos: como sendo uma fase temida, perigosa, difícil, com tomadas de posições que envolvem responsabilidades e que são permeadas de vulnerabilidades e riscos sociais. Tais características convergem para o discurso no qual visualizam a juventude como um tema da moda na qual, política e economicamente, interessa à saúde, à mídia, à educação e também ao mercado consumidor, que vê neste segmento uma possibilidade de ganhos, de investimento de capital, de retorno financeiro, seja pela venda de roupas, cosméticos, marcas, imagens, alimentos, músicas e os mais diversos produtos.

Para Souza e Paiva (2014), a partir do ponto de vista histórico-cultural, é possível pensar a juventude como uma representação não dada e não fixa. Para tanto, torna-se

importante entender que toda construção social parte da análise de diferentes contextos: sejam eles políticos, culturais, econômicos, etc. Estas duas dimensões acarretam modos diferentes de entender e discutir a temática (Souza & Paiva, 2014).

Pensar a juventude como construto social, implica também o entendimento de estarem, infância e juventude, expostas a redes de interações intersubjetivas e aos processos criativos e próprios de cada ambiente cultural, além das ações políticas próprias da convivência social. Essas bases de interações estruturam as redes de relações entre os jovens, ao passo que desenvolvem canais de comunicação com o mundo adulto. Essas considerações proporcionam uma discussão sobre a construção e denominação do conceito de juventude enquanto um campo de pesquisa, de práticas políticas e simbólicas (Oliveira & Trancoso, 2014).

Sobre o tema juventude no Brasil, Zanella et al. (2013) salientam o aumento da atenção destinadas aos jovens no país, assim como a problematização de assuntos sobre os mesmos. Segundo os autores, pesquisas e estudos envolvendo jovens podem ser encontrados em grande escala a partir de 1990. A formação de grupos liderados por jovens, assim como o surgimento de subcategorias juvenis motivou pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento a investigar e discutir contextos diversificados nos qual os jovens estavam inseridos. A importância conferida à juventude, tanto pela academia, quanto pela mídia partiu de mobilizações em defesa dos direitos das crianças e adolescentes nos anos de 1970 e 1980, o que fez posteriormente surgir o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA.

Tal fato fez com que no ano de 1990 eclodissem discussões de cunho social entre entidades políticas e instituições governamentais e não governamentais motivadas em propor políticas que contemplassem os jovens menos desfavorecidos e não assistidos pelo governo em todo o país, visando evitar práticas de exclusão ou qualquer processo de supressão de direitos sociais. O surgimento de ações e concepção de estratégias na formulação dos programas e projetos que contemplassem os jovens culminou com mobilizações sociais no

Brasil. Inicialmente, foram embasadas por outros países que reconheciam os jovens como mola propulsora de desenvolvimento de uma nação. A partir dos anos 2000, emergem discursos sobre o protagonismo juvenil, projetos sociais variados e em diálogo com diversas áreas (lazer, saúde, educação, religião, esporte, etc). Ocorre o empoderamento e a criação de um plano político nacional destinada à juventude (Zanella et al., 2013).

Nesta dinâmica, Mayorga, (2013) aponta que uma das questões que tem sido observado nas pesquisas envolvendo juventude e política, a noção de responsabilidade pela mudança social. Aos jovens são conferidos a participação pública e coletiva em projetos que atravessam questões como desemprego, segurança e formação profissional. O debate sobre sociabilidade e produção de saberes dão voz a ações e experiências juvenis. É através do ativismo juvenil, que surgem os processos que dão origem a dinâmica social, local e real do país.

Um estudo desenvolvido por Maheirie et al.(2013) analisaram as práticas políticas dos jovens no Brasil, as principais teorias e os métodos mais empregados nas investigações sobre o tema juventude entre os anos de 1960 a 2000. Os autores destacam que a partir dos anos 1960 identificam-se as primeiras organizações lideradas por jovens no que tange às práticas políticas. Neste período, a juventude foi visualizada como um segmento de forte participação política e conectada à militância estudantil. Foi ainda nos anos 1960 que os jovens, mesmo sobre pressões militares e regidos por uma forte censura quanto ao direito de liberdade de expressão, promovem mobilizações e se sobressaem como protagonistas de ações sociais e culturais que marcaram este período no país de forma emblemática em sua história.

Entretanto, apesar da juventude ter continuado a promover grandes e importantes mobilizações, como as reivindicações em torno do voto direto para presidente, às produções acadêmicas apontam que a partir 1980, há ocorrência de uma retração dos movimentos estudantis, um declínio no engajamento dos jovens na luta por direitos. Frente a isso, alguns

estudiosos se depararam com uma fragmentação temática e conceitual em relação à juventude. Pesquisadores e interessados no tema começam então a problematizar e investigar quais os motivos que justificam ou que proporcionam uma identidade juvenil (Maheirie et al., 2013).

Silva, Pelissari e Steimbach (2013) salientam que a relação entre identidade e juventude assumem características diferentes em espaços distintos e, principalmente, em função do tempo. O jovem estabelece comunicação com diferentes grupos e atores da sociedade ao longo da vida. É através dessa interação que o jovem se constrói como sujeito social. Neste processo, mais do que ser, ocorre uma configuração constante de ir sendo jovem e, nessa dinâmica verificam aproximações e distanciamentos do mesmo em relação a seus grupos, atores sociais, instituições, etc. Ao fazer isso, o jovem constrói sua própria identidade, dá sentido à sua vida e finalmente gera significado através das mais diversas experiências no qual ele vivencia (Silva et al, 2013).

Doula (2013), ao analisar a constituição da identidade e dos valores morais da juventude contemporânea, ressalva que prevalecem entre os jovens a vontade de ultrapassar barreiras, supervalorização do efêmero, uso do tempo presente e discussão de sentimentos transitórios ou instáveis. Sobre essas observações, a autora destaca alguns importantes aspectos: processos de autonomia dos jovens, tomada de posições em relação a algo desejado, o desenvolvimento da maturidade e a formação de atitudes que resultaria em uma identidade adulta.

Outro dos paradoxos com os quais se confrontam os jovens na atualidade, segundo Takeuti (2012), diz respeito à transformação contemporânea dos significados sociais atribuídos a juventude que a leva ao nível de sensualidade, vitalidade, excelência, inteligência e liberdade e, do outro, os limites da realidade concreta e objetiva, onde o campo de possibilidades se encontra expressamente reduzido para a realização dos jovens na vida social e do trabalho. Haveria uma defasagem, uma confusão entre a ordem de representação e a

ordem da realidade no campo da juventude, fazendo com que surjam ideias e atitudes ambivalentes em relação aos jovens.

A centralidade da juventude na cultura contemporânea é indicada também por Andrade e Meyer (2014) ao fazerem alusão que o objetivo permanente de pessoas de todas as idades é o de se manter sempre jovem. Sendo assim, os autores destacam que a busca pela juventude se tornou uma mercadoria vendida para pessoas de todas as gerações. Promover o consumo de atributos que se referem à juventude é pensar o ser jovem e como o mundo hoje está desfrutando de um prestígio construído de um discurso que afirma que ser jovem é bom para todos. Neste caso, por se tornar um slogan, a juventude transforma-se em uma categoria socialmente e economicamente importante. Tal fato a confere um valor que atrai milhares de pessoas no mercado consumidor em busca de seus atributos. É através dessas discussões, que os temas sobre juventude vão ganhando relevância e sendo discutidos a partir de uma lógica marcada pela diversidade das condições sociais, culturais, políticas e, principalmente pelo ritmo das transformações relacionadas ao tempo (Leão, Dayrell & Reis, 2011).

A despeito da lógica temporal, Dayrell e Leão (2010) verificaram que o tempo juvenil dentro da perspectiva da temática juventude se caracteriza pela fluidez, nomadismo, intermitência, formas de agregação de valores e por objetivos determinados pelos jovens no presente. Essas características têm relação com as transformações mais amplas introduzidas no contexto das sociedades complexas.

Szapiro e Resende (2010) concordam com Dayrell e Leon (2010) ao explicarem que muito antes dos anos 2000, o pensamento sobre a idade adulta era um modelo desejado e considerado pela sociedade como um período de respaldo, de firmação ou reconhecimento, demarcados pela idade. No entanto, segundo os autores, tal reconhecimento parece ser atribuído à juventude. Observa-se uma busca pelos sujeitos considerados adultos ou idosos por um ideal de existência, fomentados pelas características são atribuídas ao conceito de

juventude (Szapiro & Resende, 2010).

Pais (2009) destaca o tempo em que juventude era motivada por mecanismos que a conferisse uma conversão rápida à idade adulta. No XVIII, os jovens reconheciam nos mais velhos um modelo a ser seguido. Nesse período, os jovens presenciavam atitudes passivas, com um ar de decrépito, no sentir e agir. Havia uma socialização dos jovens por antecipação da velhice. Alguns atributos relacionados a essa socialização eram visíveis, como o uso de roupas formais e perucas esbranquiçadas, no qual conferiam aos jovens daquela época, uma suposição de idade superior aos 60 anos, encobrindo a essência de uma idade jovem. Segundo o autor, na sociedade contemporânea, acontece o contrário: os mais velhos apelam para técnicas sofisticadas de rejuvenescimento e usam de tudo para tentar ser mais jovem. Inexistem atribuições ou padrões aos jovens para que os mesmos aparentem ser mais velhos. Ou seja, de modo positivo, a juventude passou a ser considerada uma geração vanguarda, um modelo de referência.

É possível encontrar estudos recentes que versam sobre as relações entre gerações na contemporaneidade e a possibilidade de maior participação da juventude na construção de saberes e organização da sociedade. Torres e Castro (2009) destacam pesquisas que discutem os possíveis arranjos em relação à partilha de responsabilidades, compromissos e desempenho de tarefas dos jovens. O meio social, cultural e político são analisados e os jovens são investigados a partir da inserção dos mesmos nessas esferas.

Dentro de uma abordagem política, por exemplo, o ângulo pelo qual a juventude é colocada em discussão priorizam o aspecto transformador da realidade social. Os jovens são considerados como os principais responsáveis pela renovação social. Nos anos de 1930, no Brasil, observavam-se discursos de políticos populistas a respeito dos jovens e estudantes no qual eram reproduzidos pensamentos pautados em um apelo ao mito da juventude progressista, que encontrava eco mesmo no discurso de líderes estudantis, que acreditavam

serem provavelmente os responsáveis por uma missão salvacionista e em prol do progresso do país (Florentino, 2008).

No que tange a participação política e social dos jovens, Castro (2008) alude ao estudo desenvolvido sobre o perfil da juventude brasileira, que identificou relações entre política e juventude. Entre os aspectos mais evidenciados nesta pesquisa, foi constatado que apenas 15% de jovens entrevistados afirmaram participar de alguma atividade de grupo em seu bairro ou em outro lugar da cidade, mesmo grande parte dos entrevistados (37%) tendo respondido dizer reconhecer que o engajamento na política contribuiria para a melhoria de suas vidas. Ademais, um dos itens analisados e caracterizado como “confiança nas instituições” apontou que 83% dos jovens confiam absolutamente na família, mas, em relação aos partidos políticos, esse valor é bem baixo, somente 3%.

Estudo conduzido pelo Instituto Polis/Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (2005), envolvendo mais de 8.000 jovens de todo o Brasil, verificou que apenas 8,5% dos jovens se consideravam politicamente participantes de movimentos ou ações. No entanto, mesmo com baixo número de jovens comprometidos com política, 65,6% dos entrevistados afirmaram buscar informações sobre a mesma, mas sem pertencer, apoiar ou se envolver diretamente em nenhum partido. A maioria dos jovens (65%) que participaram desse estudo apontaram descrença na política do país, devido à falta de compromisso de políticos, pelos crimes praticados pelos mesmos e notificados pela mídia, por não existir representatividade na defesa dos interesses dos cidadãos. Enfatizaram a desorganização e a fragmentação de projetos que não geram resultados. Afirmaram reconhecer a importância das ações voluntárias e comunitárias na construção de uma sociedade igualitária e justa, no qual a juventude possa gozar de seus direitos (Polis & Ibase, 2005).

No que tange à relação entre a esfera cultural e juventude, Dayrell (2007) explica que os jovens desenvolvem e disseminam culturas juvenis a partir de expressões simbólicas e via

linguagem própria condicionada por eventos no tempo presente. Manifestam-se na sua diversidade por meio dos mais diferentes estilos de vida. Utilizam seu corpo com uma espécie de produção de significados. Isso faz com que alguns jovens ostentem seus corpos e, neles, roupas, tatuagens, piercings, brincos, demarcam identidades individuais e coletivas. Porém, tais práticas culturais não são homogêneas, se distinguem conforme os objetivos que as coletividades juvenis definem na construção de rotas para a sua inserção na dinâmica social.

Takeiti e Vicentin (2015), por exemplo, ressaltam que as investigações sobre juventude têm contribuído para problematizar os modos de subjetivação pelos quais a sociedade em geral, e as instituições de pesquisa em particular, têm se posicionado diante dos jovens na atualidade, não se restringindo apenas a descrever fluxos ou analisar singularidades. Diante disso, são investigadas questões de gênero, identidade, valores, ideologia, que auxiliam a formulação de saberes que concorrem para a construção e entendimento das subjetividades juvenis na contemporaneidade.

Através das perspectivas apresentadas sobre o tema juventude, é notório que a busca por um conceito parte de pontos de vista diversificados. O enfoque conferido por pesquisadores e estudiosos estão pautados em óticas distintas ancoradas em aspectos sociais, biológicos, morais, políticos e culturais. Pode-se afirmar que o termo não se justifica com uma maneira simples ou precisa de classificação de um grupo, como tempo, nem tampouco como uma exata categoria de análise.

É pensando na grande dimensão que a juventude assume, que a Teoria das Representações Sociais – TRS, enquanto uma teoria de base psicossociológica, se apresenta como uma ferramenta capaz de analisar determinados fenômenos sociais. Segundo Jodelet (2001), as representações sociais seriam sistemas de interpretação que regem a relação do sujeito com o mundo e com os outros. Conhecimentos socialmente elaborados pela atividade mental desenvolvida pelos membros da sociedade. Isso é possível devido ao fato das

representações sociais intervirem em processos variados, tais como a difusão e a assimilação de conhecimentos, organizando as condutas e as comunicações sociais. Neste sentido, com intuito de explicar mais sobre a TRS e, sendo ela capaz de analisar o modo como os atores em suas trocas cotidianas significam os fenômenos sociais, o próximo tópico irá apresentar as principais ideias desta teoria que norteará um dos estudos dessa dissertação.

A Teoria das Representações Sociais (TRS)

De acordo com Vala (2004), o conceito de representação social diz respeito a uma produção de sentido comum a todas as sociedades, criada a partir da comunicação interindividual sendo alimentadas tanto por teorias científicas quanto por eixos culturais, ideologias, experiências e comunicações cotidianas. Moscovici (2012) salienta a necessidade de compreender as Representações Sociais via interações entre os atores sociais. Para o referido autor, é a partir dessa possibilidade de conceber aspectos, que os membros da sociedade percebem o mundo, suas ideias e relações, ou seja, por meio dos seus próprios comportamentos em sociedade.

Moscovici (2012) explica a Representação Social como uma orientação para a ação, porque ela propicia a modificação e a reconstrução do ambiente, como também gera o comportamento. Para o autor, o humano é um ser capaz de se organizar e de elaborar questões, ir em busca de respostas, e compartilhar realidades através de elementos representativos.

Em seus estudos sobre o pensamento ambiente, Moscovici (2012) salienta duas funções das Representações Sociais: *convencional* e *prescritiva*. Na função *convencional*, observa-se que as pessoas, objetos ou acontecimentos são colocados em um modelo, sendo por meio destas convenções, cada experiência somada à realidade na determinação prévia. Já em relação à segunda função *prescritiva*, verifica-se que as formas de pensar (repensar,

recitar) dependem de conhecimentos anteriores. Com base nestas funções, inferir que os pensamentos são ideias configuradas em símbolos convencional da realidade, os quais estão expostos às influências da tradição, memórias, costumes e conteúdos culturais. Assim, as representações sociais refletem na forma de pensar, como ainda no nosso próprio ambiente (social e cultural).

Moscovici (2012) propõe ainda que o mundo está dividido em dois universos ou sistemas de pensamento: consensual e reificado. No universo consensual, nota-se que a coletividade é a base da sociedade, sendo provida de sentido e finalidade, agindo e reagindo sob a perspectiva humana. Trata-se, portanto, de um universo onde são construídas representações sociais via processos de objetivação e ancoragem. Por outro lado, no universo reificado se destacam os saberes e conhecimentos científicos, a ênfase é conferida a objetividade e ao rigor lógico. É por meio da ciência que se compreende o universo reificado.

Ao fazer alusão a TRS, Abric (1998) salienta suas finalidades: *a. função do saber; b. identitária; c. orientação, e; d. justificadora*. A *função do saber* tem por objetivo compreender e explicar a realidade, contribuindo para que as pessoas adquiram conhecimentos e integrem grupos, o que facilita a comunicação social; em relação à *identitária*, esta possibilita definir a identidade e favorece a proteção das especificidades dos grupos; já a de *orientação*, norteia por meio das representações os comportamentos e as condutas dos indivíduos; e, por último, a *justificadora*, no qual permite ao indivíduo justificar seus comportamentos e tomada de posição.

Ainda em relação às características da TRS, Jodelet (2001), aponta que a mesma está ancorada em conhecimentos práticos orientados para a comunicação e para a compreensão do contexto social dos indivíduos e cita cinco características fundamentais da teoria: *a. caráter simbólico e significante; b. caráter construtivo; c. caráter autônomo e criativo; d. caráter imagético; e e. propriedade de deixar intercambiáveis sensação e ideia*. A forma de

conhecimento se expressa através dos elementos cognitivos seja a conceitos, categorias, teorias ou imagens, entretanto, não se reduzem em hipótese alguma a tais componentes.

Santos (2005) ao discorrer sobre os determinantes sociais das representações, explica três condições para a construção das representações sociais: 1 *A pressão à inferência*, o sujeito busca constantemente o consenso com o seu grupo. Múltiplas pressões tendem a influenciar a natureza dos julgamentos, preparando respostas pré-fabricadas e forçando um consenso de opinião para assegurar a validade da representação. 2 *A focalização*, refere-se à desigualdade de interesses dos sujeitos em relação ao objeto. O sujeito tende a dar uma atenção variável aos aspectos do ambiente social. O modo como aprende as informações dependerão de outros conhecimentos que tem. 3 *A Defasagem e dispersão de informação* refere-se às condições de acesso e exposição às informações sobre o objeto (inclusive do próprio objeto). Essa diversidade de informação refere-se não só às informações disponíveis, mas também às condições objetivas de acesso a elas (Santos, 2005).

Foi levando em consideração tais determinantes, que Moscovici (2012) enfatizou que as representações sociais são construídas e partilhadas socialmente, contribuindo para a construção de uma realidade que possibilita uma comunicação direta entre sujeitos. Os atores sociais ao estabelecerem contato com um objeto social desconhecido ou pouco familiar vivenciam um processo complexo de redefinição, com intuito de compreender esse objeto e torná-lo mais compatível com seu sistema simbólico. Dessa forma, as pessoas ao lidarem com um objeto estranho ao seu mundo pessoal, buscam redefini-lo, torná-lo familiar, e o fazem estabelecido em uma ideia já conhecida (Moscovici, 2012).

Frente a isso, Moscovici (2012) alude para os dois principais mecanismos que ajudam na compreensão das representações sociais e que atuam no processo de transformação do não familiar em familiar, denominados de *objetivação* e *ancoragem*. Para o autor, o processo de *objetivação* é responsável por produzir representações sociais, podendo ser entendido como a

descoberta da qualidade de uma ideia e a reprodução de um conceito em imagem, colaborando para que ocorra uma concretização de uma abstração típica do pensamento e da fala. O processo de ancorar estaria relacionado a uma denominação e classificação de algum fenômeno ou objeto social, uma vez que o mesmo não apresenta nome e nem é classificação, sendo considerada como desconhecida, inexistente e ao mesmo tempo arriscada, o que ocasiona uma resistência. Logo, é possível compreender o motivo da resistência diante de alguém ou de um fenômeno que não se consegue avaliar ou descrever. Na tentativa de superar a possível resistência é então, atribuído um nome e uma categorização, o que consiste no processo de *ancoragem*.

Moscovici (2012) observou em seu estudo sobre a representação social da psicanálise entre a sociedade francesa, como as representações sociais em função de seus conteúdos, produzem sistemas de comunicação profundamente diferentes no grupo. Este feito abriu possibilidade de realização de pesquisas sobre comunicação em diversos contextos, a partir de modos e meios distintos. Bauer e Gaskell (2008) sublinham que as representações podem ser construídas através de textos, imagens e materiais sonoros. Os processos de formação das representações sociais podem ser analisados através de entrevistas, desenhos, músicas, quadros, fotografias, escritos manuais, programas de rádio ou jornais, tendo em vista que os mesmos servem como elementos de produção e expressão de conteúdos representativos.

Ao fazer alusão à mídia, principalmente em seu viés jornalístico, Jodelet (2001) explica que a mesma desempenha um papel importante no processo de construção da realidade social. Compreende-se que ela retrata, ao seu modo, aspectos do cotidiano dos vários grupos sociais. Dentro dessa perspectiva, a imprensa tanto transmite e dissemina ideias, saberes, ideologias, quanto produz, legitima e confere sentido às representações que emergem a partir do convívio cotidiano dos diversos atores sociais, fabricando conhecimentos a respeito de grupos e assuntos de interesse.

Sabe-se ainda que a comunicação social envolve a elaboração adequadas de conteúdos através dos aspectos interindividuais, institucionais e midiáticos. A organização das mensagens ocasionam representações, produzem condutas e pensamento na construção social da realidade (Jodelet, 2001). Ao se referir a importância da comunicação para a constituição de representações sociais, Jodelet (2001) destaca três pontos importantes examinados por Moscovici: 1) a comunicação aparece como condição de possibilidade e determinação das representações sociais, sendo vetor de transmissão da linguagem, no qual veicula informações e interlocuções; 2) a comunicação edifica condutas: opinião, atitude e estereótipos, sobre os quais repercutem os processos estruturais e formais do pensamento social; 3) desempenha um papel fundamental nas trocas e interações que concorrem para a criação de um universo consensual apoiadas na energética social e difundidos na vida dos grupos sociais (Jodelet, 2001).

Moscovici (2012) destaca ainda, que ao nível da emergência das representações, os sistemas da comunicação intervêm nas condutas e comportamentos humanos, cujas condições afetam os aspectos cognitivos. A dispersão e a defasagem das informações relativas a um objeto representado são desigualmente acessíveis de acordo com os grupos. Os processos de formação das representações (objetivação e ancoragem) explicam a interdependência entre a atividade cognitiva e suas condições sociais de exercício, nos planos da organização de conteúdo e das significações (Jodelet, 2001).

Os arranjos de conteúdo são determinados de um lado pelos meios de comunicação, e de outro, pela organização social dos que a comunicam, seguindo uma lógica às relações de influência nas situações de interlocução que envolvem processos de esquematização via modelos cognitivos e linguísticos. Para Sá (2002), é através dessa conexão com a realidade social que se verifica a emergência ou não de uma representação sobre determinado objeto.

Sobre isso, Moscovici (2012) apresenta três sistemas de classificação dos meios de

comunicação existentes na mídia, formas de organização dos conteúdos jornalísticos que são transmitidos pela imprensa e captados pelo público, em função da fonte de informação, da lógica das mensagens e da sua função sobre os receptores, são eles: *Difusão*, *Propagação* e a *Propaganda*.

A *Difusão*, característico da grande imprensa, pode ser entendida como um sistema direcionado ao público diversificado (heterogêneo), uma vez que suas reportagens possuem um caráter informativo. Sua particularidade é a ausência de mecanismos de diferenciação entre a sua fonte e os seus receptores por ser descontínua. Busca influenciar inteiramente a opinião do leitor, criando um saber comum a partir de determinados assuntos, ao passo que se adapta aos interesses do público. Através dela, a fonte de comunicação não manifesta intenções definidas, ou seja, embora se proponha a influenciar algumas condutas particulares, ela não insiste para que os receptores se sobreponha a suas próprias perspectivas e atitudes (Moscovici, 2012).

A *Propagação* se caracteriza por meio de mensagens estruturadas a membros de um grupo que dispõem de uma crença a propagar e se destina a grupos que possuem opiniões e formas de representação bem cristalizadas. De acordo com Moscovici (2012), a *propagação* é estabelecida através de uma visão do mundo bem organizada. Tem como propósito, controlar e orientar informações contrárias a uma crença propagada. Apresenta como risco, a oposição entre o verdadeiro e o falso saber. A relação entre a fonte de comunicação e os receptores não supõe reciprocidade. Neste caso, o emissor goza de autoridade e autonomia na propagação das mensagens. Porém este tipo de comunicação visa atingir concepções e atitudes, tendo como função preparar condutas compatíveis com os princípios da unidade do grupo.

Já o terceiro e último gênero, a *Propaganda*, tem como meta seduzir e induzir o público a se comportar de acordo com os interesses de um dado grupo, sendo estruturadas em dicotomias (falso e verdadeiro, certo e errado, adequado e inadequado). Visa uma recusa

global de uma concepção rival da qual apresenta. As mensagens veiculadas em forma de propaganda são sistemáticas e os conteúdos condicionados por ideologia e pelas relações que esta estabelece com outros grupos. Através de sua função reguladora, a propaganda procura reduzir o leque de significações para restabelecer a identidade de um grupo e, por conseguinte, a elaboração adequada do conteúdo das comunicações (Moscovici, 2012).

Conforme Jodelet (2001, citado por Almeida, 2005), Moscovici examina a incidência da comunicação social em três níveis. No *nível da emergência das representações*, onde as condições afetam aspectos cognitivos e onde agrupam a dispersão e o deslocamento das informações relativas ao objeto representado e que são acessíveis segundo os grupos. A focalização sobre certos aspectos dos objetos em função dos interesses e implicação dos sujeitos. No *nível dos processos de formação das representações sociais*, a objetivação e a ancoragem, que justificam a interdependência entre a atividade cognitiva e suas condições sociais de exercício, no plano das organizações dos conteúdos, das significações e da utilidade que lhe são conferidos. No *nível das dimensões das representações*, referindo-se à edificação da conduta: opinião, atitude, estereótipo sobre os quais intervêm os sistemas de comunicação da mídia.

A comunicação social sob seus aspectos interindividuais, institucionais e midiáticos, é organizada através de uma relação ideológica com o mundo social, no qual aparece como condição de possibilidade e de determinação das representações e do pensamento social. Por isso, esta dissertação parte do esforço em analisar o tema juventude a partir da mídia tendo como base artigos científicos e textos jornalísticos.

O próximo capítulo apresentará, com detalhes, os dois estudos que compõem este trabalho. O primeiro visa analisar a produção científica sobre a temática da juventude no campo científico da psicologia via análise de artigos científicos publicados em periódicos nacionais entre os anos de 2006 a 2015. O segundo busca analisar as representações sociais da

juventude veiculadas nos jornais, tomando como norte matérias do jornal Folha de São Paulo do ano de 2014.

Estudo I: Revisão sistemática da literatura sobre juventude em periódicos nacionais

Systematic review of the literature on youth in national journals

Resumo

O presente estudo trata-se de uma revisão sistemática. Teve por objetivo analisar a produção científica sobre a temática da juventude em artigos da área de Psicologia vinculados a periódicos nacionais publicados entre os anos de 2006 a 2015. A partir dos descritores *jovem* e *juventude* foi realizada a busca de artigos em duas bases de dados (SciELO e PePSIC). Foram tabuladas as seguintes variáveis de cada artigo: a) nome da revista e o Qualis CAPES, b) área da Psicologia (conforme a CNPq), c) objetivos, d) amostra, e) instrumentos de coleta de dados e f) procedimento de análise. Entre os resultados, foi observado que entre os 257 artigos analisados, 81 estudos encontram-se publicados em 18 periódicos com avaliação B1, 96 artigos em 15 revistas com Qualis A1 e 80 artigos em 12 revistas com qualis A2. Entre os instrumentos mais usados nos estudos analisados sobre juventude, o levantamento teórico-documental foi o mais utilizado, presente em 29,85% (n=123) dos artigos. As delimitações do universo amostral apontaram para uma quantidade pequena de participantes utilizados nas pesquisas, mais da metade dos estudos encontrados (50,15%) apresentaram amostras com até 60 participantes. Verificou-se ainda uma maior concentração de pesquisas sobre juventude sob o escopo da psicologia social, tratamento e prevenção psicológica, norteados pela teoria psicanalítica e da psicologia do desenvolvimento humano. Ademais, constatou-se a ausência de informações para o entendimento e interpretação dos resultados em alguns artigos, o que diminui as chances de serem utilizados como referência para futuras pesquisas.

Palavras-Chave: Juventude. Revisão sistemática. Periódicos. Psicologia.

Abstract

The present study is a systematic review. The objective of this study was to analyze the scientific production on the subject of youth in the field of Psychology from articles published in national journals between the years 2006 to 2015. From the descriptors young and young, the search of articles in two databases (SciELO and PePSIC). The following variables of each article were tabulated: a) name of the journal and Qualis CAPES, b) area of Psychology (according to CNPq), c) objectives, d) sample, e) data collection instruments and f) analysis procedure . Among the 257 articles analyzed, 81 studies were published in 18 journals with B1 evaluation, 96 articles in 15 journals with Qualis A1 and 80 articles in 12 journals with A2 qualifications. The most instruments used in the studies analyzed on youth, the theoretical-documentary survey was the most used, present in 29.85% (n = 123) of the articles. The delimitations of the sample universe point to a small number of participants (less than ten) used in the research, just over half of the studies found (50.15%) presented samples with up to 60 participants. There was also a greater concentration of research on youth under the scope of social psychology, treatment and psychological prevention, guided by psychoanalytic theory and the psychology of human development. In addition, it was verified the absence of information for the understanding and interpretation of the results in some articles, which diminishes the chances of being used as reference for future researches.

Key words: Youth. Systematic review. Newspapers. Psychology

Introdução

A juventude é compreendida a partir de um processo inseparável da constituição da modernidade. Segundo Minayo (2010), tal fato faz com o termo juventude seja utilizado nas ciências que buscam respostas ou formulações para questões relacionadas ao ser humano. Semelhante a outros fenômenos psicossociais, a juventude também é

compreendida a partir de uma perspectiva sócio-histórica, configurando-se como um fenômeno polissêmico a depender do grupo e do tempo histórico (Minayo, 2010).

Frente a isso, Laranjeira, Iriart e Rodrigues (2016) destacam que o termo juventude pode ser mediado por elementos de ordem sociais distintos, como a cultura, ideologia e política. Ao defenderem o caráter socio-histórico da juventude, Gil e Seffner (2016) defendem a ideia de não existir um significado exato que contemple o termo juventude, mas expressões do fenômeno, as quais se apresentam a partir dos mais variados contextos históricos e culturais.

Para Menandro Trindade e Almeida (2010) o termo juventude foi sendo construído a partir das demandas emergentes das transformações sociais ocasionadas pelas formas de trabalho capitalistas, as quais demandavam maior preparo dos *meninos* para o exercício de certos ofícios, o que suscitou um aumento do período escolar e da dependência financeira dos pais. Oliveira (2015) e Pais (2009) corroboram com Menandro et al. (2010) ao salientarem que as mudanças no mundo do trabalho na segunda metade do século XIX possibilitaram a construção social da juventude como a conhecemos hoje. A necessidade de uma preparação profissional prolongada acabou por ocasionar o prolongamento da tutela familiar sobre os adolescentes, forçando a busca por perspectivas que delimitassem um novo período intermediário entre infância e idade adulta, a juventude (Abramo, 2008; Cassab, 2011; Menandro et al., 2010; Peralva, 2007).

Ao se debruçar sobre os primeiros estudos sobre juventude desenvolvidos no Brasil, Tavares (2012) destaca que tais estudos foram influenciados pelos movimentos juvenis europeus e norte-americanos. Segundo o autor, as primeiras investigações sobre juventude desenvolvidas no Brasil tinham como análise os movimentos estudantis e sua forma específica de organização. Até meados dos anos 1970, sociólogos e pesquisadores interessados em discutir juventude estavam mais voltados para a análise de como os jovens

se configuravam como geração numa estrutura social distribuída em termos de classe e status sociais.

Conforme Brenner (2011), no século XX as denominações conferidas a grupos de jovens no Brasil levaram em consideração alguns movimentos protagonizados pelos mesmos, como as mobilizações de cunho político reivindicatório, que se relacionavam a fatores sociais. Datam desde as organizações de marchas por direitos, a partir dos anos de 1930 durante a era Vargas, quando estudantes universitários se organizaram e criaram a União Nacional dos Estudantes – UNE, para lutar pela construção da democracia e justiça social no Brasil (Brenner, 2011).

Apesar da população jovem ter continuado a promover grandes e importantes mobilizações, como as reivindicações em torno do voto direto para presidente, as produções acadêmicas apontam que a partir 1980, apontam para a retração dos movimentos estudantis, um declínio no engajamento dos jovens na luta por direitos. Alguns estudiosos se depararam com uma fragmentação temática e conceitual em relação à juventude. Pesquisadores e interessados no tema começam então a problematizar e investigar quais os motivos que justificam ou que proporcionam uma identidade juvenil (Maheirie et al., 2013).

Como explica Zanella et al. (2013), verifica-se no século XXI um número maior de entidades interessadas ou preocupadas em discutir assuntos envolvendo a juventude brasileira. Ocorre o desenvolvimento de pesquisas sobre fenômeno em diversas áreas do conhecimento visando uma compreensão mais completa sobre juventude por meio da problematização de assuntos envolvendo os jovens, como violência, cidadania, drogas, saúde, educação, gravidez e trabalho (Zanella et al., 2013).

Em se tratando de revisões sistemáticas da literatura, Gomes e Caminha (2014), destacam que estas constituíram-se como importantes instrumentos metodológicos de pesquisas baseadas em critérios pré-determinados e evidências científicas consistentes. Por

integrar informações existentes sobre uma temática específica, por meio de teorias, métodos ou resultados procedentes de estudos primários realizados, as revisões sistemáticas permitem a discussão e geração de evidência científica (Gomes & Caminha, 2014).

Entretanto, destaca-se aqui, apenas três estudos encontrados em Psicologia relacionados à revisão sistemática da literatura sobre juventude no contexto brasileiro. Uma investigação desenvolvida por Boghossian e Minayo (2009) com o objetivo relacionar e discutir as principais questões trazidas pelos pesquisadores que publicam artigos em língua inglesa e portuguesa artigos sobre juventude, no qual revelou que a busca da perspectiva dos jovens sobre a participação, a política e a cidadania tem se tornado o caminho preferencial das pesquisas. Na área da psicologia, Ramos, Seidl-de-Moura e Pessôa (2013) se propuseram a desenvolver uma revisão crítica da literatura com vistas a identificar as principais orientações teóricas que norteiam estudos sobre a construção de metas e de realização e objetivos futuros de jovens. Já Paixão e Almeida (2013), em uma investigação realizada na área da saúde, apresentaram os resultados de uma revisão de literatura acerca dos conceitos de adolescência e juventude.

É a partir da constatação da ausência de pesquisas de revisão sistemática da literatura sobre juventude que agrupem e enfoquem a produção a respeito dessa temática e considerando o pensamento de Debert (2010), no qual destaca que com o crescimento da população juvenil, que mundialmente chega a cerca de 1,3 bilhões de jovens, pesquisadores e organizações interessadas no tema juventude reafirmaram a relevância e a necessidade de investigações a respeito dessa temática, que este artigo se propôs a conhecer e apresentar o estado atual da arte sobre a produção científica da Psicologia na última década (2006 a 2015) a respeito da temática da juventude via análise de artigos publicados em periódicos nacionais.

Método

O presente estudo versa sobre uma revisão sistemática da literatura, descritiva com abordagem quali-quantitativa. Conforme Sampaio e Mancini (2007), a revisão sistemática é uma forma de pesquisa que integra informações de um conjunto de estudos, no qual utiliza como fonte de dados à literatura sobre determinado tema para ter acesso a resultados mediante a aplicação de métodos explícitos e sistematizados. Para Fillos, Bednarchuk, Zen, Nadal e Burak (2012), a pesquisa quali-quantitativa, faz alusão à combinação de recursos de duas modalidades de análises de dados, na qual é estabelecida tanto o uso de técnicas estatísticas (quantificação) quanto a interpretação de informações para a descrição de significados.

A coleta de dados ocorreu em dois sites de periódicos (*Scientific Electronic Library Online* – SciELO e no Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia – PePSIC), que abrangem uma coleção selecionada de artigos científicos do Brasil, da América latina e do Caribe. Ambas as plataformas foram escolhidas por integrarem, como explica Zoltowski, Costa, Teixeira e Koller (2014), quase toda a totalidade da produção psicológica indexada do país e por serem abertas, a disposição livre e pública na internet, permitindo a qualquer usuário a leitura, download, cópia, impressão ou busca de *links* com o conteúdo completo de artigos para qualquer propósito legal.

A busca foi realizada a partir dos descritores *jovem* e *juventude*. Foi estabelecido como principal critérios de inclusão os estudos de revistas da área da psicologia publicados em periódicos pertencentes às áreas de Ciências Humanas sobre o tema juventude publicados entre os anos de 2006 a 2015 e, ainda como parâmetro de inclusão, artigo em idioma português e de autoria brasileira. Como critérios de exclusão: artigos publicados exclusivamente por autores estrangeiros; que não apresentassem os trabalhos na íntegra nas bases de dados; fora do período de 2006 a 2015, e; que não abordasse como foco principal o

tema juventude.

A seleção dos artigos foi realizada por dois leitores/pesquisadores no qual avaliaram as informações e a qualidade metodológica de cada artigo coletado. Ao todo, foram encontrados 753 artigos sobre o tema juventude. Com a aplicação dos critérios de exclusão e eliminação dos estudos repetidos nas duas bases de dados pesquisadas, chegou-se ao número de 387 artigos.

Após o levantamento dos estudos sobre juventude que fariam parte da proposta, deu-se seguimento à construção e levantamento do banco de dados propriamente dito. Os estudos encontrados foram tabulados em uma planilha do programa Excel®, a partir dos objetivos específicos do presente estudo: a) revista e o Qualis CAPES; b) área da psicologia (conforme a CAPES); c) amostra; d) instrumentos de coleta de dados; e, e) procedimento de análise. A análise dos dados consistiu em uma análise estatística descritiva baseada em estudos desenvolvidos por Simoneau e Oliveira (2014), Trindade, Guerra Bonomo e Silva (2013) e Santos et al. (2013).

Resultados e discussão

O primeiro objetivo específico buscou as revistas que mais publicam sobre a temática juventude e o escopo da avaliação das mesmas segundo o Qualis CAPES – 2014. Ressalta-se que durante o período de coleta de dados, a plataforma Sucupira estava enfrentando um problema de instabilidade e incorporação das informações. Destaca o ponto que a avaliação de 42 revistas vinculadas aos artigos coletados não puderam ser identificados devido a problemas da plataforma que perdurou o fechamento desse estudo. Dessa forma, as mesmas não foram consideradas para essa análise.

Ao todo foram identificadas 103 revistas com estudos sobre juventude. No entanto, somente foi possível identificar, por meio da plataforma sucupira, apenas o Qualis CAPES

de 61 revistas com avaliações variando entre A1 a B4. O Quadro 1 apresenta o número de estudos publicados por revista e Qualis Capes 2014 de cada uma.

Quadro 1

Revista, Qualis CAPES e quantidade de artigo por periódico

<i>f</i>	Revista	Qualis	<i>f</i>	Revista	Qualis		
17	Estudos de psicologia (Natal)	A1	19	Psicologia & sociedade	A2		
14	Psicologia em estudo		16	Psicologia, ciência e profissão			
10	Educação e pesquisa		12	Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento			
08	Psicologia teoria e pesquisa		11	Estudos e pesquisas em psicologia			
07	Estudos de psicologia		09	Psicologia clínica			
06	(Campinas)		08	Arquivos brasileiros de psicologia			
05	Educação e sociedade		07	Psicologia USP			
03	Psicologia reflexão e crítica		06	Temas em psicologia			
03	Horizontes antropológicos		03	Ágora			
02	Paidéia (Ribeirão Preto)		03	Revista brasileira de orientação			
01	Cadernos Nietzsche		01	profissional			
01	Educação & Realidade		01	Novos estudos			
01	Paidéia		Total= 15	Psico-USF		Total= 12	
01	Revista brasileira de educação						
01	Revista de Ciências Sociais						
01	Tempo Social						
<i>f</i>	Revista	Qualis	<i>f</i>	Revista	Qualis		
24	Saúde & sociedade	B1	08	Educar em revista	B2		
09	Fractal		04	Estilos clínicos			
09	Revista mal-estar e subjetividades		04	Revista brasileira de psicodrama			
06	Revista brasileira de educação especial		03	Cadernos de psicologia social do trabalho			
05	Psicologia em revista (Belo Horizonte)		02	Barbaroi			
04	Boletim de Psicologia		01	Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia			
04	Educação em revista		01	Revista brasileira de psicanálise			
03	Estudos feministas		01	Construção psicopedagógica			
03	Trabalho, educação e saúde			Interações			
02	Psicologia em pesquisa			Revista Interinstitucional de Psicologia			
02	Revista brasileira de teoria comportamental cognitiva		Total= 18				
02	Revista SPAGESP						Total= 10
02	Vínculo						
02	Contextos Clínicos						
01	Interface (Botucatu)						
01	Psicologia da educação						
01	Revista Abordagem Gestalt						
01	Tempo psicanalítico						
<i>f</i>	Revista	Qualis		<i>f</i>	Revista	Qualis	
8	Interface comunicação, saúde e educação	B3	4	Caderno de pesquisa	B4		
7	Revista de psicologia política		1	Revista psicologia e saúde			
4	Imagário		Total= 03			Total= 02	

Conforme o Quadro 1, podemos observar que a revista com maior número de artigos publicados, *Saúde & Sociedade* (n=24), possui escopo B1 e pertence à Universidade de São Paulo – USP, no qual se destina a comunidade de profissionais do campo da saúde, docentes, pesquisadores, especialistas da área de saúde pública e de áreas afins. Desde sua criação, tem publicado trabalhos de diferentes áreas do saber que se relacionam ou tenham como objeto de preocupação a saúde coletiva. Nesse sentido, abarca a produção de diferentes ramos das ciências humanas e sociais.

Considerando a classificação A1, a revista com maior registro de artigos publicados sobre juventude, *Estudos de Psicologia de Natal* (n=17), é vinculada aos Programas de Pós-Graduação em Psicologia e Psicobiologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). A revista se dedica a publicar trabalhos inéditos em Psicologia Cognitiva, Psicologia Social Comunitária e Saúde Mental; em Psicobiologia; Psicologia Social do Trabalho; A Psicologia e a atuação do psicólogo nas Políticas Sociais; Direitos Humanos e Relações Pessoa-ambiente.

Entre as revistas com maior registro de publicações sobre juventude e com escopo A2, temos a revista *Psicologia & Sociedade* (n=19) da Associação Brasileira de Psicologia Social – ABRAPSO, na qual privilegia pesquisas e discussões na interface entre a psicologia e a sociedade, tendo em vista o desenvolvimento da Psicologia Social numa postura crítica, transformadora e interdisciplinar.

Observou-se que entre os 257 artigos analisados, 81 estudos encontram-se publicados em 18 periódicos com avaliação B1, 96 artigos em 15 revistas com Qualis A1 e 80 artigos em 12 revistas com qualis A2. Sobre essa observação, deve-se considerar que devido ao fato da maioria das publicações são derivadas de dissertações de Mestrados e Teses de Doutorados, oriundos de Programas de Pós-Graduação brasileiras, há um interesse em publicar o material em revistas de maiores escopos, visando o reconhecimento da qualidade

do material e de manter uma boa avaliação dos programas de Pós-Graduação nas avaliações realizadas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes. Pontua-se ainda, que os menores registros de produções sobre juventude entre os artigos coletados fazem alusão aos Qualis B3 (19 artigos, em três revistas) e B4 (cinco artigos, em duas revistas).

O segundo objetivo específico desta revisão buscou conhecer as áreas de conhecimento da psicologia que estão se debruçando sobre a temática e/ou fenômeno da juventude. Como critério de construção das categorias de análise, foram adotadas as áreas de conhecimento em Psicologia apontadas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq¹: 1. Fundamentos e medidas da Psicologia; 2. Psicologia experimental; 3. Psicologia fisiológica; 4. Psicologia comparativa; 5. Psicologia social; 6. Psicologia Cognitiva; 7. Psicologia do desenvolvimento humano; 8. Psicologia do ensino e da aprendizagem; 9. Psicologia do trabalho e organizacional; 10. Tratamento e prevenção psicológica. Os artigos analisados foram divididos sendo alocados nas áreas da Psicologia conforme a área de conhecimento. Desse modo, cada estudo foi classificado em apenas um tipo de categoria, considerando área do conhecimento no qual se relacionava. A fim de garantir o critério de entrada dos estudos em uma única categoria foram analisadas informações centrais presentes em cada artigo, como o título, resumo, palavras chave, objetivos, conceito ou teoria que se relacionavam a determinada área de conhecimento da Psicologia pelo CNPq. A síntese da divisão de artigos por áreas pode ser visualizada abaixo na Figura 1.

¹ <http://www.capes.gov.br/avaliacao/instrumentos-de-apoio/tabela-de-areas-do-conhecimento-avaliacao>

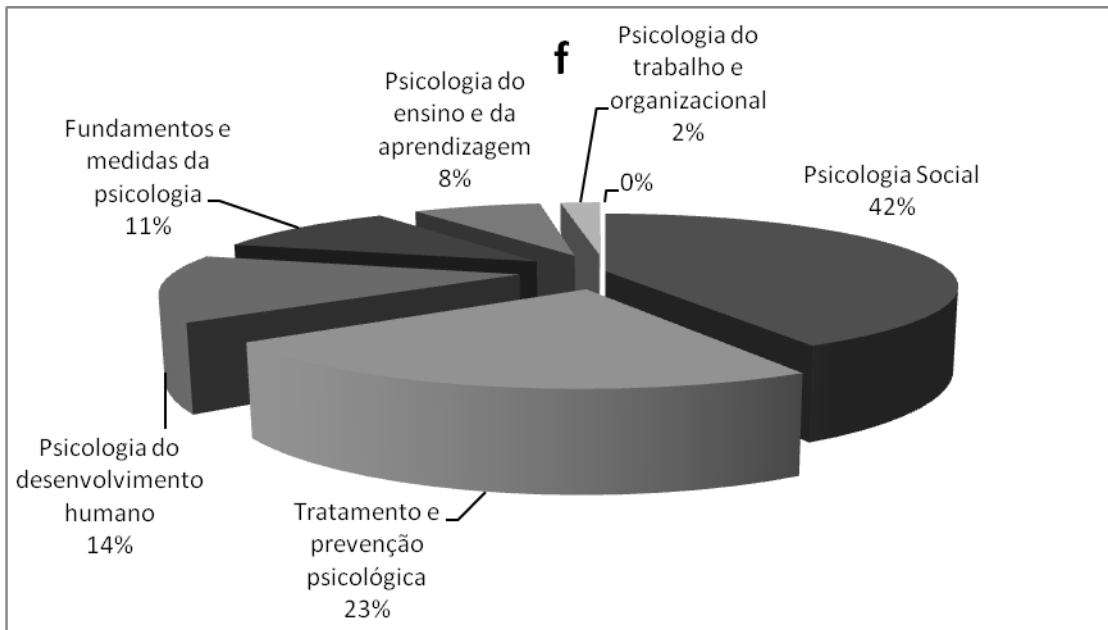


Figura 1. Distribuição dos artigos por áreas de conhecimento da Psicologia, segundo o CNPq – Totais absolutos e relativos, 2006-2015.

Como pode ser observado na Figura 1, os estudos encontrados foram agrupados em seis áreas da Psicologia: 5. Psicologia social, 10. Tratamento e prevenção psicológica, 7. Psicologia do desenvolvimento humano, 1. Fundamentos e medidas da psicologia, 8. Psicologia do ensino e da aprendizagem, e; 9. Psicologia do trabalho e organizacional. Registra-se que nessa pesquisa não foram identificados estudos sobre juventudes relacionados a quatro áreas de conhecimento, sendo elas: 2. Psicologia experimental; 3. Psicologia fisiológica; 4. Psicologia comparativa e 6. Psicologia cognitiva.

Dentre as áreas com maior concentração de artigos, destaca-se a de 5. *Psicologia Social*, com 42% (n=162) das investigações a ela relacionadas, no qual temos como exemplo dois estudos, um que desenvolvido por Santos, Oliveira, Paiva e Yamamoto (2012) que objetivou refletir sobre os contextos em que jovens vítimas de homicídios estavam inseridos a partir da perspectiva de seus familiares. O segundo, elaborado por Gurski (2010) que se propôs analisar os denominados massacres juvenis como um sintoma do laço social e conhecer o que os jovens devolvem através dos atos de violência.

A área de psicologia social é um ramo da psicologia que estuda comportamentos, sentimentos, atitudes, crenças, valores e outros assuntos na qual leva em consideração o pensamento e ação do sujeito em sociedade. Como pontua Yamamoto, Seixas, Costa e Lima (2012), desde o século XX a disciplina de psicologia social foi uma das primeiras a ser implantada e considerada como obrigatória nos cursos de graduação em psicologia no Brasil. Essa exigência fez com que a psicologia social estabelecesse um campo central de investigação e intervenção até os dias atuais. Ademais, a presença de cursos de Pós-Graduação que tem a psicologia social como escopo ou linha de pesquisa ajudam a difundir e solidificar a psicologia social como campo de investigação credível.

Em relação à área *10. Tratamento e prevenção psicológica*, a mesma contou com 23% (n=89) dos estudos. Como explica Araújo (2007), por discutir assuntos relacionados ao diagnóstico e intervenção preventiva de psicopatologias, assim como a criação de testes e experimentos que tratem do sujeito em seu estado consciente visando à promoção e a manutenção da saúde, esta área envolve um corpo organizado de princípios teóricos, métodos e técnicas de investigação tanto da personalidade como de outras funções cognitivas do ser humano.

Entre os estudos que a reportam, temos o que foi desenvolvido por Bulamah, Barbieri e Kupermann (2011) no qual utilizou um material produzido por uma jovem estudante de Medicina para realizar uma análise sobre o papel da constituição subjetiva traumática na escolha de uma profissão caracterizada pelo cuidado com o outro. E, além desse, o artigo de Shimada, Oliveira, Risk, Saviolli e Melo-Silva (2013) no qual se propuseram a discutir a psicodinâmica da escolha profissional por meio da narrativa produzida sobre cinco fotos preferidas do teste de fotos de profissões por um rapaz de 17 anos. Em relação a esses dois estudos citados, ambos são de cunho psicanalítico e a respeito dessa informação, salienta-se que dos 89 estudos relacionados a área de tratamento e prevenção psicológica, 47 tratavam-

se de estudos que faziam alusão a psicanálise, compondo então, pouco mais da metade de todos os estudos encontrados sobre *Tratamento e Prevenção Psicológica*.

A área de 7. *Psicologia do desenvolvimento humano* concentrou 14% (n=56) dos estudos. Conforme Papalia (2010) esta área pode ser entendida como aquela na qual discute o desenvolvimento do ser humano em todos os seus aspectos: físico-motor, intelectual, afetivo-emocional e social, desde o nascimento até o final da vida. Um dos motivos pelo qual alguns trabalhos sobre juventude são desenvolvidos nessa área se deve ao fato dos autores problematizarem questões relacionadas ao ciclo vital, sendo a juventude uma dessas fases. Destaca-se ainda que algumas universidades brasileiras, como Universidade de Brasília e a Universidade de São Paulo, apresentam Programas de Pós-Graduação com linhas de pesquisas nessas áreas, o que colabora para a publicação de artigos. Entre os estudos relacionados a área psicologia do desenvolvimento humano, temos como exemplo o artigo de Santos (2007) no qual objetivou identificar as repercussões no desenvolvimento humano em contexto das trajetórias de jovens assassinados e tomar por referência noções de contexto e desenvolvimento humano que valorizam os processos, as interações, as relações proximais e o tempo, numa dimensão dialógica, culturalmente situada, nos domínios da vida cotidiana.

Em se tratando dos achados relacionados aos resultados encontrados nas áreas seguintes e com menor produção da temática sobre juventude, encontramos a área 1. *Fundamentos e medidas da psicologia*, com 11% (n=42) dos estudos publicados, entre eles o de Melo e Mota (2013) que se propôs analisar em que medida a qualidade da vinculação amorosa exerce efeito no bem-estar psicológico de jovens provenientes de famílias intactas e divorciadas. Para Pasquali (2009) esta área trata de assuntos relacionados à avaliação psicológica, a validação de instrumentos psicológicos, a elaboração e aplicação de testes, técnicas e instrumentos psicométricos capazes de problematizar e analisar atributos como

inteligência, aprendizagem, valores.

A área 8. *Psicologia do ensino e da aprendizagem* registrou um total de 8% (n=29) de estudos sobre juventude. Essa área busca compreender e analisar as formas de conhecimentos existentes numa sociedade e como são apropriados pelo ser humano. Aqui são enfocados temas como linguagem, pensamento, cognição, afetividade, motivação, os quais se debruçam sobre a compreensão dos fatores que influenciam os processos de aprendizagem (Antunes, 2008). Entre os estudos relacionados a área da psicologia do ensino e da aprendizagem, cita-se o de Pugliese e Castanho (2009) que investigou os sentido que os jovens atribuem à matemática, bem como os elementos da história individual e do contexto histórico-social em que estão inseridos.

Por fim, temos a 9. *Psicologia do trabalho e organizacional* com registro de 2% (n=9) dos estudos analisados. De acordo com Borges-Andrade e Pagotto (2010), esta área discute o comportamento humano no trabalho através do estudo dos processos individuais, grupais e interpessoais nas organizações. Entre os estudos identificados, cita-se o desenvolvido por Tiriba e Fischer (2011) no qual teve como objetivo refletir sobre a formação de jovens trabalhadores e as dimensões educativas dos processos de trabalho. Temos ainda como exemplo o artigo de Dib e Castro (2010), que visou analisar a maneira como os jovens universitários de estratos médios do Rio de Janeiro atuam e se posicionam diante da demanda de se tornarem produtivos.

Ainda em relação aos resultados concernentes as áreas do conhecimento da psicologia as quais os artigos analisados pertencem, destaca-se aqui o impacto dos estudos sobre juventude presente em seis áreas e a ausência de pesquisas sobre esse fenômeno em quatro áreas do conhecimento (Psicologia experimental; Psicologia fisiológica; Psicologia comparativa e Psicologia cognitiva). Tal fato nos faz refletir sobre a evolução das investigações a respeito dessa temática. Como destaca Silva e Lopes (2009), a partir do

interesse inicial pela psicologia do desenvolvimento em se debruçar sobre assuntos relacionados à adolescência, as investigações sobre juventude evoluíram na busca de estratégias metodológicas capazes de explicar e discutir em outras áreas e questões envolvendo os jovens.

Essa relevância produz uma concepção direcionada a ideia de múltiplas juventudes no plural, para que seja possível alcançar uma compreensão mais ampla e fiel com relação às heterogeneidades produzidas pelos coletivos sociais dos jovens. Nessa concepção, atentamos para o fato do termo juventude poder transitar entre aspectos históricos, físicos, econômicos, culturais e sociais, determinados em um processo permanente de mudança e ressignificação nas sociedades contemporâneas. Desse modo, tal evolução tem contribuído para ampliar o escopo da teorização e pesquisa em outras áreas do conhecimento em Psicologia sobre juventude.

No tocante aos resultados do terceiro objetivo específico, *c. tamanho da amostra*, vale a pena salientar que foi adotado o critério de dimensionamento da amostra presentes nos artigos encontrados a partir da classificação empregada por Trindade et al (2013), conforme pode ser observado na Tabela 1, abaixo:

Tabela 1

Tamanho da amostra - Por estudos e as utilizadas por áreas do conhecimento

<i>Tamanho da amostra</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
1-9	109	28,20%
10-29	46	11,88%
30-59	39	10,07%
60-99	34	8,78%
100-199	42	10,85%
200-499	37	9,56%
Acima de 500	44	11,36%
Estudos sem citar amostra	36	9,30%
Total	387	100%

<i>Áreas do conhecimento</i>	<i>Tamanho da amostra</i>
Psicologia social	Até 400
Tratamento e prevenção psicológica	Até 250
Psicologia do desenvolvimento humano	Até 200
Fundamentos e medidas da psicologia	Acima de 500
Psicologia do ensino da aprendizagem	Até 300
Psicologia do trabalho e organizacional	Acima de 500

Ao analisar os resultados encontrados na Tabela 1, verifica-se que pouco mais de ¼ dos estudos publicados sobre juventude possuem amostras envolvendo entre 1 a 9 participantes (n=109), como exemplo temos o estudo de Bulamah et al. (2011) no qual utilizou em sua amostra o depoimento de um entre seis voluntários de uma pesquisa sobre a constituição psíquica de jovens estudantes de Medicina. Amostras envolvendo uma quantidade entre 10 a 29 participantes totalizaram 11,88% (n=46). Como exemplo cita-se o estudo desenvolvido por Chaves (2010), no qual teve como amostra 12 jovens (seis moças e seis rapazes) de 18 a 25 anos de idade, com vistas a discutir a heterogeneidade das percepções de jovens sobre os relacionamentos amorosos na atualidade.

Já os estudos que utilizaram uma amostragem variando entre 30 a 59 participantes contabilizaram 10,07% (n= 39) dos artigos. Temos como exemplo o artigo de Silva, Farias, Silvares e Arantes (2008) que contou com uma amostra composta 40 jovens com o objetivo de comparar adolescentes infratores e não-infratores com relação a dois aspectos: grau de

adversidade familiar e grau de concordância entre a autopercepção e a percepção dos pais sobre problemas de comportamento dos jovens.

Estudos que utilizaram entre 60 a 99 participantes registraram 8,78% (n=34) dos artigos analisados. A pesquisa desenvolvida por DeSousa e Cerqueira-Santos (2012), no qual teve como objetivo investigar e descrever características dos relacionamentos íntimos de amizade de jovens adultos, contando com 98 jovens adultos. Outro estudo que fez uso de amostra envolvendo mais de 60 participantes, por exemplo, são dos autores Costa-Vieira, Héliida Arrais e Souza (2014) no qual utilizaram uma amostra de 69 jovens, sendo 40 mulheres e 29 homens com o intuito de adaptar uma bateria de avaliação de expressões faciais e prosódia emocional, incluindo uma comparação entre participantes do sexo feminino e masculino e por escolaridade.

O percentual de estudos que utilizaram uma amostra entre 100 a 199 foi de 10,85% (n=42). O estudo analisado de Guimarães e Pasian (2009) é um exemplo, no qual contou com uma amostra de 120 jovens, de ambos os sexos, com o intuito de descrever o padrão geral de respostas de adolescentes (com desenvolvimento típico) diante do questionário desiderativo, focalizando as variáveis relacionadas à análise de sua adaptação ao real. Pesquisas que tiveram entre 200 a 499 participantes, representaram 9,56% (n=37) dos estudos analisados. Sobre essa informação, cita-se o estudo realizado por Naiff, Sá e Naiff (2008), por exemplo, no qual os autores utilizaram uma amostra de 400 participantes com o objetivo de descrever e comparar as memórias que duas diferentes gerações na população do Rio de Janeiro guardam sobre o período compreendido pela ditadura do Estado Novo. Além desse estudo, temos também o de Hildebrand, Celeri, Morcillo e Zanolli (2015) que fez uso de uma amostra envolvendo 252 participantes, no qual consistiu em uma avaliação dos possíveis problemas de saúde mental jovens vítimas de violência doméstica, atendidos em serviços especializados de referência.

As investigações envolvendo grandes amostras, acima de 500 participantes, contabilizaram 11,36% (n=44) dos estudos analisados. O artigo de Teixeira, Marreto, Mendes e Santos (201) é um exemplo, no qual contou com uma amostra de 2282 jovens, objetivando discutir as práticas sexuais homoeróticas de adolescentes com seus familiares e grupos de pares e a questão de sair do armário como ferramenta política. Frente a esses achados, pontua-se ainda o fato de que estudos com uso de métodos quantitativos coletados nessa investigação, em sua maioria, utilizaram amostras com mais de 200 sujeitos.

Os resultados sobre o tamanho da amostra utilizados pelos pesquisadores dos estudos sobre juventude também nos propiciaram conhecer qual o tamanho das amostras dos estudos considerando as áreas do conhecimento da psicologia. Os estudos relacionados à área de psicologia social revelaram utilizar amostras envolvendo até amostras pequenas e chegando até 400 participantes. Tais achados evidenciam a diversidade teórico-metológica da psicologia social, a qual pode ser compreendida entre uma psicologia social de caráter mais experimental e individualizante às perspectivas mais sociologizantes e coletivas.

Os estudos pertencentes à área de tratamento e prevenção psicológica utilizaram até 250 participantes em suas amostras. Houve o registro de amostras de até 200 participantes em estudos relacionados à área de psicologia do desenvolvimento humano e de até 300 participantes em estudos da área de psicologia do trabalho e organizacional. Já as áreas de fundamentos e medidas da psicologia e de psicologia organizacional e do trabalho revelaram utilizar amostras com número superior a 500 participantes.

Ainda relacionados aos resultados da amostra, destaca-se que 9,30% (n=36) dos estudos não fizeram nenhuma alusão quanto à composição da amostra. Entre os 36 estudos sem informações relacionadas à amostra, 25 envolviam seres humanos e 11 eram teóricos.

A respeito do quarto objetivo específico, verificação dos instrumentos de coleta de dados utilizados nos artigos publicados que versaram sobre juventude, ressalta-se que a

nomeação das categorias foram elencadas a partir dos manuais de metodologia científica (Gerhardt, Ramos, Riquinho & Santos, 2009; Gil, 2008; Köche, 2011; Marconi & Lakatos, 2010). Alguns estudos apresentaram mais de um instrumento de coleta de dados, os quais foram classificados em mais de uma entrada diferente, resultando assim em 446 registros, conforme pode ser verificado na Tabela 2.

Tabela 2

Instrumentos de coleta de dados - Por estudos e as utilizadas por áreas do conhecimento

<i>Instrumentos de coleta</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
Levantamento teórico-documental	123	29,85%
Entrevista	114	27,67%
Questionário	49	11,89%
Observação	37	8,98%
Relato de experiência	34	8,25%
Escala	32	7,77%
Grupo focal	17	4,13%
Estudo de caso	4	0,98%
Diário de campo	1	0,24%
Associação livre	1	0,24%
Total	412	100%
Estudos que mencionaram o instrumento de coleta	366	94,57%
Estudos que não mencionaram o instrumento de coleta	21	5,73%
Total de estudos analisados	387	100%
<i>Áreas do conhecimento</i>	<i>Instrumentos utilizados na coleta</i>	
Psicologia social	Levantamento teórico-documental, questionário, entrevista, observação, grupo focal, escala, relato de experiência, diário de campo e associação livre.	
Tratamento e prevenção psicológica	Levantamento teórico-documental, entrevista, questionário, observação, escala, estudo de caso e relato de experiência.	
Psicologia do ensino e da aprendizagem	Levantamento teórico-documental, questionário, entrevista, observação, escala e relato de experiência.	
Psicologia do desenvolvimento humano	Levantamento teórico-documental,	

	questionário, entrevista, observação e grupo focal.
Psicologia do trabalho e organizacional	Questionário, entrevista, observação, grupo focal.
Fundamentos e medidas da psicologia	Entrevista, questionário, observação e escala.

Ao todo foram identificados dez tipos de instrumentos de coleta mencionados pelos autores nos artigos: levantamento teórico documental, entrevista, questionário, observação, relato de experiência, escala, associação livre, grupo focal, diário de campo e estudo de caso. Entre os instrumentos mais usados nos estudo coletados sobre juventude, cita-se o levantamento teórico-documental, no qual foi utilizado em 29,85% (n=123) dos artigos. Estes estudos (levantamentos teórico-documentais) como aclara Gerhardt et al (2009), tem como foco principal a discussão epistemológica ou conceitual de um objeto a respeito de uma ou mais teoria.

Como exemplo, temos artigo desenvolvido por Oliveira e Rosa (2010), no qual apoiados principalmente em autores que versam sobre juventude e violência, buscaram ampliar o entendimento desse assunto analisando desde as raízes até as transformações decorrentes da globalização. Além desse estudo, cita-se o de Rosa e Vicentin (2010), que fundamentado pela teoria da psicanálise, teve por objetivo analisar a tensão presente entre posições teóricas e políticas e dos discursos da saúde e do campo jurídico para propor a superação de uma abordagem da violência advinda do discurso da defesa social, em favor de uma prática interdisciplinar eticopolítica que propicie a escuta do jovem e sua possibilidade de fundar seu novo lugar no campo social.

A técnica de entrevista foi empregada em 27,67% (n=114) das produções analisadas, como na pesquisa desenvolvida por Segeren e Françoço (2014), no qual foram realizadas entrevistas com onze mães de jovens autistas, com o objetivo de investigar as vivências de mães de jovens autistas e as dificuldades encontradas na fase da adolescência do filho

autista. Um dos motivos pelo qual a entrevista tenha sido o segundo instrumento mais utilizado nos estudos analisados sobre juventude, pode ser entendido, como explica Gil (2008), por possuir uma abordagem mais prática na qual é possível entender como os sujeitos decifram o seu mundo social e nele agem, os dados obtidos tornam-se suscetíveis de classificação e de quantificação.

Frente a isso, verificou-se que o uso da entrevista nos estudos analisados sobre juventude talvez possa ser justificado pela necessidade de obter dados que não podem ser encontrados em registros e fontes documentais, podendo estes serem fornecidos pelos próprios jovens. Entende-se que esse feito permite ao pesquisador explorar e obter mais informações relacionadas ao seu objeto de estudo, possibilitando ao mesmo ir além das descrições das ações, ao passo que é incorporar novas fontes para a interpretação dos resultados.

A utilização de questionários para a coleta de dados foi à técnica utilizada em 11,89% (n=49) dos estudos encontrados, como exemplo temos a pesquisa desenvolvida por Martins e Luz (2010) no qual foi realizada a aplicação de questionário com objetivo analisar a cultura organizacional de uma escola da região metropolitana de Belo Horizonte e sua relação com os episódios de indisciplina jovens discentes. Em relação a uso desse instrumento, Marconi e Lakatos (2017) pontua que os questionários são constituídos por uma série ordenada de perguntas, no qual é possível garantir o anonimato dos entrevistados, com isso maior liberdade e segurança nas respostas. Além do mais, o uso de questionários em pesquisas não expõe o entrevistado à influência do pesquisador, favorecendo a obtenção de respostas mais precisas ao passo que possibilita mais uniformidade na avaliação, em virtude da natureza impessoal do instrumento.

A técnica de observação foi utilizada em 8,98% (n=37) dos estudos. Segundo Marconi e Lakatos (2017) tal estratégia de coleta utiliza os sentidos na obtenção de

determinados aspectos da realidade e que não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar. Como exemplo de estudos que fizeram uso da observação, cita-se o estudo de Bardi e Malfitano (2014) que por meio de observações, visou identificar as redes sociais, formais e informais, de jovens que dizem que usam drogas ilícitas, na periferia urbana de um município de médio porte de São Paulo. Temos também como exemplo o estudo de Jacobina e Costa (2007) que por meio de observações participante, se propôs a conhecer como a experiência de trabalho do adolescente que está cumprindo medida socioeducativa influencia em suas relações familiares e qual significado essa experiência pode ter tanto para o jovem, quanto para sua família.

Já uso do relato de experiência foi utilizado em 8,25% (n=34) das investigações sobre juventude. De acordo com Gil (2008), o relato de experiência é utilizado em estudos por dar margem para o pesquisador relatar suas experiências e vivências por meio da descrição do contexto e procedimentos utilizados na investigação. Geralmente o relato é feito de modo contextualizado. Essa técnica foi identificada, por exemplo, no artigo de Rocha (2012) no qual é explanado o desenvolvimento do atendimento de um jovem psicótico, usuário de um CAPS, por meio do qual foi possível analisar a possibilidade de novas articulações com o grande outro. E também no artigo desenvolvido por Alberto (2012) que se refere a um relato de experiência que se pautou na construção de um pensamento crítico na formação de psicólogos para atuação na área da infância e juventude.

Em se tratando do uso da escala, a mesma foi empregada em 7,77% (n=32) dos estudos analisados. Em relação à escala, Gil (2008) destaca que seu uso tem por objetivo medir a intensidade das opiniões e as atitudes das pessoas de maneira mais objetiva possível e chama atenção para o fato de que esse tipo de instrumento é mais comumente empregado em pesquisas quantitativas. Como exemplo, atentamos para o estudo de Dallo e Martins

(2011) no qual teve por objetivo analisar, por meio da aplicação da escala Alcohol Use Disorders Identification Test (AUDIT), o consumo de álcool entre alunos do ensino médio de três escolas de Cascavel-PR. E também a pesquisa de Netto e Cerqueira-Santos (2012), que investigou, por meio da aplicação da escala de autoestima de Rosenberg em 182 jovens e de outro instrumento, as relações entre autoestima e comportamento sexual de risco entre pessoas de 14 a 23 anos de idade da cidade Aracajú.

A respeito do uso do grupo focal, foi registrado que 4,13% (n=17) dos estudos sobre juventude utilizaram essa técnica para coletar de dados. Conforme Minayo (2010), o objetivo central de pesquisadores em utilizar grupo focal é o de integrar, discutir e avaliar um tema específico, assim como identificar atitudes e ideias dos membros de um grupo a respeito de um assunto para alcançar níveis crescentes de compreensão sobre o mesmo (Minayo, 2010). Em relação a isso, temos como exemplo o artigo de Mesquita e Oliveira (2013), no qual utilizou três grupos focais compostos por jovens com idade entre 18 a 29 anos integrantes de grupos e movimentos dos âmbitos político, religioso e comunitário da cidade de Maceió, tendo como objetivo analisar a compreensão que jovens de diferentes espaços e contextos têm sobre a política, bem como, os valores que norteiam suas práticas militantes. Além desse estudo, cita-se também o que foi desenvolvido por Galinkin, Almeida e Anchieta (2012) que objetivou identificar as representações sociais que professores e policiais civis constroem sobre a violência praticada por jovens, utilizando para esse fim, a criação de grupos focais com posterior análise de conteúdo do corpus discursivo relativo à violência e suas causas.

Em relação ao estudo de caso, o mesmo foi empregado em apenas 0,96% (n=4) artigos. Yin (2005) esclarece que o estudo de caso é um instrumento que apresenta um problema mal estruturado, cujos limites não estão claramente definidos e que tem como característica a preservação do objeto estudado e a explicação das variáveis causais de

determinado fenômeno em situações complexas.

Entre os estudos que fizeram uso do estudo de caso, temos o que foi desenvolvido por Ávila (2011) que discute e apresenta dois casos clínicos que ilustram as dificuldades técnicas e evolutivas para o auxílio psicoterapêutico a dois jovens que buscam alcançar uma identidade bem constituída, tanto para suas escolhas objetivas, quanto para sua condição de ação no mundo. Ademais, cita-se o artigo de Silva, Lemos e Mélo (2011) que objetivou instigar reflexões críticas acerca de práticas jurídico-legais e de disciplinarização direcionadas aos jovens autores de ato infracional no interior de um dispositivo jurídico. Tal problematização se deu a partir de elementos da análise de um caso judicial referente a um jovem em cumprimento de medida sócio-educativa.

Sobre os instrumentos de coleta de dados menos utilizados, foram registrados dois: o diário de campo e o uso da associação livre, presentes em apenas um estudo cada. No que diz respeito ao estudo que utilizou o diário de campo como coleta e registro de informações, temos o artigo de Orlandi e Toneli (2008) no qual investigou algumas das repercussões da paternidade no cotidiano de adolescentes pais, visando contribuir para a elaboração de políticas públicas, por meio do registro de informações em um diário de campo, onde foram anotadas as impressões e percepções da pesquisadora durante as observações e encontros com os sujeitos. Minayo (2010) explica que o diário de campo tem caráter analítico e descritivo em uma investigação, no qual é realizado pelo pesquisador o registro de acontecimentos variados e de experiências pessoais.

Em se tratando do uso da técnica de associação livre, pontua-se que o mesmo foi identificado no artigo de Pecora e Sá (2008) que consistiu em uma análise sobre as memórias e as representações sociais construídas por três gerações acerca da cidade de Cuiabá, a partir das evocações livres aos termos indutores: a juventude do seu tempo e Cuiabá no seu tempo feitas por 150 participantes divididos entre as seguintes faixas etárias: 65 a 75 anos, 44 a 51

anos e 26 a 33 anos. Frente a essas colocações, Nóbrega e Coutinho (2003) salientam que a associação livre de palavras tem como base a associação de ideias feitas pelo sujeito a partir de estímulos variados, que permite ao pesquisador evidenciar universos semânticos no qual colocam em destaque os universos comuns de palavras para análise de um objeto pesquisado.

Outro resultado importante diz respeito aos estudos que não fizeram menção à técnica/instrumento de coleta de dados: 5,73% (n=21). Dos artigos analisados aqueles sem citar a técnica utilizada totalizam 15 metodológicos e seis teóricos, pertencentes à área da psicologia social (n=13), tratamento e prevenção psicológica (n=5), fundamentos e medidas da psicologia (n=2), psicologia do desenvolvimento humano (n=1).

Além dos resultados sobre o tipo de instrumento utilizado pelos pesquisadores nos estudos sobre juventude, a Tabela 2 apresenta quais são os tipos de instrumento empregados em estudos de juventude pertencentes às áreas do conhecimento da psicologia. Verificou-se que estudos relacionados à área de psicologia social apresentaram uma maior variação do uso, nove tipos instrumentos: levantamento teórico-documental, questionário, entrevista, observação, grupo focal, escala, relato de experiência, diário de campo e associação livre. Foi verificado que estudos da área de tratamento e prevenção psicológica utilizaram sete tipos de instrumentos: levantamento teórico-documental, entrevista, questionário, observação, escala, estudo de caso e relato de experiência.

Apesar de apresentar um número de artigos inferior à área de psicologia social, os estudos da área de psicologia do ensino e da aprendizagem empregaram seis tipos de instrumentos: levantamento teórico-documental, questionário, entrevista, observação, escala e relato de experiência. Já área de psicologia do desenvolvimento humano, evidenciou o uso de seis tipos de instrumentos: levantamento teórico-documental, questionário, entrevista, observação, grupo focal e estudo de caso. Foi identificado também o uso de quatro tipos de

instrumentos utilizados por pesquisadores com estudos relacionados à área de psicologia do trabalho e organizacional: questionário, entrevista, observação e grupo focal. Os resultados possibilitaram ainda, verificar que área de área de fundamentos e medidas da psicologia apresentou o menor registro de instrumentos utilizados nos estudos, apenas quatro tipos de instrumentos: entrevista, questionário, observação e escala.

A respeito do quinto e último objetivo específico, verificar os procedimentos de análise empregados nos estudos com foco na temática da juventude, destaca-se que foram registrados o uso de 350 procedimentos de análise de dados presente em 346 dos 387 artigos analisados. Aclara-se para o fato de que o número de análise de dados identificado (n=350) foi superior ao número de artigos com informações sobre análise (n=346). Isso se deve ao fato de que alguns estudos apresentaram mais de um tipo de análise de dados. Tal registro, levou em consideração a própria declaração do método de análise utilizado pelo(s) pesquisador(es) do artigo e de manuais de metodologia científica (Gerhardt, Ramos, Riquinho & Santos, 2009; Gil, 2008; Köche, 2011; Marconi & Lakatos, 2010). Desse modo, foram identificados seis tipos de análises: a. análise teórica, b. análise de conteúdo, c. análise estatística, d. análise do discurso, e. análise documental e f. análise fenomenológica, conforme explanado na Tabela 3:

Tabela 3

Análise de dados – Por estudos e as utilizadas por áreas do conhecimento

<i>Tipo de análise de dados</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
Análise teórica	118	33,71%
Análise de conteúdo	89	25,42%
Análise estatística	79	22,57%
Análise do discurso	38	10,86%
Análise documental	25	7,15%
Análise fenomenológica	1	0,28%
Total	350	100%
Estudos que mencionaram o tipo de análise	343	88,64%
Estudos que não mencionaram o tipo de análise	44	11,36%
Total de estudos analisados	387	100%

<i>Áreas do conhecimento</i>	<i>Tipo de análise de dados utilizada</i>
Psicologia social	Análise teórica, análise de conteúdo, análise estatística, análise do discurso, análise documental e análise fenomenológica.
Tratamento e prevenção psicológica	Análise teórica, análise de conteúdo, análise estatística e análise do discurso.
Psicologia do desenvolvimento humano	Análise teórica, análise de conteúdo, análise estatística, análise do discurso e análise documental.
Psicologia do ensino e da aprendizagem	Análise teórica, análise de conteúdo, análise estatística e análise documental.
Psicologia do trabalho e organizacional	Análise de conteúdo, análise do discurso e análise estatística.
Fundamentos e medidas da psicologia	Análise estatística.

Como é possível observar na Tabela 3, o método de análise mais utilizado pelos autores nos artigos sobre juventude foi à análise teórica, empregada em 33,71% (n=118) dos estudos. Este método consiste na análise de documentos que foram produzidos pelo homem, tendo como fontes de dados principalmente livros e artigos científicos (Gerhardt et al, 2009).

Nesse sentido, foi identificado que quatro áreas do conhecimento possuíam estudos com esse tipo de análise de dados: os relacionados à área de psicologia social, os pertencentes à área de tratamento e prevenção psicológica, os da área de psicologia do desenvolvimento humano e os da área da psicologia do ensino e da aprendizagem. Sobre essa informação, pontua-se que alguns estudos analisados sobre juventude, como por exemplo, aqueles relacionados à área de tratamento e prevenção psicológica norteados pela teoria psicanalítica e por teorias da psicologia do desenvolvimento humano identificados nesse estudo, pautaram-se na discussão sobre juventude por meio de revisões teóricas e pela explanação de casos clínicos.

Ainda em relação à grande quantidade de estudos encontrados sobre juventude envolvendo análise teórica, Trindade et al. (2013) ao desenvolver uma pesquisa sobre as estratégias metodológicas em Psicologia social no Brasil, propuseram a divisão desse tipo de análise em três categorias: 1-Teórico/metodológico, quando o foco principal é epistemológico ou apresenta uma construção de um modelo preditivo projetado com base em procedimentos científicos; 2-Conceitual, quando a pesquisa discute um objeto baseado em uma teoria científica; 3-Tópicos sociais: quando o estudo consiste na discussão e explicação de um fenômeno ou objeto socialmente relevante. Utilizando a classificação de Trindade (2013), verifica-se que a identificação dos estudos teóricos sobre juventude relacionados à área de psicologia social situam-se na categoria de tópicos sociais, no qual temos como exemplo o estudo de Fernandes e Garcia (2010) que teve como objetivo discutir a velhice masculina e feminina em diferentes contextos sociais. Também cita-se o estudo de Nascimento, Trindade e Gianordoli-Nascimento (2011) no qual visou identificar as representações sociais de saúde e de doença, bem como os principais motivos da procura por assistência médica entre homens jovens. As discussões dos estudos teóricos aqui identificados não levam em consideração a contabilização de números como resultados, mas sim, a discussão e compreensão do fenômeno (juventude).

A análise de conteúdo, presente em 25,42% (n=89) dos estudos foi o segunda com maior registro de estudos que a utilizaram. Voltada à descrição mais objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação, esta técnica visa obter indicadores quantitativos ou não que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção ou recepção de variáveis inferidas das mensagens (Bardin, 2011). Como exemplo de investigações que empregaram essa análise, o estudo de Contente, Cavalcante e Silva (2013) que por meio da análise de conteúdo das respostas de um questionário respondido por 10 profissionais, os autores se propuseram a investigar como vem sendo desenvolvida ou como poderia ser realizada a preparação para adoção de adolescentes na visão de analistas judiciários da 1ª Vara da Infância e Juventude de Belém.

Foi observado que uso da análise de conteúdo foi empregada em estudos referentes a cinco tipos de áreas do conhecimento da psicologia identificadas nesse estudo: psicologia social, tratamento e prevenção psicológica, psicologia do desenvolvimento humano, psicologia do ensino e da aprendizagem e psicologia do trabalho e organizacional. Atenta-se para o fato de que o tema juventude pode proporcionar um olhar multifacetado ao pesquisador e indicadores quantitativos ou não. É pensando nisso, que se trabalha com a ideia de que o emprego da análise de conteúdo nos estudos se deve ao fato desta análise ser capaz de categorizar, descrever e interpretar determinado objeto, seja por meio de mensagens ou informações.

Outra análise que foi identificada entre os estudos sobre juventude, foi à análise estatística, empregada em 22,57% (n=79) dos artigos. Conforme Gerhardt et al. (2009), a análise estatística descreve, sistematiza e explana dados de uma população por meio de tabelas, gráficos e medidas descritivas. Frente a essas informações, pontua-se que os estudos sobre juventude no qual utilizam análises estatísticas revelaram apresentar agrupamentos de jovens (amostras médias e grandes) e programas de computadores no qual executam o

processamento de dados através do emprego de técnicas de cálculo matemático capazes de oficializar resultados para discussão.

Dentre todos os procedimentos de análise empregados nos estudos que enfocam a temática da juventude, a análise estatística foi a única modalidade de análise empregada em todas as áreas do conhecimento da psicologia identificadas. Como exemplo de investigação que fez uso dessa técnica, destaca-se o estudo de Freitas, Coimbra, Marturano e Fontaine (2015) que utilizaram-se da análise estatística para análise das respostas de 2996 jovens que responderam a uma escala que permite diferenciar a discriminação percebida por grupos alvo de preconceito social, observando-se diferenças significativas nos valores reportados entre pessoas negras e brancas e entre jovens lésbicas, gays, bissexuais e participantes heterossexuais.

A análise do discurso, presente em 10,86% (n=38) das produções, foi outra modalidade de análise identificada. Conforme Rocha e Deusdará (2005) esta técnica busca compreender as construções ideológicas presentes no texto explorando as relações presente entre discurso e realidade. Como exemplo, temos o estudo sobre juventude que foi desenvolvido por Yamada e Rocha-Coutinho (2012) que objetivou investigar como homens jovens se percebem enquanto homens, como os homens percebem as mulheres atuais e quais são as expectativas dos homens no que diz respeito ao relacionamento com o sexo oposto. Foi observado que os artigos que se muniram desse tipo de análise, discutem assuntos que englobando os jovens partindo de um assunto relacionado, por exemplo, a educação, gênero, trabalho, a saúde, drogas, violência, etc. Além disso, registra-se que esse tipo de análise de dados foi identificada em estudos relacionados às seguintes áreas do conhecimento da psicologia: psicologia social, tratamento e prevenção psicológica, psicologia do desenvolvimento humano e na área de psicologia do trabalho e organizacional.

Já análise documental utilizada, por exemplo, por Corrêa e Souza (2011), foi citada

em 7,15% (n=25) dos artigos analisados. Como explica Fonseca (2002), se volta para a discussão, apreensão e compreensão de um objeto de estudo por meio de documentos dos mais variados tipos como cartas, fotografias, atas, relatórios, pintura, ofícios, discursos, mapas, testamentos, etc. Este tipo de análise foi evidenciada em estudos que se relacionam a área de psicologia social, psicologia do desenvolvimento humano e à área de psicologia do ensino e da aprendizagem. Observou-se ainda que essa análise foi utilizada em pesquisas envolvendo juventude e aspectos sócio-históricos a fim de descrever, analisar e comparar informações pertinente sobre o objeto investigado.

Dentre as análises menos utilizadas temos a fenomenológica, identificada em apenas um estudo, no qual foi desenvolvido por Dias, Arpini e Simon (2011). Este estudo buscou descrever e compreender como se estabelecem as relações do jovem infrator com sua família antes, durante e depois do cumprimento de uma medida socioeducativa. Segundo Bello (2006) a análise fenomenológica pauta-se no aprofundamento das ações e das relações humanas, na análise das vivências intencionais da consciência para entender como se produz o sentido do fenômeno e chegar à essência.

Por fim, verifica-se através dos resultados sobre o tipo de análise utilizada nos artigos sobre juventude, que 11,36% (n=44) dos estudos não informaram o tipo de análise. Em relação a esses 44 estudos que não fizeram alusão ao tipo de análise empregada, constatou-se que 28 são metodológicos e 16 teóricos. Sobre esses estudos, o que se verifica é que foram publicados em revistas com qualis Capes A2, B1, B2, B4 e que pertencem à área da psicologia social (n=25), tratamento e prevenção psicológica (n=9), psicologia do desenvolvimento humano (n=6), psicologia do ensino e da aprendizagem (n=3), fundamentos e medidas da psicologia (n=1).

Considerações finais

Os artigos analisados nesta revisão variaram em relação aos resultados apresentados e merecem algumas considerações. O primeiro ponto é a quantidade de artigos que foram identificados sobre juventude na área da psicologia. A temática da juventude tem sido problematizada e discutida por autores brasileiros na maioria das áreas do conhecimento da psicologia. Verificou-se uma maior concentração de pesquisas sob o escopo da psicologia social, tratamento e prevenção psicológica e, psicologia do desenvolvimento humano.

As delimitações do universo amostral apontam para uma pequena quantidade de participantes (inferior a dez) utilizados nas pesquisas, pouco mais da metade dos estudos encontrados – 50,15% apresentavam amostras com até 60 participantes. O tamanho diminuto da amostra muitas vezes deve estar em consonância com o delineamento metodológico adotado.

Vale a pena destacar a quantidade de estudos que não se propuseram em apresentar o delineamento metodológico, nomeados aqui pelos instrumentos de coleta e de análise dos dados. Esta ausência dificulta o entendimento e interpretação dos resultados por parte dos leitores e diminuem as chances desses artigos serem utilizados como base de referência para futuros estudos. Estas informações devem ser consideradas e discutidas, pois diz respeito a uma preocupação com qualidade metodológica não apenas sobre estudos envolvendo a temática juventude, mas de todos os outros desenvolvidos em psicologia ou em outras áreas.

Verificou-se nesta pesquisa que os estudos analisados sobre juventude encontram-se publicados em revistas com Qualis CAPES variando entre A1 a B4 e, em sua maioria, com classificação B1, A1 e A2. Outro ponto importante, diz respeito à identificação do uso de mais de um instrumento de coleta de dados por parte de alguns autores como estratégia nas investigações. É algo que deve ser destacado, uma vez que o emprego de mais de um

instrumento de coleta de dados nas pesquisas conferem aos mesmos uma maior dedicação e precisão ao analisar e discutir a temática da juventude.

Ressalva-se ainda, que estudo apresentou limitações que merecem ser consideradas. É importante frisar que os resultados obtidos fazem alusão a estudos desenvolvidos entre os anos de 2006 a 2015 por pesquisadores de alguma área da psicologia que reconhecem a juventude enquanto objeto de estudo e que tiveram seus estudos publicados em revistas da área. Ademais, o site da plataforma Sucupira, responsável pelas informações do qualis CAPES, estava enfrentando um problema de instabilidade e incorporação das informações durante coleta de dados, o que impossibilitou a obtenção do conceito/avaliação de 35 revistas. Em face disso, alude-se para o fato de que os conceitos das revistas apresentados são temporários, podendo ter alterações conforme as novas avaliações realizadas pela CAPES.

Por fim, mesmo com as limitações relacionadas à obtenção de dados por meio do site da Plataforma Sucupira, consideram-se os resultados obtidos nessa pesquisa satisfatórios, uma vez que o objetivo geral conseguiu ser alcançado. Todavia ainda necessita-se de investigações e mais estudos sobre a temática da juventude tendo em vista que os resultados dessa pesquisa não podem ser estendidos a outras áreas ou generalizados.

Referências bibliográficas

- Abramo, H. W. (2008). Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In Abramo, H. W. & Branco, P. P. M. (2008). Retratos da juventude brasileira. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- Alberto, M. F. P. (2012). Pensamento crítico, formação de psicólogo e atuação junto à infância e juventude. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 17(3), 421-426.
- Alves, M. Z., & Dayrell, J. T. (2015). Transnacionalismo, juventude rural e a busca de reconhecimento. *Educação e Pesquisa*, 41 (spe), 1455-1471.

- Antunes, M. A. M. (2008). Psicologia Escolar e Educacional: história, compromissos e perspectivas. *Psicologia Escolar e Educacional*, 12(2), 469-475.
- Araújo, M. F. (2007). Estratégias de diagnóstico e avaliação psicológica. *Psicologia: teoria e prática*, 9(2), 126-141.
- Ávila, L. A. (2011). Adolescência sem fim. *Vínculo*, 8 (1), 40-45.
- Bardi, G., & Malfitano, A. P. S. (2014). Pedrinho, religiosidade e prostituição: os agenciamentos de um ser ambivalente. *Saúde e Sociedade*, 23(1), 42-53.
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo* (6a ed.). Lisboa: Edições 70.
- Bello, A. A. (2006). *Introdução à fenomenologia*. (J. T. Garcia & M. Mahfoud, Trad.). Bauru, SP: EDUSC.
- Boghossian, C. O., & Minayo, M. C. de S. (2009). Revisão sistemática sobre juventude e participação nos últimos 10 anos. *Saúde e Sociedade*, 18(3), 411-423.
- Borges-Andrade, J. E., & Pagotto, C. P. (2010). O estado da arte da pesquisa brasileira em Psicologia do Trabalho e Organizacional. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 26 (n. esp.), 37-50.
- Brasil. (2013). Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. *Institui o Estatuto da juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o sistema nacional de juventude*. Brasil, Distrito Federal: Casa Civil. Recuperado em 20 julho, 2016, de: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm.
- Brenner, A. K., & Carrano, P. C. R. (2014). Os sentidos da presença dos jovens no Ensino Médio: Representações da escola em três filmes de estudantes. *Educação & Sociedade*, 35 (129), 1223-1240.
- Bulamah, L. C., Barbieri, V., & Kupermann, D. (2011). Trauma e cuidado na constituição psíquica de uma jovem estudante de Medicina. *Winnicott e-prints*, 6(2), 62-81.

- Cassab, C. (2011). Contribuição à construção das categorias jovem e juventude: uma introdução. *Locus: revista de história, Juiz de Fora*, 17 (2), 145-159.
- Chaves, J. C. (2010). As percepções de jovens sobre os relacionamentos amorosos na atualidade. *Psicologia em Revista*, 16 (1), 28-46.
- Contente, S. R., Cavalcante, L. I. C., & Silva, S. S. C. (2013). Adoção e preparação infantil na percepção dos profissionais do juizado da infância e juventude de Belém/PA. *Temas em Psicologia*, 21(2), 317-333.
- Corrêa, C. S., & Souza, S. J. (2011). Violência e vulnerabilidades: os jovens e as notícias de jornal. *Fractal : Revista de Psicologia*, 23(3), 461-486.
- Costa-Vieira, Héliida Arrais, & Souza, W. C. (2014). O reconhecimento de expressões faciais e prosódia emocional: investigação preliminar em uma amostra brasileira jovem. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 19(2), 119-127.
- Dallo, L., & Martins, R. A. (2001). Uso de álcool entre adolescentes escolares: um estudo-piloto. *Paidéia*, 21(50), 329-334.
- DeSousa, D. A., & Cerqueira-Santos, E. (2012). Relacionamentos de amizade íntima entre jovens adultos. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 22(53), 325-333.
- Debert, G. G. (2010). A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. *Horizontes Antropológicos*, 16(34), 49-70.
- Dias, A. C. G., Arpini, D. M., & Simon, B. R. (2011). Um olhar sobre a família de jovens que cumprem medidas socioeducativas. *Psicologia & Sociedade*, 23(3), 526-535.
- Dib, S. K., & Castro, L. R. (2010). O trabalho é projeto de vida para os jovens? *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 13(1), 01-15.
- Doula, S. M. (2013). Família, escola e juventude nos debates sobre a cultura contemporânea. *Educação em Revista*, 29(1), 305-310.
- Fillos, L. M., Bednarchuk, J. Z., Zen, P. D., Nadal, K., & Burak, D. (2012). *Uma discussão*

sobre os aspectos metodológicos das investigações em modelagem matemática do XI EPREM. IX Seminário de pesquisa em educação da região Sul, IX ANPED SUL.

Florentino, R. (2008). Democracia Liberal: Uma novidade já desbotada entre jovens. *Opinião Pública, 14* (1), 205-235.

Fonseca, J. J. S. (2002). *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, Apostila.

Fernandes, M. G. M., & Garcia, L. G. (2010). O sentido da velhice para homens e mulheres idosos. *Saúde e Sociedade, 19*(4), 771-783.

Freitas, D. F., Coimbra, S., Marturano, E. M., & Fontaine, A. M. (2015). Adaptação da Escala de Discriminação Quotidiana para Jovens Portugueses. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 28*(4), 708-717.

Galinkin, A. L., Almeida, A. M. de O., & Anchieta, V. C. C. (2012). Representações sociais de professores e policiais sobre juventude e violência. *Paidéia (Ribeirão Preto), 22*(53), 365-374.

Gerhardt, T. E., Ramos, I. C. A., Riquinho, D. L., & Santos, D. L. (2009). *Métodos de Pesquisa*. In T. E. Gerhardt & D. T. Silveira (Orgs.). Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6a. ed.). São Paulo: Atlas.

Gil, C. Z. V., & Seffner, F. (2016). Dois Monólogos Não Fazem um Diálogo: jovens e ensino médio. *Educação & Realidade, 41*(1), 175-192.

Gomes, I. S., & Caminha, I. O. (2014). Guia para estudos de revisão sistemática: uma opção metodológica para as ciências do movimento humano. *Revista Movimento, 20* (1), 395-411.

Groppa, L. A. (2015). Teorias pós-críticas da juventude: juvenilização, tribalismo e socialização ativa. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud, 13* (2), pp. 567-579.

Guimarães, N. M., & Pasian, S. R. (2009). Adequação ao Real de adolescentes: possibilidades

- informativas do Questionário Desiderativo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25(3), 347-355.
- Gurski, R. (2010). Massacres juvenis e paixão pelo real: o império do sentido e a discussão sobre os impasses do adolescer na atualidade. *Revista Psicologia Política*, 10(19), 125-140.
- Hildebrand, N. A., Celeri, E. H. R. V., Morcillo, A. M., & Zanolli, M. L. (2015). Violência doméstica e risco para problemas de saúde mental em crianças e adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 28(2), 213-221.
- Ibge. (2011). Censo demográfico 2010. *Características da população e dos domicílios: Resultados do universo*. Rio de Janeiro: IBGE. Recuperado em 20 setembro, 2017, de: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/93/cd_2010_caracteristicas_populacao_domicilios.pdf.
- Jacobina, O. M. P., & Costa, L. F. (2007). “Para não ser bandido”: adolescentes em conflito com a lei e trabalho. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 10(2), 95-110.
- Köche, J. C. (2011). *Fundamentos de Metodologia Científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa* (29a ed.). Petrópolis: Vozes.
- Laranjeira, D. H. P., Iriart, M. F. S., & Rodrigues, M. S. (2016). Problematizando as Transições Juvenis na Saída do Ensino Médio. *Educação & Realidade*, 41(1), 117-133.
- Maheirie, K., Groff, A. R., Bueno, G., Mattos, L. K., Silva, D. O. B., & Müller, F. L. (2013). Concepções de juventude e política: produção acadêmica em periódicos científicos brasileiros (2002 a 2011). *Estudos de Psicologia (Natal)*, 18(2), 335-342.
- Martins, L. C., & Luz, I. R. (2010). Cultura escolar e indisciplina: em busca de soluções coletivas. *Psicologia da Educação*, (30), 43-56.
- Marconi, M. de A., Lakatos, E. M. (2010). *Fundamentos de metodologia científica* (7a ed.). São Paulo: Atlas.

- Mattos, A. R., & Castro, L. R. de. (2016). Jovens e a liberdade: Reflexões sobre autonomia, responsabilidade e independência. *Psicologia & Sociedade*, 28(1), 65-73.
- Mayorga, C. (2013). Pesquisar a juventude e sua relação com a política: notas metodológicas. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 18(2), 343-350.
- Melo, O., & Mota, C. P. (2013). Vinculação amorosa e bem-estar em jovens de diferentes configurações familiares. *Psicologia em Estudo*, 18(4), 587-597.
- Menandro, M. C. S., Trindade, Z. A. & Almeida, A. M. O. (2010). *Gente Jovem reunida: Representações sociais da adolescência/juventude em textos jornalísticos*. GM editora: Vitória, ES.
- Mesquita, M. R., & Oliveira, A. C. M. (2013). Juventudes, movimentos e culturas: A participação política de jovens na cidade de Maceió. *Estudos de psicologia*, 18(2), 379-387.
- Minayo, M. C. de S. (2010). Metodologia de pesquisa social e em saúde. In Minayo, M. C.S. (2010). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde* (12a ed.). São Paulo: Hucitec.
- Naiff, D. G. M., Sá, C. P., & Naiff, L. A. M. (2008). A memória social do estado novo em duas gerações. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 28(1), 110-121.
- Nascimento, A. R. A., Trindade, Z. A., & Gianordoli-Nascimento, I. F. (2011). Homens brasileiros jovens e representações sociais de saúde e doença. *Psico-USF*, 16(2), 203-213.
- Netto, O. C. M., & Cerqueira-Santos, E. (2012). Comportamento Sexual e Autoestima em Adolescentes. *Contextos clínicos*, 5(2)100-111.
- Nóbrega, S. M., & Coutinho, M. da P. L. (2003). O Teste de Associação Livre de Palavras. In: Coutinho, M. da P. L. (Org.). *Representações Sociais: Abordagem interdisciplinar*. Editora Universitária, UFPB, João Pessoa.

- Oliveira, A. A. S., & Trancoso, A. E. R. (2014). Processo de produção psicossocial de conceitos: infância, juventude e cultura. *Psicologia & Sociedade*, 26 (spe2), 18-27.
- Oliveira, E. F. (2015). *Vivências de lazer e de tempo livre: Estudos com jovens de classe média*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo.
- Oliveira, M. B., & Rosa, E. M. (2010). Juventude, violência e alteridade. *Temas em Psicologia*, 18(1), 113-121.
- Orlandi, R., & Toneli, M. J. F.(2008). Adolescência e paternidade: Sobre os direitos de criar projetos e procriar. *Psicologia em Estudo*, 13 (2), 317-326.
- Paixão, D. L. L., & Almeida, A. M. O. (2013). O retrato da adolescência e da juventude brasileira: o que revelam as pesquisas? *Educação: Saberes e Práticas*, 1 (1), 1-29.
- Pasquali, L. (2009). Psicometria. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 43(spe), 992-999.
- Pais, J. M. (2009). A Juventude como Fase de Vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. *Saúde e Sociedade*, 18(3), 371-381.
- Papalia, D. E. (2010). *Desenvolvimento Humano* (C. F. Marques, Trad.). (10 ed.). Porto Alegre: AMGH.
- Pecora, A. R., & Sá, C. P. (2008). Memórias e representações sociais da cidade de Cuiabá, ao longo de três gerações. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(2), 319-325.
- Peralva, A. T. (2007). O jovem como modelo cultural. In Fávero, O., Spósito, M. P., Carrano, P., Novaes, R. R. (Orgs). *Juventude e contemporaneidade*. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd.
- Pugliese, A. L. C. A., & Castanho, M. I. S. (2009). A imprevisibilidade ou o pesadelo da matemática. *Construção psicopedagógica*, 17(15), 25-36.
- Rocha, T. H. R. (2012). Costuras da construção identitária de um jovem psicótico usuário de

um CAPS. *Revista da SPAGESP*, 13(1), 79-88.

Rocha, D., & Deusdará, B. (2005). Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re) construção de uma trajetória. *Alea : Estudos Neolatinos*, 7(2), 305-322.

Rosa, M. D., & Vicentin, M. C. (2010). Os intratáveis: o exílio do adolescente do laço social pelas noções de periculosidade e irrecuperabilidade. *Revista Psicologia Política*, 10(19), 107-124.

Sampaio, R. F., & Mancini, M. C. (2007). Estudos de revisão sistemática: Um guia para síntese criteriosa da evidência científica. *Revista Brasileira de Fisioterapia*, 11(1), 83-89.

Santos, J. E. F. (2007). Homicídio entre jovens de uma periferia de Salvador, Bahia: um relato de experiência sobre a violência e o desenvolvimento humano. *Journal of Human Growth and Development*, 17(3), 72-83.

Santos, L. I. C., Oliveira, A. M., Paiva, I. L., & Yamamoto, O. H. (2012). Juventude e violência: trajetórias de vida e políticas públicas. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 12(2), 521-538.

Santos, M. F. S., Andrade, D. A., Morais, E. R. C., Felix, L. B., Acioli Neto, M. L., & Sousa, Y.L.O. (2013). An overview on Social Psychology in Brazil: Theoretical contributions from the production of journals. *Estudos de Psicologia*, 18 (1), 17-23.

Segeren, L., & Françoço, M. F. C. (2014). As vivências de mães de jovens autistas. *Psicologia em Estudo*, 19(1), 39-46.

Shimada, M., Oliveira, V. H., Risk, E. N., Saviolli, C. M. G., & Melo-Silva, L. L. (2013). A história das cinco fotos preferidas do BBT-Br como processo de simbolização. *Psicologia Clínica*, 25(2), 89-108.

Silva, A. A., Lemos, F. C. S., & Mélllo, R. P. (2011). Percursos de um jovem pela rede

- jurídica: Uma análise crítica. *Barbarói*, 35, 58-74.
- Silva, C. R., & Lopes, R. E. (2009). Adolescência e juventude: Entre conceitos e políticas públicas. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, 17 (2), 87-106.
- Silva, M. R., Pelissari, L. B., & Steimbach, A. A. (2013). Juventude, escola e trabalho: permanência e abandono na educação profissional técnica de nível médio. *Educação e Pesquisa*, 39(2), 403-417.
- Silva, M. D. F. D. T., Farias, M. A., Silvaes, E. F. M., & Arantes, M. C. (2008). Adversidade familiar e problemas comportamentais entre adolescentes infratores e não-infratores. *Psicologia em Estudo*, 13(4), 791-798.
- Simoneau, S. A., & Oliveira, D. C. (2014). Representações sociais e meios de comunicação: produção do conhecimento científico em periódicos brasileiros. *Psicologia e Saber Social*, 3(2), 281-300.
- Soares, C. (2000) De juventudes, transiciones y el fin de las certidumbres. *Revista Internacional de Ciencias Sociales*, UNESCO: 80-88.
- Tavares, B. L. (2012). Método documentário e a análise das orientações geracionais da juventude. *Caderno CRH*, 25 (66), 587-600.
- Teixeira, F. S., Marretto, C. A. R., Mendes, A. B., & Santos, E. N. (2012). Homofobia e sexualidade em adolescentes: trajetórias sexuais, riscos e vulnerabilidades. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32(1), 16-33.
- Tiriba, L., & Fischer, M. C. B. (2011). Formação de jovens trabalhadores associados na produção da vida: questões para debate. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 14(1), 13-29.
- Trindade, Z. A., Guerra, V. M., Bonomo M., & Silva, R. D. M. (2013). Research in Social Psychology: Methodological strategies of the Brazilian production. *Estudos de Psicologia*, 18 (1), 47-55.

- Yamada, A. I. S., & Rocha-Coutinho, M. L. (2012). "Novas" formas de masculinidade?: O jovem carioca de classe média morador da barra da Tijuca, Rio de Janeiro. *Revista Psicologia e Saúde*, 4(2), 161-169.
- Yamamoto, O.H., Seixas, P. S., Costa, A. L. F., & Coelho-Lima, F. (2013). The role of Social Psychology in Brazilian undergraduate and graduate education. *Estudos de Psicologia*, 18 (1), 83-92.
- Yin, R. K. (2005). *Estudo de caso: planejamento e métodos* (3a ed.). Porto Alegre: Bookman.
- Zanella, A. V., Groff, A. R., Silva, D. O. B., Mattos, L. K., Furtado, J. R., & Assis, N. (2013). Jovens, juventude e políticas públicas: produção acadêmica em periódicos científicos brasileiros (2002 a 2011). *Estudos de Psicologia*, 18(2), 327-333.
- Zoltowski, Ana Paula Couto, Costa, Angelo Brandelli, Teixeira, Marco Antônio Pereira, & Koller, Silvia Helena. (2014). Qualidade metodológica das revisões sistemáticas em periódicos de psicologia brasileiros. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30(1), 97-104.

Estudo II - Juventude em foco: Representações sociais da juventude na Folha de São Paulo

Youth in focus: Social representations of youth in Folha de São Paulo

Resumo

O presente estudo trata uma pesquisa de natureza documental e teve como objetivo investigar as representações sociais da juventude em matérias do jornal Folha de São Paulo. A busca pelas reportagens ocorreu no site do jornal, tendo como critério de inclusão os descritores: juventude, jovem, jovens e, além disso, apenas matérias em português sobre juventude publicadas no período de 01/01/2014 a 31/12/2014. Ao todo foram registradas 165 reportagens sobre juventude e organizadas segundo as variáveis: a) número da reportagem conforme a ordem de entrada no banco, b) caderno, c) ano e d) versão – *on line* ou impressa. Para a análise dos dados foram realizados três procedimentos: análise da classificação hierárquica descendente, análise de similitude do *corpus* textual das matérias por meio do *software Iramuteq* e, ainda, a análise de conteúdo de Bardin. Entre os resultados, destaca-se uma das representações sociais da mídia paulista sobre juventude evidenciada nas três análises, aquela relacionada a *Problemas* envolvendo jovens. A representação social da juventude ancora-se em um conhecimento socialmente partilhado sobre a figura dos jovens por meio de informações negativas atribuídas a uma juventude sem formação ou qualificação profissional, de baixa renda e sem trabalho. Verificou-se também que a imprensa aponta para aspectos que contemple a ideia de juventudes: uma mais *transitória*, concebida pelos aspectos do desenvolvimento humano, como desenvolvimento de habilidades, entrada no mundo adulto e perspectivas de futuro, e outra, mais *estanque*, focada nos problemas e falta de perspectivas juvenis.

Palavras-Chave: Juventude. Representações sociais. Mídia. Jornal.

Abstract

The present study deals with a research of documentary nature and had as objective to investigate the social representations of the youth in matters of the newspaper Folha de São Paulo. The search for the articles on the newspaper's website, with the inclusion criteria being the descriptors: youth, youth, youth and, in addition, only Portuguese subjects on youth published in the period 01/01/2014 to 12/31/2014. A total of 165 youth reports were recorded and organized according to the following variables: a) report number according to the order of entry into the bank, b) notebook, c) year and d) version - online or printed. For the analysis of the data, three procedures were performed: analysis of the descending hierarchical classification, analysis of the similarity of the textual corpus of the materials by means of the Iramuteq software and also the content analysis of Bardin. The results we highlight one of the social representations of the São Paulo media about youth evidenced in the three analyzes, that related to Problems involving young people. The social representation of youth is anchored in a socially shared knowledge of young people through negative information attributed to young people with no education or professional qualification, low income and no work. It was also verified that the press points to aspects that contemplate the idea of youth: a more transient one, conceived by aspects of human development, such as development of skills, entry into the adult world and perspectives for the future, and a more problems and lack of youth perspectives.

Key words: Youth. Social representations. Media. Newspaper.

Introdução

A juventude constitui-se em um tema bastante abordado pela imprensa, sendo constantemente noticiada e não raramente associada a temas como educação, violência, saúde, moda, religião, sexo, trabalho, estética, esporte e drogas (Lacerda & Cruz, 2015; Maheirie, Groff, Bueno, Mattos, Silva & Müller, 2013; Rodrigues, Conceição & Iunes, 2015). Em relação aos significados atribuídos à juventude, Doula (2013) destaca que, além de se relacionarem a aspectos como gênero, raça, nacionalidade e classe social, vinculam-se a culturas e aspectos históricos e sociais, fazendo com que haja uma multiplicidade de significados atribuídos a juventude, pensando-se então em juventudes.

Szapiro e Resende (2010) explicam que até o final do século XX, o pensamento sobre a idade adulta era um modelo desejado e considerado pela sociedade como um período de respaldo, de firmação ou reconhecimento, demarcados pela idade. No entanto, os autores salientam tal ênfase vem sendo atribuída atualmente à juventude. Esta fase não representa mais um momento de transição da infância para a idade adulta. Existe uma busca pelos sujeitos considerados adultos ou idosos por um ideal de existência, fomentados pelas características são atribuídas ao conceito de juventude (Szapiro & Resende, 2010).

Pais (2009) ressalta que já se foi o tempo em que juventude era motivada por mecanismos que a conferisse uma conversão rápida à idade adulta. No século XVIII, durante o regime aristocrático, os jovens reconheciam nos mais velhos um modelo de simples atitudes. Nesse período, os jovens presenciavam atitudes passivas, com um ar de decrépito, no sentir e agir. Havia uma socialização dos jovens por antecipação da velhice. Atualmente, ainda segundo o autor, as pessoas mais velhas se utilizam de rejuvenescimento na busca de aparentarem mais joviais, uma vez que a juventude passou a ser considerada uma geração vanguarda, um modelo de referência (Pais, 2009).

Através das perspectivas apresentadas sobre o tema juventude, verifica-se que o termo

não se apresenta com uma maneira simples ou precisa de classificação de um grupo, como tempo, nem tampouco como uma categoria de análise. O enfoque conferido está pautado em óticas distintas que se ancoram em aspectos sociais, biológicos, morais, políticos e culturais (Grosso, 2015; Mattos & Castro, 2016; Szapiro & Resende, 2010). É pensando na grande dimensão que a juventude assume e na Teoria das Representações Sociais – TRS como uma teoria de base psicossociológica, se apresenta como uma ferramenta capaz de analisar o modo de como os atores em suas trocas cotidianas significam os fenômenos sociais, que esta pesquisa se propôs a conhecer quais são as representações sociais veiculadas e divulgadas pela mídia sobre juventude, tendo como base o Jornal Folha de São Paulo.

A Teoria das Representações Sociais (TRS) e Mídia

Moscovici (2012) observou em seu estudo sobre a representação social da psicanálise entre a sociedade francesa, como as representações sociais produzem sistemas de comunicação profundamente diferentes no grupo. Este feito abriu possibilidade de realização de pesquisas sobre comunicação em diversos contextos, a partir de modos e meios distintos.

Ao fazer alusão à mídia, Jodelet (2001) explica que a representação social desempenha um papel importante no processo de construção da realidade. Compreende-se que ela retrata, ao seu modo, aspectos do cotidiano dos vários grupos sociais. Dentro dessa perspectiva, a imprensa tanto transmite e dissemina ideias, saberes, ideologias, quanto produz, legitima e confere sentido às representações.

Jodelet (2001) destaca três pontos importantes examinados por Moscovici na importância da comunicação para a constituição de representações sociais: 1) é condição de possibilidade e determinação das representações sociais, sendo vetor de transmissão da linguagem, no qual veicula informações e interlocuções; 2) edifica condutas: opinião, atitude e estereótipos, sobre os quais repercutem os processos estruturais e formais do pensamento

social; 3) desempenha um papel fundamental nas trocas e interações que concorrem para a criação de um universo consensual apoiadas na energética social e difundidos na vida dos grupos sociais.

Ao nível da emergência das representações, Moscovici (2012) destaca que os sistemas da comunicação intervêm nas condutas e comportamentos humanos, cujas condições afetam os aspectos cognitivos. A dispersão e a defasagem das informações relativas a um objeto representado são desigualmente acessíveis de acordo com os grupos. O autor apresenta ainda três sistemas de classificação dos meios de comunicação existentes na mídia: a Difusão, a Propagação e a Propaganda. A *Difusão*, característico da grande imprensa, pode ser entendida como um sistema direcionado ao público diversificado (heterogêneo), uma vez que suas reportagens possuem um caráter informativo. Seu objetivo principal é influenciar inteiramente a opinião do leitor, criando um saber comum a partir de determinados assuntos, ao passo que se adapta aos interesses do público (Moscovici, 2012).

A *Propagação* se caracteriza por meio de mensagens estruturadas a membros de um grupo que dispõem de uma crença a propagar. De acordo com Moscovici (2012), a propagação é estabelecida através de uma visão do mundo bem organizada. Tem como propósito, controlar e orientar informações contrárias a uma crença propagada.

O terceiro sistema, a *Propaganda*, tem como meta seduzir e induzir o público a se comportar de acordo com os interesses de um dado grupo, sendo estruturadas em dicotomias (falso e verdadeiro, certo e errado, adequado e inadequado). Através de sua função reguladora, a propaganda procura reduzir o leque de significações para restabelecer a identidade de um grupo e, por conseguinte, a elaboração adequada do conteúdo das comunicações (Moscovici, 2012).

Almeida (2005) salienta que a incidência da comunicação social pode ser examinada em três níveis. No *nível da emergência das representações* – as condições afetam aspectos

cognitivos e onde agrupam a dispersão e o deslocamento das informações relativas ao objeto representado e que são acessíveis segundo os grupos. No *nível dos processos de formação das representações sociais*, a objetivação e a ancoragem, que justificam a interdependência entre a atividade cognitiva e suas condições sociais de exercício. No *nível das dimensões das representações*, referindo-se à edificação da conduta: opinião, atitude, estereótipo sobre os quais intervêm os sistemas de comunicação da mídia.

Além disso, Sá (2002) destaca que os arranjos de conteúdo das mensagens são determinados de um lado pelos meios de comunicação, e de outro, pela organização social dos que a comunicam, seguem uma lógica das relações de influência nas situações de interlocução que envolvem processos de esquematização via modelos cognitivos e linguísticos. É através dessa conexão com a realidade social que se verifica a emergência ou não de uma representação sobre determinado objeto.

Tal fato tem possibilitado a um número significativo de pesquisadores brasileiros desenvolverem investigações a respeito das representações sociais da juventude envolvendo a mídia, realizadas a partir de imagens ou textos sobre assuntos como violência, drogas, discriminação, educação, envelhecimento, saúde, estética, entre outros temas. Em um dos estudos desenvolvido por Espíndula, Alves, Carvalho, Almeida e Cruz (2015) os autores investigaram como a mídia representa e apresenta a relação entre o *crack* e adolescência/juventude. Em outro estudo desenvolvido por Cassab, Toledo, Ferreira e Rezende (2016) os autores investigaram a forma pela qual são construídas as imagens dos jovens pobres e de seus bairros periféricos a partir da imprensa e, ainda, como a mídia contribui para a elaboração de uma representação social dos jovens. Pimentel e Silva (2016) investigaram as situações de violência envolvendo jovens veiculados na mídia impressa. Uma análise da mídia impressa visando compreender como se tem produzido visibilidade à política de abrigamento de jovens foi objeto de estudo de Lacerda e Cruz (2015). Outra investigação

desenvolvida por Silva e Alves (2013) objetivou conhecer os discursos midiáticos impressos sobre violência escolar e a tessitura discursiva em relação à figura dos jovens.

Diante dessa realidade, alguns estudos (Maheirie et al., 2013; Rodrigues et al., 2015; Santos, Acioli Neto & Sousa, 2012) ponderam que pesquisas realizadas tendo como norte notícias veiculadas pela imprensa sobre juventude podem contribuir para o debate de assuntos que visam a criação de políticas públicas e formação do senso comum sobre os problemas sociais enfrentados no Brasil.

O presente estudo parte do esforço em analisar as representações sociais da juventude a partir da mídia, sobre a luz da Teoria das Representações Sociais, por meio das reportagens do jornal a Folha de São Paulo do ano de 2014. A relevância desse estudo leva em consideração um espaço pouco explorado pela TRS – a imprensa – juventude. Ademais, considera-se que a análise das notícias sobre juventude que são veiculadas por um jornal de grande circulação nacional podem contribuir para a compreensão e entendimento das representações sociais sobre esse objeto, permitindo interpretar e pensar como esse fenômeno é apresentado e representado pela mídia e por aqueles que as consomem.

A utilização do Jornal a Folha de São Paulo se deu pelo motivo do mesmo assumir grande destaque na indústria das comunicações e ser apontado pela Associação Nacional de Jornais (2015) como o jornal pago de maior circulação em formato digital do Brasil e considerado o terceiro maior em formato impresso. Já escolha do ano – 2014 levou em consideração a data 02/02/2014, no qual entrou em vigor a Lei nº 12.852/2013 que instituiu o Estatuto da Juventude, inaugurando uma era de fortalecimento de políticas públicas que determinaram direitos aos jovens brasileiros garantidos pelo Estado.

Método

Trata-se de uma pesquisa descritiva com abordagem multimétodo. Para esta investigação, foram utilizadas como fonte de dados, matérias publicadas no jornal Folha de São Paulo sobre juventude durante o ano de 2014. A busca das reportagens no site do jornal ocorreu na sua versão impressa e *online*, levando em consideração como critério de inclusão os descritores: *juventude, jovem; jovens*, reportagens em português, ainda como parâmetro de inclusão, apenas matérias na íntegra sobre juventude publicadas entre 01/01/2014 a 31/12/2014. Como critérios de exclusão: matérias incompletas, reportagens que foram publicadas antes ou depois de 2014.

Frente a isso, foi realizada a leitura e exclusão das reportagens repetidas e aquelas que não guardavam relação com a temática trabalhada. Ao todo foram identificadas 165 reportagens sobre juventude, organizadas segundo as seguintes variáveis: a) número da reportagem conforme a entrada no banco, b) caderno, c) ano e d) versão – *on line* ou impressa.

Após a tabulação dos dados, os mesmos passaram pelo processo de triangulação de análise de dados, defendida por Creswel (2007), Günther (2006) e de Nascimento (2004). Os autores postulam que o uso de mais de um procedimento de análise de dados além de atribuir mais credibilidade à pesquisa, previne possíveis distorções e confere ao pesquisador uma análise mais robusta em relação aos resultados.

Os procedimentos adotados foram: a) *análise de conteúdo* de Bardin (2011), que pode ser entendida como um procedimento sistemático e objetivo composto por três fases fundamentais: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados (inferência e interpretação) tendo como finalidade a obtenção e a descrição do conteúdo de mensagens por meio do agrupamento de palavras que possuem “núcleos de sentido” comuns; b) análise de *corpus* textual por meio da *Classificação Hierárquica Descendente (CHD)* realizada pelo

software Iramuteq (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires). Tal análise elabora uma classificação do vocabulário e tem como finalidade a formação de classes de segmentos textual e a apresentação da frequência, percentagem e o coeficiente de relação entre palavras com o texto na qual estão inseridas (Camargo & Justo, 2013); c) *análise de similitude* de palavras presentes nas matérias, também realizada por meio do *software Iramuteq*, que consiste na identificação de indicadores estatísticos que apresentam relações entre as palavras e as coocorrências entre os vocábulos, possibilitando a identificação da estrutura da representação (Camargo & Justo, 2013).

Em relação ao *software Iramuteq*, Camargo e Justo (2013) destacam que o mesmo é um programa de computador gratuito, com fonte aberta, simples e compreensível no qual analisa textos, entrevistas, documentos, etc. Permite ao pesquisador fazer análises estatísticas sobre corpus textuais e sobre tabelas indivíduos/palavras. Ademais, realiza a apresentação de resultados de modos variados, como estatísticas textuais clássicas, pesquisas de especificidades, nuvem de palavras e, ainda, obtenção de classes de segmentos de texto que apresentam vocabulários semelhantes entre si.

Resultados e Discussão

Inicialmente, serão apresentados os resultados relativos às análises realizadas pelo *software Iramuteq*. Em se tratando da análise de CHD, o corpus para análise da representação social da juventude foi constituído por 165 matérias, sendo divididas em 781 unidades de conteúdo elementar (UCE), que correspondem ao número de palavras analisadas, das quais 76% foram consideradas para a análise de classificação hierárquica descendente, com 593 UCE analisadas. Todas as palavras com frequência abaixo de cinco foram excluídas da análise.

Ao produzir o dendrograma, um valor de qui-quadrado foi selecionado quatro vezes

maior do que o valor mínimo ($\chi^2 \geq 11.50$), a fim de trabalhar com uma margem de erro menor em cada associação da palavra com sua classe. A frequência mínima considerada para produzir o dendrograma foi de 40, de modo que apenas as palavras mais características de cada classe foram selecionadas para serem apresentadas graficamente. A frequência média de cada palavra e o valor χ^2 podem ser visualizados na Figura 1.

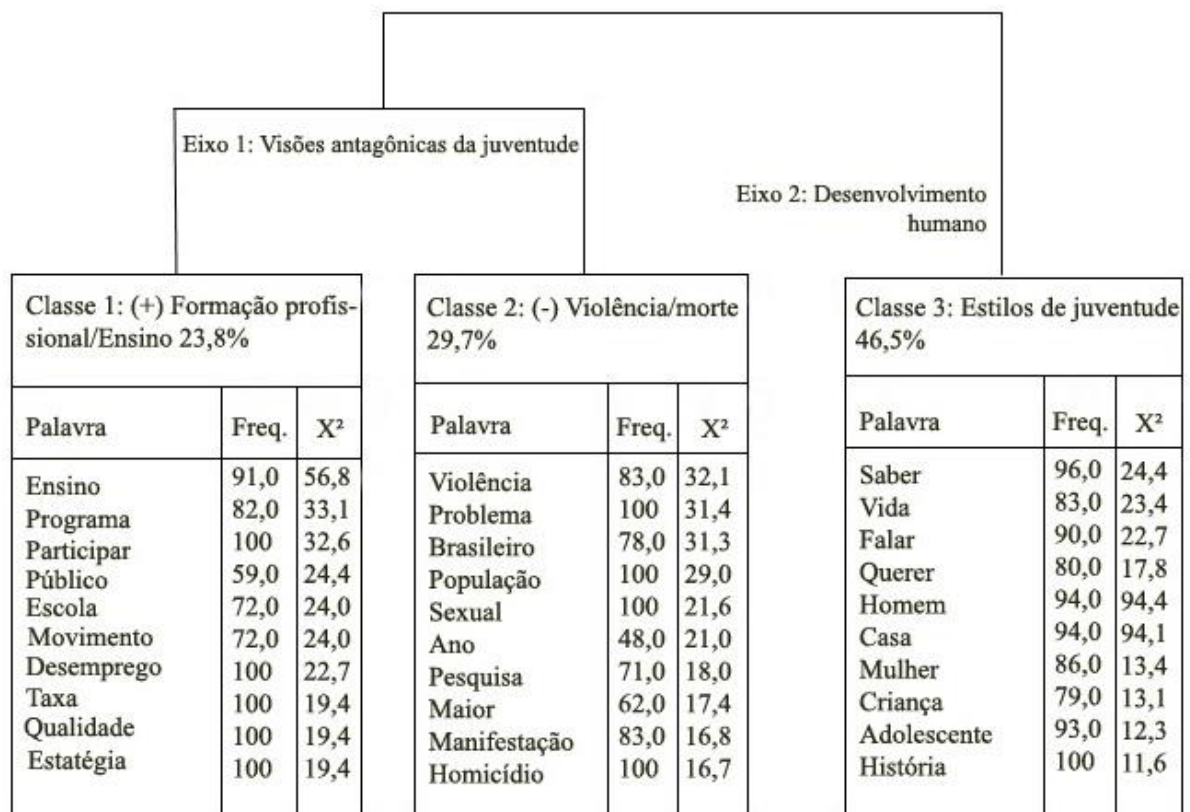


Figura 1. Dendrograma da análise hierárquica descendente em relação às representações sociais das matérias sobre juventude.

A análise da Classificação Hierárquica Descendente originou dois eixos e três classes. Na Figura 1, observa-se que o eixo 1 apresenta duas classes sobre as visões antagônicas da juventude. É possível notar que a classe 1 expõe aspectos positivos (o que corresponde a 23,8% do corpus inteiro), enquanto classe 2 apresenta aspectos negativos (29,7% do corpus) da juventude.

O segundo eixo aborda a juventude por meio de uma concepção do desenvolvimento humano – classe 3, que faz alusão aos estilos de juventude, representando 46,5% do corpus analisado. A seguir, serão apresentadas as três classes com seus sentidos representacionais, UCEs, frequência média de cada palavra e o valor qui-quadrado presente em cada uma.

Classe 1 – Formação profissional/Ensino

Composta por 141 UCEs, o que corresponde a 23,8% do corpus analisado. É representativa das atribuições positivas relacionadas à juventude. Seu conteúdo é agrupado em torno de palavras: ensino ($\chi^2=56,8$), programa ($\chi^2=33,1$), *participar* ($\chi^2=32,6$), público ($\chi^2=24,4$), escola ($\chi^2=24$), movimento ($\chi^2=24$), entre outras. Faz alusão a percepção da juventude no âmbito do ensino.

Esta classe apresenta uma representação social da juventude para a formação profissional, que envolve o campo do trabalho, responsabilidade e seus desdobramentos, como independência e participação social. É uma classe informativa, na qual as ocorrências são respeitadas por meio de um olhar compreensivo para a juventude. Abaixo, alguns exemplos das matérias ilustram o discurso presente nesta classe:

As universidades públicas do Estado de *São Paulo* estão diante de um desafio quase insuperável [...] Anualmente cerca de 460 mil jovens 380 mil do ensino público e 80 mil do privado terminam o ensino médio no estado e pouco mais de 20 mil deles são acolhidos pelas três universidades públicas estaduais USP, UNESP e UNICAMP (Folha de São Paulo impressa, Opinião, 28 de setembro de 2014).

Pobre da nação, contudo, que se contentar com universalizar um ensino de má qualidade e formar gerações de iletrados ou analfabetos funcionais o país todo tem de engajar-se na luta contra a condenação de sua juventude à pobreza intelectual (Folha de São Paulo *on line*, Editorial, 12 de dezembro de 2014).

O enfoque conferido pelo jornal pesquisado à juventude enfatiza o ativismo juvenil, bem como os processos que dão origem a dinâmica social, local e real do país, via ângulos variados de organização desse público. Esta lógica se ancora em ideias relacionadas à inserção dos jovens no âmbito das políticas sociais, no contexto do trabalho e na educação. Tais meios de problematizar a condição juvenil, como destacam Castro (2008), Mattos e Castro (2016) e Mayorga (2013), enfocam a dimensão de agente transformador e proponente de transformações, como sujeito capaz de introduzir mudanças reais na sociedade. Neste sentido, os jovens são vistos como a possibilidade de renovação, através do senso de responsabilidade pela mudança social.

Classe 2 – Violência/Morte

A classe foi constituída por 176 UCEs, correspondendo a 29,7% do corpus analisado. Seu conteúdo é agrupado em torno de palavras: *violência* ($\chi^2=32,1$) *problema* ($\chi^2=31,4$), *brasileiro* ($\chi^2=31,3$), *população* ($\chi^2=29$), *manifestação* ($\chi^2=16,8$), *homicídios* ($\chi^2=16,7$), tratando de assuntos relacionados à juventude a respeito à violência ou morte. Dois trechos das matérias encontradas ilustram o discurso presente nesta classe:

O Brasil produz o segundo maior número absoluto de homicídios de jovens (entre 0 a 19 anos) em todo o mundo. Perde apenas para a Nigéria. Em termos percentuais, ficamos atrás de El Salvador, Venezuela, e Guatemala (Folha de São Paulo *on line*, Colunistas, 29 de novembro de 2014).

Cita as rotinas em cadeias e prisões e as violências que atingem negros e pobres no país, temas também explorados pela “Percurso”. O estado de exceção continua existindo para grande parte da população brasileira, particularmente para a população jovem das periferias, principalmente negra, escreve a psicanalista Maria Angela Santa Cruz na revista (Folha de São Paulo *on line*, Poder, 24 de dezembro de 2014).

Um dos elementos da representação de juventude apresentada pela mídia diz respeito à violência, prisão e a morte de jovens. Tal fenômeno é apresentado como um problema que não é apenas exclusividade do Brasil. Embora outros países também apresentem problemas relacionados à criminalização envolvendo jovens, a mídia apresenta o Brasil como um dos países com maior registro de casos. Tal informação sinaliza para a necessidade de ações e políticas públicas por parte do Estado aos jovens. Como se pode observar nas reportagens acima, uma das representações da violência e morte juvenil é ancorada na imagem de negros, pobres e jovens moram periferias, no qual representam uma parcela significativa da população brasileira.

Waiselfisz (2016) destaca o progressivo e ininterrupto incremento das taxas de homicídio por arma de fogo envolvendo jovens, 592,8% se comparado aos dados colhidos em 1980. Já os suicídios com armas de fogo envolvendo jovens aumentaram 44,8%, e as mortes acidentais caíram 3,6%. As mortes por armas de fogo de causalidade indeterminada entre jovens, isto é, sem especificação (suicídio, homicídio ou acidente), tiveram uma queda moderada de 20,4% (Waiselfisz, 2016).

Classe 3 – Estilos de juventude

Composta por 276 UCEs, correspondendo a 46,5% do total do corpus. Seu conteúdo foi agrupado em torno dos termos: saber ($\chi^2=24,4$), vida ($\chi^2=23,4$), falar ($\chi^2=22,7$), querer ($\chi^2=17,8$), homem ($\chi^2=94,4$), casa ($\chi^2=94,1$), mulher ($\chi^2=13,4$), criança ($\chi^2=13,1$), adolescente ($\chi^2=12,3$), história ($\chi^2=11,6$), entre outras. Essa classe versa sobre juventude como parte do desenvolvimento humano. Trechos das matérias encontradas ilustram o discurso presente nesta classe:

Adolescentes gostam de andar em bando e, nos condomínios, dá gosto de ver as turmas que se formam. Amizades são construídas, muitas vezes, para a vida toda. É o

que chamo de "geração condomínio", de jovens que já nascem preparados para viver em coletividade. Entre amigos, eles curtem as áreas comuns e passam horas conversando, brincando e, às vezes, aprontando. A frase "vou descer e já volto", por exemplo, é uma velha conhecida das famílias. Cultivar amizade com os vizinhos faz bem aos jovens e traz sossego aos pais. Nos empreendimentos do tipo "clube", com equipadas áreas de lazer, tudo fica mais fácil. Já nos condomínios que não têm áreas comuns específicas para a molecada, os adultos precisam ter consciência de que os jovens gostam e precisam conviver em grupo. Nesse caso, moradores e gestores devem ter iniciativa e criatividade para transformar qualquer espaço comum em áreas minimamente equipadas para os adolescentes (Folha de São Paulo *on line*, Colunas, 25 de maio de 2014).

Tais achados denotam o modo como o jornal pesquisado objetiva a juventude através da idade cronológica (aspectos biológicos) e redes de amizades e interação (aspectos sociais). Tais ideias estão ancoradas em discursos a respeito da importância do desenvolvimento físico e social dos jovens. A imprensa alude para o fato de que a juventude se expressa mediante a construção de estilos e modos de vida, no qual são realizadas ações a nível individual ou coletivas empregadas pelos jovens.

Alguns estudos destacam a busca dos jovens por algo que os garanta um sentido prático à vida (Mattos & Castro, 2016; Taquetti, 2010). Segundo os autores, durante a juventude, existe a influência de aspectos psicossociais, como a busca identitária, tendência de estar em grupo, "intelectualização" dos fatos e o questionamento dos valores sociais. A juventude então passa a ser compreendida como um momento evolutivo assinalado por um processo normativo de organização das estruturas do indivíduo, que podem promover algumas ações decisivas para a vida futura do sujeito, como a apropriação de uma profissão ou deslocamento constante de situações e vínculos, por exemplo.

Os resultados que foram apresentados se referem à primeira modalidade de análise utilizada, CHD. Na tentativa de buscar uma complementaridade entre as informações e estabelecer ligações entre os dados, que serão apresentados a seguir os resultados obtidos através da segunda análise empregada nesta pesquisa: análise de similitude.

Semelhante à análise anterior, através da análise de similitude também foram encontradas três classes: 1) Direitos sociais e liberdade; 2) Problemas e 3) Desenvolvimento humano, como pode ser visualizados na Figura 2.

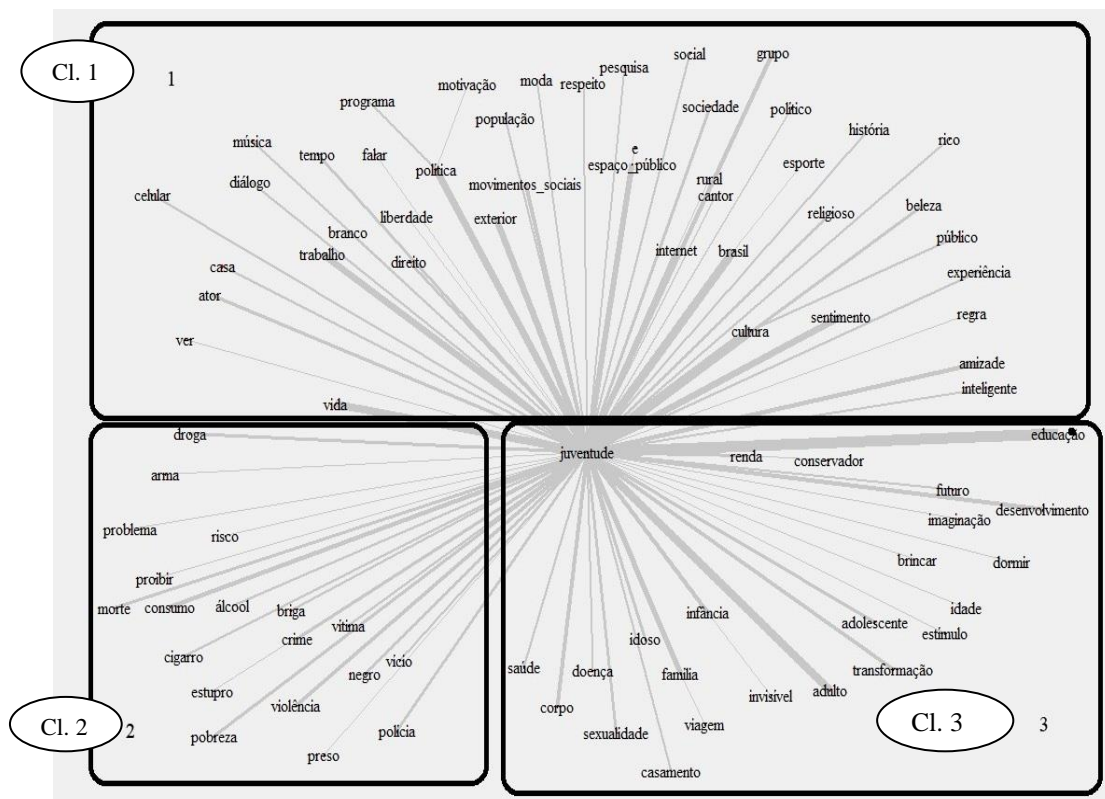


Figura 2. Análise de similitude de palavras relacionadas às matérias sobre juventude.

A primeira classe, nomeado aqui de *Direitos sociais e liberdade*, foi responsável por concentrar o maior número de elementos textuais. Faz alusão às características relacionadas à garantia de direitos, os quais são assegurados aos jovens e que estão presentes no Estatuto Brasileiro da Juventude de 2013. Aqui está presente a ideia do jovem como sujeito de direitos e da juventude avaliada a partir de atributos positivos, como liberdade, responsabilidade e

reconhecimento de posição central nos processos psicossociais.

A respeito do reconhecimento da participação política e reconhecimento da cidadania da parcela jovem, Doula (2013) aponta que essa configuração social que surge, e para a qual se pode utilizar a imagem do caleidoscópio (combinações variadas em diferentes imagens multiplicadas), resulta, no caso dos jovens, em um olhar mais abrangente sobre sua existência e participação no mundo, seja por meio da apropriação e produção de conhecimentos pelos mesmos ou através de mecanismos de políticas públicas que promovam o desenvolvimento e inclusão social.

Temos aqui a problematização da condição juvenil enquanto agente transformador e propositor de mudanças. Essa ideia é voltada à preocupação com as posturas de cunho político e social. Como destaca Mattos e Castro (2016) a juventude não é algo estático, mas que possui energia revitalizante e responsável por dinamizar uma sociedade. Isso quer dizer que não são conferidos aos jovens apenas a responsabilidade de reproduzir, mas de transformar, mobilizar e dinamizar a sociedade.

Evidencia-se aqui que a mídia ancora ideias sobre juventude relacionadas à liberdade, trabalho, cultura, espaços públicos, a um processo de inserção social dos jovens em esferas e segmentos sociais por meio da conquista de direitos, objetivados em investimentos no qual fazem com que os jovens sejam vistos como membros economicamente ativos, capazes de introduzir mudanças reais na sociedade. Frente a isso, Mayorga, (2013) enfatiza que a participação pública e coletiva dos jovens em projetos que atravessam questões como desemprego, segurança e formação profissional favorece a sociabilidade e produção de saberes que dão voz a ações e experiências juvenis.

A segunda classe – *Problemas*, apresentou uma menor concentração quanto ao número de palavras e coocorrências. Observamos aqui uma contradição de ideias, no qual a classe um encontra-se oposição à classe dois. Do ponto de vista representacional, nesta classe é possível

encontrar elementos de ancoragem reproduzidos e caracterizados pela mídia ao fazer referência a problemas envolvendo a juventude, como: morte, drogas, armas, álcool, violência, crime, etc. Os jovens são associados e objetivados a imagem de jovens sem formação/estudo, que fazem uso de armas de fogo, caracterizados pela cor negra, no qual também fazem o uso/abuso de drogas e que cometem crimes.

Neste sentido, considerando as duas classes e concebendo a ideia de que quando nos referimos à juventude estamos fazendo alusão a uma pluralidade de jovens (juventudes), que observa-se o direcionamento que o jornal pode estar explanando ao apresentar dois tipos de jovens. O primeiro, pertencente a uma classe média, com futuro e educação e, um segundo, menos favorecido, pobre. Além disso, a mídia ressalta o estereótipo do jovem desfavorecido como aquele sendo negro e pobre e apresenta os motivos que os levam a morte ou a prisão: estupro, violência, porte de arma e o uso de drogas. Esses achados convergem com os resultados de uma pesquisa realizada por Santos, Aléssio e Silva (2009) no qual se propuseram a analisar as representações sociais sobre adolescência e violência veiculadas pela imprensa, tendo sido constatado pelos autores diferentes representações pela mídia considerando as condições sociais dos jovens, entre elas aquela no qual a imprensa destaca os jovens pertencentes à classe baixa como os principais autores da violência, sem se debruçar sobre a história dos personagens, legitimando a associação pobreza-violência.

Em relação à representação negativa da juventude, Taquetti (2010) destaca que os problemas envolvendo os jovens, como a violência, o uso de drogas e a criminalização podem ser tratados por meio de políticas públicas, saúde e educação. Um plano de ações e atividades que contemplem maneiras de intervir na realidade social e promover igualdade. Mas, para isso a sociedade civil organizada se faz fundamental na cobrança de melhorias junto ao poder público, cobrando programas que atendam as necessidades dos jovens brasileiros, com vistas a evitar a inserção deles no mundo do crime e a reincidência quanto ao uso de drogas.

A terceira classe – Desenvolvimento humano, com o segundo maior número de palavras a ela relacionadas, diz respeito a uma representação da juventude ancorada em termos que permeiam a vida do ser humano: saúde, educação, família, renda, casamento, futuro etc. Faz alusão para as fases da vida como a infância, a adolescência, adultez e a velhice. Além disso, expõe aspectos do desenvolvimento humano, entre eles: aspectos físicos (o corpo), aspectos intelectuais (imaginação), aspectos afetivo-emocional (sexualidade), aspecto social (estímulos), incluindo habilidades motoras (brincar).

Nota-se que o jornal se refere à juventude por meio de indefinições. Os jovens são objetivados não apenas por uma visão biológica (desenvolvimentista), mas também por concepções que giram em torno de termos culturais e sociais. Um processo amplo de constituição do sujeito, que está para além de uma faixa etária ou um tempo exato de classificação.

Ao se pensar em juventude, Oliveira e Trancoso (2014), ponderam que se faz necessário o entendimento de estarem, infância e juventude, por exemplo, expostas a redes de interações intersubjetivas e aos processos criativos e próprios da vida do homem, como também as ações políticas e a convivência social. Essas bases sociointeracionistas dão significado às redes de relações entre os ciclos de vida, ao passo que desenvolvem canais de comunicação com as demais fases da vida. É nesse sentido, que Coimbra, Bocco e Nascimento (2005) explicam que a juventude, está para além de conceitos, atravessa fluxos, devires e diferenças. Discute-se a influência de aspectos psicossociais, maturacionais e culturais.

É em detrimento a isso, que Groppo (2015) alude para juventude não apenas como uma fase da vida, mas como sendo uma construção social. Neste sentido, a juventude se apresenta como uma percepção, representação ou designação simbólica, criada pelos membros de um grupo social que expressam comportamentos e atitudes para significar uma

posição (Groppo, 2015).

Logo, os verifica-se que os resultados analisados por meio da análise de similitude salientam um conjunto de informações veiculadas pelo jornal sobre juventude e que completam as informações obtidas através da análise de classificação hierárquica descendente. Apesar da análise CHD ter apresentado as principais ideias da representação social da juventude a partir dos aspectos positivos e negativos, a análise de Similitude, em complemento, apresenta tais ideias a partir de outro arranjo simbólico, sinalizando para a existência de uma variedade de grupamentos e estilos juvenis a partir da condição social dos mesmos (favorecidos x desfavorecidos).

Destaca-se o fato de ambas as análises apresentaram resultados relacionados às definições de juventude. Na CHD temos uma representação dos estilos de juventude, via concepções do desenvolvimento humano e ciclo de vida. Na análise de similitude encontramos concepções mais específicas da juventude a partir do enfoque desenvolvimentistas, mas, regidas pelos aspectos sociais, conferindo uma compreensão mais ampla da juventude.

A terceira modalidade de tratamento adotada no banco de dados visando sua triangulação foi a análise de conteúdo e os resultados apontaram para um agrupamento em torno de três categorias: *a) Educação, b) Problemas e c) Juventudes*. Abaixo, na Tabela 1, são apresentadas as categorias formadas e suas subcategorias.

Tabela 1

Análise de Conteúdo – Matérias sobre juventude jornal Folha de São Paulo -2014

<i>Categories</i>	<i>Frequência</i>	<i>%</i>
I. Educação/Ensino		
I.1. Formação profissional	128	13,63%
I.2. Compromisso	78	8,31%
I.3. Espaços de ensino	57	6,07%
I. 4. Renda	39	4,15%
I. 5. Tempo/dedicação	21	2,24%
I. 6. Transformação social	11	1,17%
Sub-total	334	35,57%

II. Problemas		
II.1. Violência	82	8,73%
II.2. Desemprego	46	4,90%
II.3. Família como base	45	4,79%
II.4. Drogas	38	4,05%
II.5. Suicídio	25	2,67%
II.6. Baixa renda/pobreza	18	1,92%
II.7. IST's	13	1,38%
II.8. Prostituição	11	1,17%
II.9. Preconceito	7	0,74%
Sub-total	285	30,35%

III. Juventudes		
III.1. Diversidade	58	6,18%
III.2. Internet / mídia	54	5,75%
III.3. Corpo/Beleza	36	3,83%
III.4. Estabilidade afetiva/financeira	29	3,09%
III.5. Efêmero/passageiro	28	2,97%
III.6. Identidade	27	2,88%
III.7. Relação amorosa/ sexuais	27	2,88%
III.8. Morte	26	2,77%
III.9. Maternidade/paternidade	23	2,45%
IV.10. Ingresso na vida social	8	0,85%
IV.11. Religião	4	0,43%
Sub-total	320	34,08%
Total	939	100%

A primeira categoria –*Educação*, foi composta por 35,57% de elementos textuais e de seis subcategorias: formação profissional (n=128), compromisso (n=78), espaços de ensino (n=57), renda (n=39), tempo/dedicação (n=21) e transformação social (n=11). Verificou-se que essa categoria diz respeito a representações sobre formação profissional e qualificação da juventude. Faz alusão a aspectos que favorecem a formação dos jovens. A seguir, serão apresentados dois trechos de matérias que exemplificam a formação dessa categoria:

Programas como o Prouni [que dá bolsas em faculdades privadas], Fies [financiamento estudantil] e Ciências Sem Fronteiras, além das cotas, formam um pacote de políticas voltadas para o estudante de ensino público que passou a ter a faculdade como perspectiva. (Folha de São Paulo *on line*, Educação, 23 de dezembro de 2014).

No nível educacional é necessário destacar que somente 13% dos jovens seguiram ir até o ensino superior, sendo que 16% atingiram o ensino fundamental completo, 11% concluíram o fundamental, 21% o ensino médio incompleto e 38% conseguiram concluir o ensino médio. (Folha de São Paulo *on line*, Empreendedor social, 23 de abril de 2014).

Esta representação ancora-se na ideia de ensino e nos locais onde ocorre a dispersão do conhecimento entre os jovens, como em escolas e universidades. Contudo, mesmo existindo espaços para o ensino, a categoria sinaliza para motivos no qual se pode pensar o que dificulta a investidura de alguns jovens em um curso superior: tempo/dedicação e renda. Mesmo assim a categoria apresenta os jovens como protagonista do desenvolvimento do país e agentes transformadores da sociedade. Em relação a isso, como explica Menandro, Trindade e Almeida (2010), alguns jovens não se dispõem a ingressar em estágios preparatórios para um futuro profissional, mostrando assim, que nem todos os jovens encaram a juventude como um momento de preparação de formação profissional para vida futura.

Observa-se que a categoria apresentada completam as ideias expostas tanto pela análise da CHD, quanto pela análise de similitude. Ambas aludem para a importância do ensino/formação na vida dos jovens como possibilidade de crescimento, ascensão, valorização e transformação social. No entanto, através da análise de conteúdo, podemos identificar por meio da primeira categoria apresentada, que a mídia destaca os motivos pelo qual impossibilitam alguns jovens de concluir ou dar início aos estudos, como o fator financeiro (renda) e o compromisso expresso em forma de tempo e dedicação. Esse fato parece dialogar com a divisão identificada entre classes sociais apontada na análise de similitude de que jovens que pertencem a uma classe média, sejam aqueles com futuro e educação garantidos, enquanto o jovem menos favorecido (pobres) por apresentar menos recursos, sejam os excluídos socialmente, sejam considerados sem futuro, portanto, sem percepção de formação.

A segunda categoria – *Problemas*, congregou 30,35% dos conteúdos textuais presente nas matérias sobre juventude e foi composta por nove subcategorias: violência (n=82), desemprego (n=46), família (n=45), drogas (n=38), suicídio (n=25), baixa renda/pobreza (n=18), IST's (n=13), prostituição (n=11) e preconceito (n=7). Essa categoria aponta para a juventude tanto vítima quanto coautora de problemas. Abaixo, temos três exemplos de trechos de matérias que exemplificam a formação dessa categoria.

Estamos perdendo a guerra contra as drogas porque o consumo está aumentando e porque há dois novos problemas: a violência do tráfico e a repressão a jovens usuários, presos como traficantes, que ficam com as vidas marcadas para sempre. Nesse entendimento, estamos parecidos com os EUA. Mas estamos longe da clareza deles sobre como regulamentar o uso da cannabis (Folha de São Paulo *on line*, Cotidiano, 15 de novembro de 2014).

Os "brancos da nossa classe" fazem "flash mobs". Já os pobres negros, vistos com curiosidade antropológica, fazem "rolezinhos", que são exaltados em nome da

diversidade. O pobrismo racialista é a mais vistosa manifestação de vigarice intelectual do jornalismo e da academia. Esse olhar que supostamente defende os "excluídos" acaba por confiná-los num gueto conceitual, numa jaula de boa-consciência (Folha de São Paulo impressa, Poder, 17 de janeiro de 2014).

A geração que chega ao mercado será marcada pela crise? Sim, definitivamente. O desemprego entre os jovens está acima de 50%, salários baixaram, o financiamento para novos negócios é escasso (Folha de São Paulo *impressa*, Mercado, 08 de novembro de 2014).

A Folha de São Paulo expõe a imagem de uma juventude que se reflete na tensão entre protagonismo e vitimização. Verifica-se que os problemas (violência, a dependência e uso das drogas, o desemprego, suicídio, prostituição e as Infecções Sexualmente Transmissíveis - ISTs) apresentados nessa categoria partem da análise dos contextos nos qual estão inseridos alguns jovens. Além disso, observa-se que nesta categoria, as notícias sobre os problemas que envolvem a juventude parecem se referir ao perfil de jovens que não possuem base familiar ou que apresentam baixa renda. Essa ideia dialoga com os resultados da classe 1 (Formação profissional/ensino) e 2 (Morte por causa externa/violência) da CHD, no qual apresentou uma visão positiva e negativa da mídia relacionada à juventude.

Nesse sentido, a análise de conteúdo revelou dados importantes no que diz respeito ao perfil dessa juventude “problema”: jovens de classe baixa, desempregado e sem base familiar. Salienta-se que esses achados também refletem o da análise de similitude, no qual apontou em uma de suas classes, a relação Juventude-Problemas, porém fazendo alusão ao perfil de jovem da cor negra e pobre.

Em face disso, constata-se que embora o Estado possa ser culpado pela ausência/Baixa efetividade de políticas públicas que diminuam os problemas vivenciados pela juventude, a mídia faz uso de uma representação associada ao perfil de jovem pobre, sem formação e base

familiar como sendo o responsável por desencadear cometer ou se envolver em problemas. A respeito disso, apresenta-se o pensamento de Valesan (2015), no qual pondera que quando não há a adoção de normas e políticas sabidamente capazes de oferecer alternativas de mediação para os conflitos que tencionam a juventude, as desigualdades promovem injustiças visíveis.

Em relação à terceira categoria – *Juventudes*, a mesma agrupou 34,08% de todo o conteúdo textual das matérias. Foi composta por 11 subcategorias: diversidade (n=58), Internet/mídia (n=54), corpo/beleza (n=36), estabilidade afetiva/financeira (n=29), efêmero/passageiro (n=28), identidade (n=27), relações amorosas/sexuais (n=27), morte (n=26), maternidade/paternidade (n=23), ingresso na vida social (n=8) e religião (n=4). Apresenta ideias relacionadas à diversidade de significados sobre juventude, ao pluralismo de conceitos e de características a respeito desse fenômeno. Abaixo, temos dois exemplos de trechos de reportagens que fazem alusão à categoria apresentada:

Cada vez mais fica impossível nos atermos ao conceito de juventude e inocência. Acho que a Internet gera muita ansiedade por causa da pressão por auto-segurança, corpos bonitos ou sexualidade definida (Folha de São Paulo *on line*, Ilustrada, 04 de dezembro de 2014).

Mas o fato principal foram as dramáticas mudanças vivenciadas nos últimos 20 anos, onde é absolutamente normal e, talvez até esperado, que uma jovem dedique seus anos dourados reprodutivos, privilegiando não só sua carreira, mas sua ascensão pessoal, cultural e emocional, de modo que as relações conjugais, se iniciam mais tarde. (Folha de São Paulo *on line*, Colunistas, 23 de outubro de 2014).

Em relação a essa categoria, o jornal Folha de São Paulo alude para o fato de que a juventude pode ser percebida como uma etapa da vida na qual os indivíduos possuiriam uma maneira própria de ver, sentir e reagir, características que seriam específicas dos jovens, podendo ser identificada como um período compostos por atravessamentos. Nesse período há

a interveniência de fatores como meio social, maturação e aprendizagem na vida do jovem.

Constata-se em estudos sobre mídia e juventude (Espíndula, Alves, Carvalho, Almeida, & Cruz, 2015, Menandro et al., 2010, Santos et al., 2009), que quando a imprensa retrata a realidade dos jovens para população de forma geral, as representações perpassadas giram em torno de uma lógica de que a juventude está para além de uma fase específica da vida. Aqui, a mídia paulista ao se referir à juventude, considera os aspectos simbólicos, culturais e fisiológicos do desenvolvimento humano.

O que se verifica é uma representação baseada em uma concepção de juventude como um tempo de transição em que o ser humano vive um momento autônomo, com sentidos próprios, não somente como uma fase de preparação para uma fase seguinte da vida. Neste sentido, a mídia desempenha papel fundamental na ancoragem das representações sociais sobre juventude e na definição dos modos de vivência desse fenômeno, retrata o jovem como alguém em desenvolvimento, no qual vivencia situações e sentimentos diferentes.

Tais concepções reforçam os achados da classe 3 da análise de Similitude – *Juventudes*, o qual apresenta a ideia da existência de juventudes, ao atentar para o fato de que a mídia se refere à juventude por meio de um conjunto de aspectos não somente biológicos, mas também culturais e sociais, experiências de vida e a momentos compartilhados. Tais achados também reforçam a ideia de uma das classes da CHD – *Desenvolvimento humano*, apontando o modo como o jornal objetiva a juventude através da idade cronológica (aspectos biológicos) e redes de amizades e interação (aspectos sociais).

Os métodos de análise empregados nessa investigação forneceram subsídios para uma compreensão mais profunda das representações sociais da mídia sobre juventude. A Classificação Hierárquica Descendente proporcionou a avaliação da inter-relação entre as classes de palavras presentes no discurso da mídia sobre juventude a partir do cruzamento entre as UCE das classes e as formas reduzidas características da mesma classe. Com ajuda da

análise de Similitude foi possível à identificação das coocorrências de palavras por meio dos elementos de significados mais próximos, viabilizando a identificação da estrutura das representações sociais. Já análise de conteúdo possibilitou a formação de categorias mais gerais de conteúdo, trabalhando os sinônimos menos utilizados, suprindo uma lacuna na qual o programa *Iramuteq* não realiza, uma vez que o mesmo considera (no corte inicial) apenas as palavras do corpus textual com uma frequência mínima previamente estabelecida. Frente a isso, compartilha-se o pensamento dos autores Almeida (2005) e Farr (2002), no qual atentam para o fato de que o caráter plurimetodológico da pesquisa no campo das representações sociais torna possível o emprego de uma ampla variedade de métodos e técnicas de análise.

Por isso, acredita-se que ambas as análises se complementaram para explorar ao máximo o fenômeno estudado. Em suma, as representações sociais da juventude veiculadas pelo jornal a folha de São Paulo apontaram para a existência de *Juventudes* no plural, porém, definidas. Uma relacionada a condicionantes sociais, como formação/qualificação profissional e renda e, outra, por aspectos concernentes ao desenvolvimento humano, como o aprimoramento de habilidades e perspectivas de futuro.

Essa ideia parte dos resultados no qual foram identificados: *aspectos antagônicos*, como a separação ou distinção de jovens por classes sociais a partir de uma visão positiva (formação/ensino) em contraposição a uma ideia negativa (problemas) sobre os jovens que, embora sejam representações contrárias, são informações complementares para entender que a mídia sinaliza para a fatores relacionados a desigualdade social como constituinte da imagem do jovem-problema; *comuns*, no que se refere aos direitos que são garantidos a juventude e, ainda, de *diferenciação* por meio da concepção de estilos de juventude, pressupondo que não se pode pensar juventude por meio de critérios biológicos como idade, nem tão pouco levar em conta apenas os critérios sociais ou culturais, mas, além disso, as múltiplas relações estabelecidas e as experiências de vida de cada sujeito.

Considerações Finais

Para o propósito desta pesquisa, o conteúdo do texto das matérias analisadas foi considerado como expressão da representação social da mídia sobre juventude. O estudo documental foi o meio encontrado para compreender as representações sociais da juventude apresentadas pela imprensa. De maneira geral não se considerou a mídia apenas como veículo condutor das ideias e pensamentos do emissor para o receptor, mas como instrumento (re)produtor de saberes capaz de orientar condutas e construir significados partilhados socialmente.

Os resultados encontrados nesta pesquisa convergem com os encontrados por Menandro et al. (2010), no qual destacam que juventude é um tema de reflexão e intervenção no qual merece atenção, uma vez que as informações sobre juventude que são veiculadas pela mídia e apropriadas pela população está em estreita ligação com a contextura social na qual acontece. Estas observações, como ressaltam Mattos e Castro (2016), deve-se ao fato de haver uma incidência de informações positivas ou negativas relacionadas à juventude. É pensando nisso, que Moscovici (2012) considera a mídia como tendo papel ativo na difusão do saber, uma vez que mesma estabelece uma ordem para capacitar os indivíduos a se orientar em seu mundo material e social e controlá-lo.

A ênfase conferida aos meios de comunicação na produção da realidade nos faz entender o pensamento de Rodrigues et al. (2015), ao considerarem que os conteúdos informativos divulgados pela mídia seriam os pilares da construção da realidade e que os meios de comunicação seriam, ao mesmo tempo, produto e parte integrante do conhecimento social. Estas relações se fazem presentes quando observamos os elementos de objetivação sobre as representações da juventude identificados nesse estudo pela imprensa: *(a) formação profissional; (b) problemas; (c) estilos de juventude.*

Entre os elementos apresentados pela mídia envolvendo juventude, destaca-se aquele

que merece uma maior atenção – *problemas*. Este elemento representacional da juventude apresentado pelo veículo exposto está ancorado na crença da juventude despreocupada com o futuro e não interessada com a busca da entrada no mercado de trabalho e formação profissional, crenças estas que demarcam a idade adulta e o ser adulto. Nessa concepção, o jovem de baixa renda, sem trabalho e instrução profissional constitui a imagem/objetivação do jovem-problema.

Percebe-se que tal representação social está engedrada na complexidade das determinações econômicas, sociais e educacionais que existem no país. Em razão disso, tornar-se importante repensar os papéis sociais estabelecidos à juventude atualmente, visto que somos um país essencialmente jovem, ainda carecendo de formação educacional e profissional, mas compreendida pelo viés negativista e com pouca perspectiva de futuro.

Apesar do jornal em tela apresentar uma compreensão da juventude via apresentação de uma representação social baseada em aspectos biológicos, sociais, culturais e socioeconômicos, ao se analisar mais afundo e cuidadosamente os resultados, percebe-se que embora a imprensa aponte para aspectos que contemple a ideia de juventudes, ela mesmo a agrupa em duas possibilidades de juventude, uma mais *transitória*, concebida pelos aspectos do desenvolvimento humano, como desenvolvimento de habilidades, entrada no mundo adulto e perspectivas de futuro, e outra, mais *estanque*, focada nos problemas e falta de perspectivas juvenis. O que determinaria o jovem a ser nomeado como uma ou outra possibilidade são os determinantes sociais e econômicos, forçando então, a maioria destes representantes das camadas populares a serem representados como um problema.

Por fim, esta pesquisa não teve como objetivo analisar a representação da juventude em diferentes mídias, sendo restrita a um único veículo da imprensa midiática, o que indica a necessidade de investigações futuras. Seria interessante verificar o tipo de conteúdo veiculado por outros tipos de mídia. Pontua-se ainda que a utilização da técnica de triangulação

metodológica empregada neste estudo proporcionou uma visão mais ampla para a compreensão do objeto analisado, uma vez que conferiu mais robustez, coerência e coesão na discussão dos resultados. Todavia, atentamos para o fato de que o uso da triangulação reduz as chances de erro de uma pesquisa, mas não o elimina, cabendo ao pesquisador atenção em todos os procedimentos empregados.

Assim, este estudo apresentou uma contribuição metodológica para investigações com objetivos semelhantes, que visam identificar as representações sociais de algum objeto social relevante. Aclara-se para o fato de que esta temática necessita de outros estudos que complementem os resultados aqui encontrados, tendo em vista que os mesmos não podem ser generalizados.

Referências Bibliográficas

- A língua condenada. (2014, 12 dez). *FSP impressa*. Recuperado em 14 abril, 2016, de: <http://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2014/12/1561250-editorial-a-lingua-condenada.shtml>.
- Almeida, A. M. O. (2005). A Pesquisa em Representações Sociais: Proposições teórico-metodológicas. In M. F. S. Santos & L. M. Almeida (Orgs.). *Diálogos com a Teoria da Representação Social* (pp. 117-160). Recife: EDUFPE/EDUFAL.
- Associação Nacional de Jornais (2015). *Maiores jornais do Brasil*. Recuperado em 15 dezembro, 2016, de: <http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil>.
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo* (6a ed.). Lisboa: Edições 70.
- Brasil (2013). Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. *Institui o Estatuto da juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o sistema nacional de juventude*. Brasil, Distrito Federal: Casa Civil. Recuperado em 20 julho, 2016, de: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm.

- Cabe a cada mulher decidir pelo congelamento de óvulos. (2014, 23 out). *FSP on line*. Recuperado em 28 setembro, 2016, de: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/claudiacollucci/2014/10/1536960-cabe-a-cada-mulher-decidir-pelo-congelamento-de-ovulos.shtml>.
- Camargo, B. V., & Justo, A. M. (2013). IRAMUTEQ: Um Software Gratuito para Análise de Dados Textuais. *Temas em Psicologia*, 21(2), 513-518.
- Coimbra, C., Bocco, F., Nascimento, M. (2005). Subvertendo o conceito de adolescência. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 57 (1), 2-11.
- Cassab, C., Toledo, J. A. C., Ferreira, K. O., & Rezende, R. P. (2016). Representações na mídia da juventude e a produção do medo: experiência em uma cidade média brasileira. *Finisterra, Revista Portuguesa de Geografia*, 102 (1), 103-120.
- Castro, L. R. (2008). Participação política e juventude: do mal-estar à responsabilização frente ao destino comum. *Revista de Sociologia e Política*, 16 (30), 253-268.
- Creswel, J. W. (2007). *Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto* (2a ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Doula, S. M. (2013). Família, escola e juventude nos debates sobre a cultura contemporânea. *Educação em Revista*, 29 (1), 305-310.
- Espíndula, D. H. P., Alves, L.S., Carvalho, L. de A., Almeida, M. B., & Cruz, S. T. M. (2015). Representações sociais de crack e adolescência na imprensa pernambucana. *Temas em Psicologia*, 23(2), 281-292.
- Farr, R. M. (2002). Representações Sociais: A teoria e sua história. In: P. Guareschi & S. Jovchelovitch (orgs.). *Textos em representações sociais* (pp 31-59). (7a ed.). Petrópolis-RJ: Vozes.
- Grosso, L. A. (2015). Teorias pós-críticas da juventude: juvenilização, tribalismo e socialização ativa. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 13

(2), pp. 567-579.

Günther, H. (2006). Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: Esta é a questão?

Psicologia: Teoria e Pesquisa, 22 (2), 201-210.

Interesse de aluno explica alta das escolas públicas, diz educadora. (2014, 23 dez). *FSP on*

line. Recuperado em 28 setembro, 2016, de:

<http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2014/12/1566307-interesse-de-aluno-explica-alta-das-escolas-publicas-diz-educadora.shtml>.

Jason Reitman fala sobre crescer conectado e os vazamentos de fotos. (2014, 04 dez). *FSP on*

line. Recuperado em 28 setembro, 2016, de:

<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/12/1556954-jason-reitman-fala-sobre-crescer-conectado-e-os-vazamentos-de-fotos.shtml>.

Jodelet, D. (2001). Representações sociais: Um domínio em expansão (L. Ulup, Trad.). In D.

Jodelet (Ed.). *As representações sociais* (pp. 187-203). Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ.

Juventude brasileira: urgência no debate público. (2014, 23 abr). *FSP on line*. Recuperado em

29 setembro, 2016, de:

<http://www1.folha.uol.com.br/empreendedorsocial/colunas/2014/04/1444377-juventude-brasileira-urgencia-no-debate-publico.shtml>.

Lacerda, S. T., & Cruz, L. M. F. (2015). Juventude pobre e o acolhimento institucional: os

sentidos compartilhados na mídia impressa em Pernambuco. *Tópicos educacionais*, 21

(1), 250-282.

Maconha para fins médicos deve ser facilitada, diz Cristovam Buarque. (2014, 15 nov). *FSP*

on line. Recuperado em 29 setembro, 2016, de:

<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/11/1548629-maconha-para-fins-medicos-deve-ser-facilitada-diz-cristovam-buarque.shtml>.

Maheirie, K., Groff, A. R., Bueno, G., Mattos, L. K., Silva, D. O. B., & Müller, F. L. (2013).

- Concepções de juventude e política: produção acadêmica em periódicos científicos brasileiros (2002 a 2011). *Estudos de Psicologia (Natal)*, 18 (2), 335-342.
- Mattos, A. R., & Castro, L. R. de. (2016). Jovens e a liberdade: Reflexões sobre autonomia, responsabilidade e independência. *Psicologia & Sociedade*, 28 (1), 65-73.
- Mayorga, C. (2013). Pesquisar a juventude e sua relação com a política: notas metodológicas. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 18 (2), 343-350.
- Menandro, M. C. S., Trindade, Z. A. & Almeida, A. M. O. (2010). *Gente Jovem reunida: Representações sociais da adolescência/juventude em textos jornalísticos*. GM editora: Vitória, ES.
- Moscovici, S. (2012). *A psicanálise, sua imagem e seu público*. Petrópolis: Vozes.
- Nascimento, A. R. A. (2004). *Memória dos verdes anos: saudade da infância na música popular brasileira - Uma investigação e uma proposta de análise de dados*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, Brasil.
- Oliveira, A. A. S., & Trancoso, A. E. R. (2014). Processo de produção psicossocial de conceitos: infância, juventude e cultura. *Psicologia & Sociedade*, 26 (2), 18-27.
- Pais, J. M. (2009). A Juventude como Fase de Vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. *Saúde e Sociedade*, 18(3), 371-381.
- Para psicanalistas, é preciso defender memória de ditadura. (2014, 24 dez). *FSP on line*. Recuperado em 21 abril, 2016, de: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/12/1566732-para-psicanalistas-e-preciso-defender-memoria-da-ditadura.shtml>.
- Pimentel, T. P., & Silva, L. I. C. (2016). Situações e representações sobre adolescência, juventude e violência: um estudo qualitativo a partir da mídia impressa paraense. *Revista conexão de saberes*, 1 (1), 31-36.
- Rodrigues, D. R. S. R., Conceição, M. I. G., & Iunes, A. L. S. (2015). Representações Sociais

- do Crack na Mídia. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 31(1), 115-123.
- Rolezinhos e mistificações baratas. (2014, 17 jan). *FSP impressa*. Recuperado em 27 setembro, 2016, de: <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup-colunista.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/148034-rolezinho-e-mistificacoes-baratas.shtml>.
- Sá, C. P. (2002). *Núcleo central das representações sociais*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Saída para crise da Grécia exige trabalho de herói, diz jornalista. (2014, 08 nov). *FSP impressa*. Recuperado em 30 setembro, 2016, de: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/194509-saida-para-crise-da-grecia-exige-trabalho-de-heroi-diz-jornalista.shtml>.
- Santos, M. F. S., Aléssio, R. L. S., & Silva, J. M. M. N. (2009). Os adolescentes e a violência na imprensa. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25(3), 447-452.
- Santos, M. F. S, Acioli Neto, M. L., & Sousa, Y. S. O. (2012). Representações sociais do crack na imprensa pernambucana. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 29 (3), 379-386.
- Sem medo. (2014, 29 nov). *FSP on line*. Recuperado em 18 abril, 2016, de: <http://m.folha.uol.com.br/colunas/oscarvilhenavieira/2014/11/1555223-sem-medo.shtml>.
- Silva, L. S., & Alves, A. S. M. L. (2013). A criminalização da juventude no discurso midiático da violência escolar em Belém-pa. *Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE*, 2 (3), 110-130.
- Szapiro, A. M., & Resende, C. M. de A. (2010). Juventude: etapa da vida ou estilo de vida? *Psicologia & Sociedade*, 22 (1), 43-49.
- Taqueti, C. L. (2010). *A gestão das políticas de juventude: o caso de Vitória, 2005-2010*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES.
- Turma da pesada no condomínio. (2014, 25 mai). *FSP on line*. Recuperado em 24 abril, 2016, de: <http://m.folha.uol.com.br/colunas/marciorachkorsky/2014/05/1459320-turma-da->

pesada-no-condominio.shtml.

Universidade pública e sociedade. (2014, 28 set). *FSP on line*. Recuperado em 14 abril, 2016,

de: [http://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup-](http://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup-colunista.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaio/187869-a-universidade-publica-e-a-sociedade.shtml)

[colunista.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaio/187869-a-universidade-](http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaio/187869-a-universidade-publica-e-a-sociedade.shtml)

[publica-e-a-sociedade.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaio/187869-a-universidade-publica-e-a-sociedade.shtml).

Valesan, S. (2015). Apresentação. In: Waiselfisz, J. J. (2015). *Mapa da violência 2015:*

Mortes Matadas por Armas de Fogo. Recuperado em 14 julho, 2017, de:

<http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/mapaViolencia2015.pdf>.

Waiselfisz, J. J. (2016). *Mapa da Violência 2016: Homicídios por armas de fogo no Brasil*.

Brasil, DF. Recuperado em 14 julho, 2017, de:

http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2016/Mapa2016_armas_web.pdf.

CONCLUSÃO

Esta dissertação se propôs a discutir e analisar o que vem sendo pensado e apresentado sobre a temática juventude a partir de diferentes posicionamentos sociais. Tal ideia propiciou duas investigações, uma com intuito de analisar a produção científica sobre a temática da juventude por meio de artigos vinculados a periódicos nacionais que contemplam área da psicologia publicados entre os anos de 2006 a 2015 e, outra, pretendendo conhecer quais são as representações sociais elaboradas e apresentadas pela mídia sobre juventude. Essa empreitada nos direcionou para a análise da transformação do conhecimento psicológico científico em senso comum.

Aqui tivemos a ciência como meio para se conceber o universo reificado, uma vez que o fenômeno em estudo (juventude) foi analisado através de artigos científicos. E, em contrapartida, utilizamos a mídia para analisar o universo consensual por meio das representações sociais da mesma sobre juventude que são apresentadas a sociedade sem ocultar valores que se movem na direção cotidiana. Com a realização dos dois estudos, percebemos que a ciência cumpre com o objetivo de nortear o pensamento da sociedade e, nessa dinâmica, cabe aos meios de comunicação (como a imprensa), a tarefa de re(criar) as representações sociais oriundas do universo reificado para que sejam propiciadas as pessoas a criação de um novo senso comum e, assim, se torne consensual.

Nesse sentido, verificou-se a existência de formas diferentes de conhecer e de se discutir juventude, formas que são móveis: a científica e a consensual. Se considerarmos a ideia de universo reificado postulado por Moscovici (2012), fazemos alusão à ideia de que todas as coisas são a medida do ser humano, ou seja, a realidade é construída pela ciência. Por outro lado, se postularmos a ideia de universo consensual também proferida pelo autor, temos o contrário, o ser humano é a medida para todas as coisas.

Entretanto, pretende-se aqui, aclarar para o fato de que o pensamento social em sua dinâmica e em sua diversidade formam classes diferentes de universos que apontam para ideias que concebem um mundo objetivo, onde circulam os conhecimentos científicos (universo reificado), que vão sendo apropriados por uma consciência coletiva (universo consensual), capaz de explicar coisas e eventos por meio de processos (objetivação e ancoragem) que dão forma à nossa realidade. Compartilhamos, então, o pensamento de Boaventura Souza Santos (2010) ao pontuar que é necessário o reconhecimento crescente do caráter do conhecimento científico e da necessidade de procurar diálogos entre ele e conhecimentos não científicos para a evolução humana.

Por isso, acreditamos que a utilização da revisão sistemática empregada no *Estudo I – Revisão sistemática da literatura sobre juventude em periódicos nacionais* possibilitou sintetizar informações, identificar e avaliar evidências relevantes existentes sobre o fenômeno da juventude a partir de estudos primários. Os critérios adotados foram descritos de modo que outros pesquisadores possam repetir o mesmo procedimento. A preocupação com a identificação das fontes de pesquisa (base de dados), seleção dos artigos sobre juventude, avaliação da qualidade dos estudos e a construção da síntese de informações foram primordiais para execução da pesquisa.

Entre as informações obtidas por meio do Estudo I, constatou-se que em psicologia há uma maior concentração de estudos sobre juventude reunidos na área de psicologia social, na área de tratamento e prevenção psicológica, demarcados por estudos de abordagem psicanalítica e na área de psicologia do desenvolvimento humano. Além disso, verificou-se que muitos pesquisadores preocupados em analisar a temática têm utilizado tanto amostras envolvendo uma quantidade pequena de participantes, quanto grandes amostras com número elevado de sujeitos (superior a 100), a depender do objetivo e do método relacionado à investigação.

Destaca-se ainda nos resultados do Estudo I, a verificação do uso de mais de um instrumento de coleta de dados. Tal fato confere aos mesmos uma maior dedicação e mais precisão ao analisar e discutir a temática da juventude, o que pode ser considerado como um dos motivos pelo qual alguns estudos sobre juventude analisados encontram-se publicados em revistas com Qualis CAPES variando entre B1, A1 e A2.

Considerando a ideia de Moscovici (2012), de que as representações sociais não são apenas opiniões ou imagens sobre alguém/algo, mas teorias construídas com lógica e linguagem particular, a partir do real e estruturada em valores e conceitos que nos proporciona pensar os acontecimentos da vida cotidiana, que a TRS foi utilizada como suporte para análise das representações sociais sobre juventude pela mídia explanada no *Estudo II – Juventude em foco: representações sociais da juventude na folha de são paulo*. E, visando ampliar a discussão sobre a influência dos contextos sociais sobre as informações que temos acesso por meio dos modelos de pensamento recebidos e transmitidos em nossa sociedade, que se levou em consideração a utilização da triangulação metodológica para contemplar a investigação do fenômeno estudado a luz da TRS.

O uso da triangulação metodológica visou à melhoria da validade dos resultados, com vistas à prevenção de possíveis distorções relativas à aplicação de um único método. Reflete uma tentativa de assegurar uma compreensão em profundidade do fenômeno em questão (juventude). Conforme Figaro (2014) a triangulação pode ser um caminho seguro para a validação da pesquisa. É uma alternativa para se empreender múltiplas práticas metodológicas e perspectivas em um mesmo estudo, o que garante credibilidade, riqueza e complexidade ao trabalho.

Em se tratando do uso do *software Iramuteq* empregado para análise das matérias do jornal para discussão das representações sociais da juventude pela imprensa, a mesmo possibilitou a explanação lexicográfica, demonstrando graficamente as palavras pertencentes

às representações sociais concernentes ao objeto estudado. A expressão contextualizada das palavras que o *Iramuteq* forneceu permitiu integrar a intencionalidade comunicativa dos indivíduos e a organização cultural e social dos significados advindos da linguagem e da comunicação. Através dele foi possível a busca dos termos presentes nas unidades de contexto, permitindo a comparação e diferenciação de discursos relacionados às variáveis específicas, agrupando as palavras em função de suas raízes, em formas reduzidas.

Esse feito proporcionou a análise da distribuição do conjunto de vocábulos apreendidos nas reportagens sobre juventude para identificação das representações sociais. De acordo com os padrões de coocorrências entre as classes formadas, houve a descrição da frequência dos termos relacionados à juventude presentes nas matérias. Desse modo, com ajuda da classificação hierárquica descendente foi possível explanação das classes de palavras encontradas, com base na proximidade de conteúdos do total do corpus analisados, sendo projetada em gráfico (dendrograma).

Por meio da análise de Similitude, o programa *Iramuteq* utilizou indicadores estatísticos para apresentar as relações entre os vocábulos presentes nas matérias do jornal, possibilitando identificar as coocorrências entre as palavras e conexidade das mesmas a partir da relação que uma guardava com a outra. Neste sentido, foi facilitada a identificação da estrutura da representação, produzindo o corpus textual específico para discussão do objeto estudado.

A utilização da análise de conteúdo no artigo II levou em consideração a possibilidade da mesma de ser aplicada no exame de documentos escritos ou discursivos. Por meio da descrição, inferência e interpretação das matérias, foi possível a atribuição de sentido às características dos enunciados e a descrição do conteúdo das mensagens através dos “núcleos de sentido comum”, conjunto formado por categorizações que compõem a comunicação, cuja

presença e aparição frequente serviram de análise das representações sociais da juventude pela mídia.

Em face disso, a efetivação deste trabalho via TRS permitiu-nos aprofundar, através dos métodos de análise adotados, que os elementos constituintes das representações sociais da juventude pela mídia giram em torno de três assuntos: *1 – Formação profissional*, no qual se relaciona a uma representação social positiva sobre formação profissional da juventude, fazendo alusão a aspectos que favorecem a qualificação dos jovens. *2 – Problemas*, na qual aponta para aspectos negativos que englobam comportamentos desviantes dos jovens (uso de drogas, a violência e a criminalidade, por exemplo). *3 – Estilos de juventude*, uma representação associada à diversidade de significados sobre juventude, ao pluralismo de conceitos e de características desse fenômeno.

Tanto o primeiro estudo, quanto o segundo estudo proporcionaram uma visão sobre fenômeno pesquisado de modo que foi possível identificar e discutir a produção de estudos sobre juventude em psicologia e as representações sociais da juventude criadas pela mídia. Tais investigações trouxeram contribuições que possibilitaram entender e conhecer perspectivas diferentes sobre o fenômeno em questão e, principalmente, que as discussões que envolvem juventude são atravessadas por múltiplos aspectos, tais como: fatores físicos e maturacionais do desenvolvimento humano, cultura, renda, escolaridade, classe social, raça, etc. Isso pode ser levado em consideração como um dos motivos que justificaram a identificação da ideia de juventudes no plural, não sendo juventude, um termo unívoco.

Por fim, acreditamos que as compreensões acerca da juventude não devem ser investigadas apenas pela incidência de pesquisas e informações envolvendo jovens, mas pelo fato desse fenômeno (juventude) nos fazer refletir sobre o papel que os jovens ocupam e desempenham na sociedade. Assim, para a realização das investigações que compõem essa dissertação, atentou-se para o fato de que a verbalização de ideias e pensamentos implicam o

suporte de uma língua, a enunciação de ideias e crenças, onde se expressam pontos de vistas, através de atos semióticos que projetam imagens sobre o objeto do discurso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abric, J. C. (1998). A abordagem estrutural das representações sociais. In A. S. P. & D.C.D. de Oliveira (Orgs.). *Estudos interdisciplinares de representação social*, 2, 27-38.
- Almeida, G. J. (2005). As Representações sociais, o imaginário e construção social da realidade. In: M. de F. S. Santos & L. M. Almeida. *Diálogos com a Teoria das Representações Sociais* (pp. 41-75). Pernambuco: Ed Universitária da UFPE.
- Alves, M. Z., & Dayrell, J. T. (2015). Transnacionalismo, juventude rural e a busca de reconhecimento. *Educação e Pesquisa*, 41 (spe), 1455-1471.
- Andrade, S. S., & Meyer, D. E. (2014). Juventudes, moratória social e gênero: flutuações identitárias e(m) histórias narradas. *Educar em Revista*, (spe-1), 85-99.
- Associação Nacional de Jornais. (2015). *Maiores jornais do Brasil*. Recuperado em 15 dezembro, 2016, de: <http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil>.
- Bauer, M. W., Gaskell, G. (2008). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático*. (7a ed.). Petrópolis-RJ: Vozes.
- Brasil. (2013). Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. *Institui o Estatuto da juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o sistema nacional de juventude*. Brasil, Distrito Federal: Casa Civil. Recuperado em 20 julho, 2016, de: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm.
- Brenner, A. K., & Carrano, P. C. R. (2014). Os sentidos da presença dos jovens no Ensino Médio: Representações da escola em três filmes de estudantes. *Educação & Sociedade*, 35 (129), 1223-1240.
- Cassab, C. (2011). Contribuição à construção das categorias jovem e juventude: uma introdução. *Locus: revista de história*, 17 (2): 145-159.
- Castro, L. R. (2008). Participação política e juventude: do mal-estar à responsabilização frente

- ao destino comum. *Revista de Sociologia e Política*, 16 (30), 253-268.
- Dayrell, J., G., N. L., & Leão, G. (2010). Escola e participação juvenil: é possível esse diálogo? *Educar em Revista*, (38), 237-252.
- Dayrell, J. (2007). A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação & Sociedade*, 28(100), 1105-1128.
- Doula, S. M. (2013). Família, escola e juventude nos debates sobre a cultura contemporânea. *Educação em Revista*, 29 (1), 305-310.
- Espíndula, D. H. P., Alves, L.S., Carvalho, L. de A., Almeida, M. B., & Cruz, S. T. M. (2015). Representações sociais de crack e adolescência na imprensa pernambucana. *Temas em Psicologia*, 23(2), 281-292.
- Florentino, R. (2008). Democracia Liberal: Uma novidade já desbotada entre jovens. *Opinião Pública*, 14 (1), 205-235.
- Gil, C. Z. V., & Seffner, F. (2016). Dois Monólogos Não Fazem um Diálogo: jovens e ensino médio. *Educação & Realidade*, 41(1), 175-192.
- Grosso, L. A. (2015). Teorias pós-críticas da juventude: juvenilização, tribalismo e socialização ativa. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 13 (2), pp. 567-579.
- Jodelet, D. (2001). Representações sociais: Um domínio em expansão (L. Ulup, Trad.). In D. Jodelet (Ed.). *As representações sociais* (pp. 187-203). Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ.
- Laranjeira, D. H. P., Iriart, M. F. S., & Rodrigues, M. S. (2016). Problematizando as Transições Juvenis na Saída do Ensino Médio. *Educação & Realidade*, 41(1), 117-133.
- Leão, G., Dayrell, J. T., & Reis, J. B. (2011). Jovens olhares sobre a escola do ensino médio. *Cadernos CEDES*, 31(84), 253-273.
- Lacerda, S. T., & Cruz, L. M. F. (2015). Juventude pobre e o acolhimento institucional: os sentidos compartilhados na mídia impressa em Pernambuco. *Tópicos educacionais*, 21

(1), 250-282.

Maheirie, K., Groff, A. R., Bueno, G., Mattos, L. K., Silva, D. O. B., & Müller, F. L. (2013).

Concepções de juventude e política: produção acadêmica em periódicos científicos brasileiros (2002 a 2011). *Estudos de Psicologia (Natal)*, 18 (2), 335-342.

Mattos, A. R., & Castro, L. R. de. (2016). Jovens e a liberdade: Reflexões sobre autonomia, responsabilidade e independência. *Psicologia & Sociedade*, 28 (1), 65-73.

Mayorga, C. (2013). Pesquisar a juventude e sua relação com a política: notas metodológicas. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 18 (2), 343-350.

Menandro, M. C. S., Trindade, Z. A. & Almeida, A. M. O. (2010). *Gente Jovem reunida: Representações sociais da adolescência/juventude em textos jornalísticos*. GM editora: Vitória, ES.

Moscovici, S. (2012). *A psicanálise, sua imagem e seu público*. Petrópolis: Vozes.

Oliveira, A. A. S., & Trancoso, A. E. R. (2014). Processo de produção psicossocial de conceitos: infância, juventude e cultura. *Psicologia & Sociedade*, 26 (2), 18-27.

Organização Mundial da Saúde - OMS/Ops. (1985). *La salud del adolescente y el joven em las Américas*, D.C.

Pais, J. M. (2009). A Juventude como Fase de Vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. *Saúde e Sociedade*, 18(3), 371-381.

Pappámikail, L. (2010). Juventude(s), autonomia e sociologia: questionando conceitos a partir do debate acerca das transições para a vida adulta. *Revista do Departamento de Sociologia da FLUP*, 20, 395-410.

Polis/Ibase. (2005). Juventude brasileira e democracia: participação, esferas e políticas públicas. *Relatório final*. Rio de Janeiro: IBASE.

Sá, C. P. (2002). *Núcleo central das representações sociais*. Petrópolis: Editora Vozes.

Santos, B. S. (2010). *Um discurso sobre as ciências*. (16a ed.). Porto: Edições Afrontamento.

- Santos, M. de F. de S. (2005) A Teoria das Representações Sociais. In: M. de F. de S. Santos & L. M. de Almeida. (Org.). *Diálogos com a Teoria das Representações Sociais*. Pernambuco: Ed Universitária da UFPE.
- Silva, M. R., Pelissari, L. B., & Steimbach, A. A. (2013). Juventude, escola e trabalho: permanência e abandono na educação profissional técnica de nível médio. *Educação e Pesquisa*, 39(2), 403-417.
- Souza, C., & Paiva, I. L.. (2012). Faces da juventude brasileira: entre o ideal e o real. *Estudos de Psicologia*, 17(3), 353-360.
- Szapiro, A. M., & Resende, C. M. de A. (2010). Juventude: etapa da vida ou estilo de vida? *Psicologia & Sociedade*, 22 (1), 43-49.
- Takeiti, B. A., & Vicentin, M. C. G. (2015). A produção de conhecimento sobre juventude(s), vulnerabilidades e violências: uma análise da pós-graduação brasileira nas áreas de Psicologia e Saúde (1998-2008). *Saúde e Sociedade*, 24(3), 945-963.
- Takeuti, N. M. (2012). Paradoxos sociais e juventude contemporânea. *Estudos de Psicologia*, 17(3), 427-434.
- Tavares, B. L. (2012). Método documentário e a análise das orientações geracionais da juventude. *Caderno CRH*, 25 (66), 587-600.
- Torres, M. C. E., & Castro, L. R. (2009). Resgatando e atualizando os sentidos da autoridade: um percurso histórico. *Paidéia*, 19(42), 87-96.
- Trancoso, A. E. R., & Oliveira, A. A. S. (2014). Produção social, histórica e cultural do conceito de juventudes heterogêneas potencializa ações políticas. *Psicologia & Sociedade*, 26 (1), 137-147.
- Vala, J. (2004). *Representações sociais: para uma psicologia social do pensamento social*. Em J.Vala & M.B. Monteiro (Orgs.), *Psicologia Social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Zanella, A. V., Groff, A. R., Silva, D. O. B., Mattos, L. K., Furtado, J. R., & Assis, N. (2013). Jovens, juventude e políticas públicas: produção acadêmica em periódicos científicos brasileiros (2002 a 2011). *Estudos de Psicologia, 18*(2), 327-333.
- Zoltowski, A.P.C., Costa, A.B., Teixeira, M.A.P., & Koller, S.H. (2014). Qualidade metodológica das revisões sistemáticas em periódicos de psicologia brasileiros. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 30*(1), 97-104.